MARIANA OSHIMA

Alicerce



MARIANA OSHIMA

Alicerce



CRÉDITOS

Alicerce ©2024 Mariana Oshima
Todos os direitos reservados
Criado no Brasil.

PREPARAÇÃO: Mariana Pereira
EDIÇÃO: Fernanda Segantini
REVISÃO: Fernanda Segantini e Mariana Pereira
CAPA: Laura Machado
DIAGRAMAÇÃO: Laura Machado
COORDENADORA EDITORIAL: Mariana Pereira



Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança é mera coincidência.

Todos os direitos estão reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

1ª Edição, Mariana Oshima, 2024.

Para minha mãe e meu pai,
por me mostrarem que histórias de amor
são possíveis (ainda que raras) na vida real.

E para todos aqueles que ainda acreditam em um final feliz!

SUMÁRIO

CRÉDITOS
PRÓLOGO
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS



PRÓLOGO

Verão de 2005

— Você está bem? — A voz de Henrique ecoou como se estivesse a quilômetros de distância. Devia ser a quarta ou quinta vez que ele me perguntava a mesma coisa desde que havíamos chegado ao clube.

Estávamos sentados em volta de uma mesinha redonda de madeira, coberta por um guarda-sol colorido. Ainda assim, alguns raios de sol nos alcançavam.

— Tô sim, só estava pensando — olhei para ele, que continuava no mesmo lugar. Ele tinha os olhos semicerrados por conta do sol e o rosto melado de protetor solar.

Fazia duas semanas desde o meu aniversário de quinze anos e o término com Theo. Quinze dias da nossa derradeira discussão bem no meio da festa e nunca mais tínhamos trocado qualquer mensagem no MSN, ou ao menos algumas palavras pessoalmente. Nossas interações, se é que podiam ser chamadas assim, resumiam-se a olhares frios pelos corredores da escola, fora os comentários em forma de burburinhos, por vezes maldosos.

— Olha, se você não estiver se sentindo bem, sabe que podemos ir embora, né? — Henrique falou novamente, colocando uma mão sobre a testa para se proteger do sol.

— E perder a chance de ver você ficar parecendo um camarão? De jeito nenhum, não vamos embora — provoquei, passando o dedo por seu nariz, que ainda estava cheio de protetor.

— Você sabe como eu odeio esse treco grudento — ele colocou a língua para fora, como se fosse uma criança mimada.

— Eu sei! Mas se não passar, sua mãe te mata — lembrei, já dando risada de sua feição mal-humorada. — Anda, pare de reclamar e vê se passa

isso direito.

— E você vai entrar na água hoje ou vai ficar aí lendo a sua *Capricho* do mês? — Ironizou, passando o seu dedo no meu rosto e sujando meu nariz com o creme dessa vez.

— Você acha mesmo que eu vim até o clube num sol de rachar desses para ficar sentada lendo a revista? — Levei a mão ao peito, fingindo estar ofendida.

Ele deu de ombros.

— Pois você está muito enganado, Henrique Bonté — puxei a sílaba final de seu sobrenome exageradamente, como era meu costume para provocá-lo. — Eu vou curtir muito sim, com ou sem o senhor.

Na noite anterior, quando meu amigo me deixou uma mensagem no mural de recados do Orkut perguntando se eu estava a fim de ir para o clube naquele sábado de sol, meu primeiro pensamento foi de recusar seu convite. Não estava com vontade de ir a qualquer lugar, pois não queria correr o risco de encontrar Theo por acidente.

É claro que eu sabia que a chance disso acontecer era mínima, afinal ainda que frequentássemos quase os mesmos lugares, aquela altura estava mais do que claro que:

1. Theo não fazia a menor questão de gostar dos meus amigos.

2. Ele odiava ir ao clube comigo.

Logo, eu podia ficar tranquila em tese, pois não veria a cara dele tão cedo. Apesar disso, ainda assim não estava com ânimo para sair. Ia passar o sábado lendo alguma coisa ou então, alugaria umas comédias românticas na locadora para curtir o fim de semana no quarto, me afogando num balde de pipoca.

Mas em instantes, outra mensagem piscou no mural de recados. Era Henrique novamente, dizendo que entenderia se eu não fosse, mas que ir ao clube comigo era muito mais divertido. Fiquei lisonjeada. Se eu o conhecia bem, Henrique devia ter tido aquela ideia de ir ao clube naquele exato instante e me chamou por ser a primeira pessoa que pensou, porque era isso que fazíamos sempre. Quando um de nós tinha ideia de sair para algum lugar aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo, era automático chamar o outro.

E foi assim, convencida por uma frase de duas linhas, escrita às dez horas da noite de uma sexta-feira, que fui parar ali, sentada diante da piscina. Tinha deletado o Theo da rede social praticamente no dia seguinte à

nossa última discussão, mas apaguei o recado do meu amigo logo depois de aceitar o convite, por precaução.

— Pode ficar tranquila que eu não sou o Theo, não vou ficar te controlando — Henrique ergueu as mãos em sinal de rendição. — Aliás, essa é a última coisa que eu faria.

Apesar do tom de brincadeira, o comentário de Henrique me fez pensar no meu ex-namorado novamente, mas não de uma maneira boa. Afinal como eu poderia pensar nele de uma maneira boa quando nosso "relacionamento" teve mais brigas do que qualquer outra coisa?

— É, eu sei — concordei com a cabeça, mas minha voz saiu mais desanimada do que eu esperava.

— Eu falei alguma besteira? — Henrique me encarou sério de novo e todo o clima descontraído de cinco segundos atrás se dissipou.

— Não, nada. É que… — Respirei fundo antes de olhar para ele de novo.

De repente, Henrique colocou sua mão sobre a minha, o que me deu um pequeno arrepio sem razão.

— Ana, olha pra mim — pediu, sem se mover um centímetro sequer. Ele falava em um tom calmo e ao mesmo tempo estava compenetrado em meu rosto, como se eu estivesse a ponto de passar mal na sua frente. — Você ainda gosta do Theo?

Eu esperava ouvir qualquer coisa dele naquele momento, menos aquela pergunta.

— Qual é, Henrique? — Instintivamente levantei-me do banco na defensiva e quase bati a cabeça no guarda-sol que nos cobria.

— Desculpa, eu não queria ofender — Henrique se levantou também, e por um segundo, quem estivesse passando por ali poderia pensar que éramos um casal discutindo a relação bem no meio do clube. — Só perguntei isso porque você está estranha nas duas últimas semanas.

— Estranha? — Questionei retoricamente, pois no fundo eu sabia que era verdade. Eu não estava normal, eu sabia, mas com aquele comentário de Henrique, agora eu só tinha certeza que aquela sensação estava escancarada para quem conversasse comigo. O término me bagunçou mais do que eu pensei que iria, porém mais uma vez, não era por arrependimento ou saudades de Theo. Não, era algo mais profundo e difícil de explicar.

— É, está mais… introspectiva. Sei lá! — Henrique parecia examinar as palavras cuidadosamente, temendo minha reação. — Não que isso seja

ruim, mas você está mais quieta e, bom, você não é assim.

Era impressionante como ele me conhecia só de olhar para mim.

— Você está certo — sentei de volta e joguei o cabelo para trás, pois alguns fios insistiam em vir na minha cara com o vento. — Eu venho me sentindo estranha mesmo. Desculpa!

— Não tem porque se desculpar. Você acabou de terminar com um cara, acho que é normal se sentir assim, ainda que seja por causa de um cara como Theo.

Por um segundo eu ri. Todos pareciam saber que Theo não valia qualquer sofrimento meu, mas ainda assim, meu alívio por termos encerrado aquela relação sem futuro misturava-se a uma espécie de medo que eu não sabia de onde vinha. Não era do tipo paralizante, que me fazia tremer ou chorar. Era mais como uma sensação ruim, um presságio de que talvez eu nunca seria capaz de amar a pessoa certa.

— Eu tenho medo, Henrique — assumi em voz alta pela primeira vez. — Tenho medo de que todos os meus namorados daqui pra frente sejam assim.

Minha confissão saiu entre suspiros. Talvez nada naquele medo tivesse sentido, mas, ainda assim, era impossível ignorar aquela possibilidade.

— E se eu nasci para gostar só de garotos problemáticos? E se eu nunca encontrar alguém que goste de mim como eu sou?

Lágrimas vieram feito ondas que quebram na beira da praia e desceram pelo meu rosto. Passei a mão pelas bochechas rapidamente.

— Você não tem que pensar assim, Ana — ele se sentou também, mais perto de mim dessa vez.

— Eu sei, eu sei que é besteira — balancei a cabeça afirmativamente. — Mas olhando para trás, não dá pra não admitir o quanto Theo me fazia mal. Até das roupas que eu usava ele reclamava. Nas poucas vezes que viemos ao clube juntos, ele ficava de cara feia porque eu vinha de biquíni e não de maiô — virei-me para Henrique enquanto explicava e seu olhar estava fixo em mim, enquanto negava com a cabeça. — Ele não gostava que outros meninos olhassem pra mim.

— Analu…— ele parecia querer completar a frase de alguma forma, talvez me consolando, mas meu nome se perdeu em seus lábios.

— Na verdade, esse foi um dos primeiros motivos para as nossas discussões — as lágrimas de medo e raiva continuavam escorrendo.

— Ele era um verdadeiro imbecil. Não merecia você!

— Quando eu penso que a gente não está mais junto, sinto como se um peso enorme tivesse sido arrancado de cima do meu peito — respirei fundo. — Mas por outro lado, morro de medo de me envolver com alguém assim de novo.

Sem dizer nada, Henrique me abraçou.

Eu não tinha coragem de falar sobre aquilo nem com a minha mãe, que também tentou me consolar quanto ao término. Porém, diferente dos meus amigos, ela achava que Theo era um bom garoto, já que quando estava por perto, ele jamais ousava me tratar mal ou fazer qualquer piada de mau gosto.

— Há muitas pessoas por aí — Henrique falou próximo ao meu ouvido, ainda me abraçando. — Eu tenho certeza que você encontrará a certa.

Conversar com meu melhor amigo sobre isso era diferente. Ele podia me confortar de um jeito que ninguém mais conseguia. Não sabia como ou quando tínhamos criado aquela confiança mútua, mas, independente de quem passasse por nossas vidas, ela permaneceria. Ela tinha que permanecer, não importa para quais caminhos a vida iria nos levar.

— Eu não sei — voltei a encará-lo de frente.

— Vai sim, você vai ver. Ainda vai se casar e ter vários filhos — dei risada novamente. — Quantos filhos você quer ter? — perguntou, de repente, em tom de repórter de TV e achei mais engraçado ainda.

— Sei lá, uns dois quem sabe — abri um sorriso automático enquanto respondia.

— Certo — respondeu, pegando rapidamente sua mochila azul-marinho que carregava para todo canto e vasculhando-a. — Ainda bem que não tirei isso daqui.

Arrancou seu caderno com um surfista na capa de dentro da mochila, junto do estojo preto e os jogou sobre a mesa do clube.

— Ah não, não vai querer fazer lição de casa aqui, né? — Dei um tapinha em seu braço.

— Claro que não, é algo muito mais importante — meu amigo abriu em uma página em branco qualquer e começou a escrever a lápis.

Continuei olhando pra ele sem entender nada. Depois de rabiscar algumas frases sobre as linhas, arrancou a folha do caderno e rasgou o

pedaço onde tinha escrito, dobrando-o até se tornar um papel pequenininho e deu na minha mão.

— O que é isso? — perguntei, já desdobrando-o.

— Não! — advertiu, encostando em meu braço. — Não faça isso ainda — disse e se levantou.

— Por quê? — Me levantei também, um pouco confusa mas ainda achando graça da situação.

— Porque senão pode estragar a magia. Vamos fazer assim, me dá a sua mão e com a outra, você segura o papel bem forte, não vale deixar cair — ele agarrou minha mão esquerda.

— Tá — concordei mesmo sem entender o que ele queria fazer. — E agora?

— Você confia em mim, Ana Luíza? — Sua voz soou séria de repente.

— É claro que sim — balancei a cabeça positivamente.

— De verdade? — Ele sorriu, esperando minha reação.

— Não tenho qualquer dúvida, Henrique — assegurei mais uma vez. Eu sempre confiaria nele, sob qualquer circunstância.

— Então vem e segura bem forte! — Dizendo isso, me puxou correndo em direção à piscina que estava a poucos metros de nós.

Só tive tempo de dar um grito e me preparar para pular na água. Caímos de mãos dadas e em um segundo nossas cabeças estavam submersas. Soltei a mão de Henrique ainda debaixo da água, enquanto segurava o papel com muito mais força do que o necessário.

Voltamos à superfície no mesmo instante, ficando um de frente pro outro.

— O que foi isso? — ri ao mesmo tempo que tossia, cuspindo um pouco de água.

— Foi para dar sorte — explicou, com os cabelos castanhos curtos completamente ensopados. — Pode ler o que escrevi agora.

Em minha mão, o pedaço de papel estava molhado também, mas eu devia estar segurando-o com tanta força que de alguma forma o conservei intacto. O desdobrei com cuidado.

— Conhecer a pessoa certa. Casar. Ter dois filhos e um cachorro. Ser muito feliz — li a lista pausadamente.

— A parte de ter um cachorro e ser muito feliz eu coloquei por conta própria, porque eu sei o quanto você gosta de cães — Henrique sorria

enquanto falava. — E mais do que ninguém, você merece ser muito feliz, Ana!

Meu sorriso foi de orelha a orelha. Ele era de outro mundo, com certeza.

— E aquele papo de magia foi só uma desculpa pra me arrastar até a piscina, né? — Indaguei, movendo a cabeça fingindo desaprovação.

— Também! Mas ainda mais porque eu queria ver você sorrindo. Você será feliz!

— Seremos, Henrique. Muito! — Deixei a lista dobrada na borda da piscina. Assim que saísse, eu a pegaria de volta. Agora era hora de esquecer definitivamente as dúvidas e o medo em meu coração e aproveitar o sol. — Topa apostar corrida?



CAPÍTULO 1

ANA LUÍZA

Quatro dias antes do casamento

Eu não podia acreditar que faltava tão pouco tempo para o casamento. Quando Rodrigo me fez o pedido quase um ano antes, o grande dia era um sonho que eu sabia que iria se realizar, mas que ainda estava distante.

Desde que tinha uns quinze anos mais ou menos, eu esperava que aquele momento chegasse. Já não tinha idade para acreditar em príncipe encantado, mas não tinha dúvidas que seria feliz ao lado de alguém especial. Aos vinte e oito anos, já tinha ido a uns três casamentos e achava tão lindo a ideia de celebrar sua união com uma grande festa, que vivia pesquisando preços de vestidos de noiva na internet e guardando referências em uma pasta secreta no Pinterest. Agora estava eu ali, prestes a ter aquela experiência especial e quase explodindo de ansiedade e alegria.

— Vamos nos casar amanhã mesmo! — Ele gritou animado, logo depois do meu "sim", chorando de emoção.

— Não podemos nos casar amanhã, Rô — ri com sua empolgação, apesar de compartilhar da mesma vontade naquele momento.

Estávamos em um pequeno barzinho na rua Augusta, onde havíamos nos conhecido três anos antes. Era para ser um simples happy hour depois do trabalho numa sexta com nossos amigos, mas Rodrigo conseguiu transformar aquilo na ocasião perfeita. Lembro-me claramente do momento do pedido. Chegamos no bar e depois de beber algumas cervejas, ele simplesmente se levantou, disse que tinha algo importante a fazer e correu em direção ao pequeno palco do lugar, onde havia um microfone. Sem cerimônia, chamou a atenção de todos que estavam ali, dizendo que queria

fazer um pedido a alguém muito especial. Fiquei parada o observando, confusa e preocupada, achando que talvez a bebida tivesse subido rápido demais. O bar era estreito, as mesinhas eram todas de um tom mogno e as banquetas altas tinham um encosto de metal não muito confortável. Mesmo não sendo nem de longe o lugar mais badalado da região, havia pessoas o suficiente para testemunhar o que quer que ele estivesse prestes a fazer.

Rodrigo sempre foi mais reservado e não tinha o hábito de encher a cara nem mesmo durante as comemorações, por isso, aquela situação pareceu tão atípica no início. Realmente achei que ele estivesse bêbado.

Olhei de soslaio para Amanda, minha colega de trabalho e amiga de todos os dias, e Marcos, o amigo mais próximo de Rô, que tinha vindo direto do trabalho para o barzinho. Ambos olhavam para mim de volta, igualmente intrigados com o gesto de Rodrigo. Se um dos dois sabia o que raios estava para acontecer, conseguiu disfarçar muito bem, pois nós três parecíamos confusos.

— O que o Rodrigo está fazendo? — Amanda perguntou ao me cutucar, como se eu tivesse alguma ideia.

— Não sei — balancei a cabeça de um lado para o outro e olhei ao redor para checar se as pessoas estavam prestando atenção a ele no palco, já sentindo minha bochecha esquentar de vergonha.

Até que ele desceu do palco e, caminhando em minha direção, tirou do bolso uma pequena caixinha vermelha de veludo.

Levei as mãos à boca em espanto ao perceber o que estava prestes a acontecer. Rodrigo agachou-se na minha frente e abriu-a, revelando a aliança mais linda que eu já havia visto em toda minha vida, cintilante e dourada, de acabamento polido e sem qualquer pedra. Mesmo simples, qualquer pessoa que olhasse para ela conseguia perceber seu brilho sobre meu dedo. Nenhum anel que existisse nos filmes ou nas lojas de grife mais caras poderia chegar perto do quanto aquele pedacinho de metal era precioso para mim, pois seria minha daquele instante em diante. Meu corpo tremia tanto que eu tinha medo de tentar descer da banqueta e cair na frente de todo mundo. O mundo parou naquele segundo e Rodrigo era tudo que minha visão podia alcançar.

— Ana Luíza Bianni, quando eu te conheci nesse bar há três anos, alguma coisa mudou em mim. Quando eu falei com você pela primeira vez, soube de algum modo que esse dia chegaria e que você era a mulher da minha vida — ele fez uma pausa, ainda olhando para mim. — E hoje eu

estou aqui, no lugar onde começamos a nossa história de amor, na frente dos nossos amigos e de toda essa gente, para te pedir em casamento. Você aceita?

Foi naquele momento que, com lágrimas tímidas rolando pelo meu rosto, soltei todo o ar que restava nos meus pulmões. Nem acreditava que aquilo era real.

— Sim, mil vezes sim! — respondi com a voz embargada, estendendo minha mão ainda trêmula, que ele pegou com delicadeza.

Ele então colocou o anel no meu dedo e eu soube que seria para sempre. Eu estava diante do homem da minha vida, tinha certeza disso. Pulei em seus braços e o abracei apertado. Nos beijamos demoradamente enquanto todos ao redor aplaudiam a cena inesperada, como em um filme de comédia romântica. Só aí eu notei que Amanda e Marcos estavam de pé, enquanto ela dava gritinhos e gravava aquele momento inesquecível.

— Eu te amo, te amo demais, Analu — Rodrigo sussurrou com os lábios ainda encostados nos meus.

— Eu também te amo muito, meu amor. Para sempre!

Agora, um ano depois, eu estava quase enlouquecida com todos os detalhes que ainda tinha que acertar em tão pouco tempo antes do grande dia. Estava quase tudo pronto e o casamento seria naquele final de semana. A manicure teria que fazer um verdadeiro milagre nas minhas unhas, já que estavam todas roídas, tamanha era a minha ansiedade.

Mesmo cheia de trabalho e com o telefone tocando a cada cinco minutos, só conseguia pensar no que ainda faltava acertar e, claro, na prova final do vestido que, por sinal, seria na quarta-feira.

— Alô, alô, Planeta Terra chamando Analu! — Amanda falou alto, me arrancando com força do raciocínio frenético.

— Não consigo focar em mais nada, amiga. Falta menos de uma semana e parece que minha cabeça vai explodir.

— Você tá tensa demais, precisa relaxar ou vai acabar tendo um colapso nervoso! — Disse, enquanto apoiava a cabeça nas mãos sobre a sua mesa.

Ela não estava errada, eu estava no meu limite, sobrevivendo à base de café o dia inteiro. Tinha um milhão de coisas do escritório para resolver, ficava atendendo telefonemas, produzindo relatórios e criando planilhas o dia inteiro, enquanto uma outra parte do meu cérebro parecia ter um

temporizador cravado, que ficava apitando como um lembrete que meu casamento era em quatro dias e que eu precisava ter tudo resolvido até lá.

Assim que o expediente se encerrou e as pessoas começaram a deixar o escritório, parecia que eu havia tirado uma tonelada das costas. O que eu mais queria era chegar em casa, tomar um belo banho e capotar na cama.

Eu trabalhava como secretária executiva há cinco anos numa multinacional e já estava acostumada ao turbilhão diário, mas com meu casamento se aproximando, a demanda pessoal atropelava a profissional e eu já nem conseguia dormir direito. Mesmo exausta, eu sabia que tudo valeria a pena, pois estava prestes a realizar o maior sonho da minha vida, desde que eu era adolescente.

Entrei no carro e segui para casa com a cabeça latejando. Liguei o rádio para tentar me distrair um pouco e fui trocando as estações até que uma música conhecida chamou minha atenção. Logo que ouvi os primeiros acordes de *When I Fall in Love*, de Rick Astley, não tive dúvidas, aumentei o volume e cantei junto. Era uma das minhas preferidas e dizia exatamente como me sentia em relação a Rodrigo, completamente apaixonada.

Como era uma terça-feira em horário de pico, não pude fugir do trânsito de São Paulo, mas não me incomodei com isso. A melodia ainda vibrava em meus ouvidos quando cheguei em casa no que me pareceu ser cinco minutos. Passei carregada de compras do mercado pela portaria vazia do prédio, subi de elevador até o terceiro andar, sentindo como se tivesse corrido uma maratona inteira. Estava esgotada, meu corpo clamava pela cama.

Assim que entrei no apartamento que Rô e eu havíamos financiado há mais ou menos um ano, larguei todas as compras no chão da cozinha e me joguei no sofá. Fechei os olhos e estava quase pegando no sono quando ouvi o barulho do que pareciam ser micro passos sobre o piso laminado da sala. Senti que não estava mais sozinha, espiei de soslaio e dei de cara com Rodrigo me observando e sorrindo. Mais rápido do que eu consegui raciocinar, ele se jogou em cima de mim.

— Meu Deus, você quase me matou de susto, Rô! — Ralhei e dei um tapinha em seu braço.

— Saí um pouco mais cedo do trabalho hoje e resolvi fazer uma surpresa. Fiquei bem quietinho quando você entrou, me escondi no banheiro — meu noivo confessou entre risos e eu suspirei, não sei se de alívio ou por estar apaixonada por aquele homem.

— Gostou da surpresa?

— É claro que gostei, seu bobo — eu disse, enquanto distribuía beijos por todo seu rosto.

— Senti saudades de você o dia inteiro — ele murmurou contra a pele do meu pescoço, já desabotoando minha camisa.

— Eu também — sussurrei, mordiscando o cantinho do meu lábio inferior e fechando os olhos para me render aos carinhos que meu noivo fazia.

Apesar de estar exausta, me entreguei ao momento. Ele sabia como recarregar a minha energia, mesmo depois de um dia como aquele, e preciso confessar, uma dose de Rodrigo era tudo o que eu precisava.



Faltavam apenas três dias para o casamento, e naquela quarta eu faria a prova final do vestido. Meu coração batia tão rápido que era capaz de botar os tambores das escolas de samba no chinelo. Cada vez que eu respirava e lembrava que o tempo continuava passando ininterruptamente, sentia calafrios de nervosismo e borboletas surgiam de repente em meu estômago. Já morávamos juntos, mas ver nossa relação sendo concretizada ia além. Era um passo muito mais sério do que simplesmente um namoro que começou durante uma conversa num barzinho.

O dia no trabalho, caótico como sempre, passou num borrão, nem almocei direito temendo deixar alguma coisa pendente. Assim que o expediente terminou, arrumei minhas coisas e corri para o ateliê de dona Amélia, uma das melhores costureiras de São Paulo e amiga de longa data da minha mãe.

Desde criança eu costumava visitar o ateliê de costura e adorava brincar entre os vestidos maravilhosos que somente as mãos de fada dela eram capazes de fazer. Assim que estacionei em frente ao modesto sobradinho onde Dona Amélia morava e fazia seu ganha pão há mais de trinta anos, comecei a observar o lugar e lembrar dos meus doces tempos de menina. Vislumbrei toda aquela fachada que permanecia a mesma, uma linda parede de tijolos coberta por raízes, além de uma árvore, sempre bem

cuidada, de magnólias roxas. O frescor das flores me trazia a sensação de aconchego e fazia com que eu me sentisse em casa. Um pouco acima da porta, uma plaquinha com os dizeres "Amélia's Ateliê" e logo abaixo dos meus pés um capacho escrito "Bem-vindo".

Entrei no espaço devagar, como se fosse a primeira vez, pois apesar do meu nervosismo, ali era o tipo de lugar em que o menor barulho poderia atrapalhar aquela atmosfera tão única.

Observei encantada os pedaços de organza, tule, cetim dos seus mais variados tipos, rendas e outros tecidos que compunham as obras de arte daquela senhora tão talentosa. Passei poucas vezes por lá depois que havia pedido para que dona Amélia fizesse meu vestido de noiva, não queria ser uma chata e atrapalhar seu processo criativo. Apenas lhe disse como era meu vestido dos sonhos e ela tirou minhas medidas, afirmando que faria o melhor que já havia feito e não me deixaria vê-lo até que estivesse pronto. Eu confiava cegamente na bondosa senhora e tinha certeza absoluta que adoraria o meu vestido, mas confesso que o medo rodeava minha mente, afinal era o meu casamento com o amor da minha vida, tudo deveria ser perfeito.

Enquanto andava pelo ambiente, vi que dona Amélia trabalhava concentrada em sua velha máquina de costura. Vê-la bem ali, quietinha em seu canto mágico, ela parecia uma verdadeira fada-madrinha, que fazia os sonhos mais bonitos e distantes se tornarem realidade. O som do salto dos meus sapatos batendo no chão de madeira deve ter chamado sua atenção, pois ela olhou em minha direção e sorriu, desligando a máquina. Felizmente, não era possível ouvir o som do meu coração batendo totalmente fora de ritmo.

— Analu, querida? — Perguntou, ajeitando os óculos que estavam na ponta do nariz.

— Sou eu mesma, dona Amélia. Vim para ver como está o meu vestido — mal me continha parada diante dela. Se eu fosse um pouco menos controlada, estaria pulando até que meus saltos cedessem. Me sentia como uma criança prestes a desembrulhar seu presente favorito.

— Ah, claro! Como eu poderia esquecer a minha noiva mais especial? — Ela me deu um abraço carinhoso e acariciou uma mecha do meu cabelo que caia sobre meus ombros, o que me fez sorrir. — Inclusive, eu já terminei seu vestido, minha querida — completou.

— A senhora já terminou? — perguntei espantada. Ouvir aquelas palavras fez com que meu coração, que já estava ansioso, errasse as batidas. Minha boca ficou seca e senti dificuldade para respirar subitamente. Aquilo significava que em pouco tempo, eu teria o vestido em mãos e o veria finalizado pela primeira vez. Era como receber um troféu há muito sonhado.

— Claro que sim. Afinal, seu casamento será em três dias, certo?

Assenti ainda incrédula. Dona Amélia não era só uma ótima costureira, também tinha uma memória incrível.

— Estava só esperando você chegar para prová-lo e vermos se precisa de algum ajuste — ela pegou uma grande caixa retangular de papelão branco e esticou as mãos em minha direção.

— Como a senhora sabia que eu viria exatamente hoje? — sondei desconfiada. Ela tinha algum dom que ia além deste mundo, com certeza.

— Apenas intuição — respondeu com um sorriso no rosto e deu de ombros. Apontou para os fundos da loja, onde havia um pequeno provador.

Respirei fundo e peguei a caixa de suas mãos, tentando não vacilar ou deixar alguma lágrima cair. Caminhei firmemente em direção ao provador no automático, pois não sentia meus pés. Se pisasse em falso, nem sentiria. Minha pele formigava por baixo da camisa social e da saia lápis preta que eu estava usando, como se experimentar aquele vestido fosse a coisa mais urgente do mundo e meu corpo já não estivesse aguentando mais. Puxei a cortina que separava o espelho do restante do ateliê e respirei fundo mais uma vez antes de abrir a embalagem. Um enorme pedaço de papel seda cor de rosa embalava meu vestido, demonstrando todo o carinho que dona Amélia tinha com seu trabalho. Desdobrei o tecido fino e delicado e o estendi na minha frente, para que pudesse contemplar o que seria a minha veste para comemorar o dia mais feliz da minha vida. Ele era simplesmente deslumbrante, muito mais do que eu poderia imaginar! Era como se a costureira pudesse ler meus pensamentos da vida toda e tivesse projetado cada detalhe dos meus sonhos naquele vestido. Tive que me beliscar para ter certeza de que tudo era real.

Sem demora, o experimentei em frente ao espelho e permaneci parada ali, absorvendo a imagem. Até o caimento era fantástico. O vestido era a perfeita mistura entre o clássico e o moderno. O corpete em tafetá branco era suave e não me fazia sentir espremida, mesmo quando eu respirava fundo. Seu modelo era sem alças e ao final da saia em tule, o branco misturava-se a um leve tom de rosa, minha cor preferida, criando um

degradê maravilhoso e diferente de tudo que eu já tinha visto. Me sentia como uma miss em plena coroação. Nunca tinha me achado tão bonita e confortável como naquele momento. Passei os dedos pela saia rodada sentindo sua maciez e chorei. Estava tudo tão perfeito. Puxei a cortina novamente, para que ela pudesse ter noção da obra de arte que tinha feito.

— Dona Amélia? — Chamei com a voz embargada e os olhos cheios d 'água. Ela se virou em minha direção, a preocupação estampada em seu rosto.

— O que foi, Analu? Não gostou do vestido? Ele não ficou bom? Ai, misericórdia, fala alguma coisa, menina! — Sua voz saiu alta e ela juntou as mãos aturdida, dando passos em minha direção como se uma tragédia tivesse acabado de acontecer. Seus olhos se arregalaram apreensivos.

— Eu não gostei do vestido, dona Amélia — dei um meio sorriso ao notar seu nervosismo e fiz uma pausa dramática propositalmente. A senhorinha bondosa arregalou os olhos e ia dizer algo, mas eu a interrompi com um grito de alegria. — Eu amei! — Corri em sua direção, abraçando-a com gratidão, mas ela me afastou um pouco, só o suficiente para me olhar nos olhos.

— Graças a Deus! Nunca mais faça isso comigo, menina. Você quase me matou de susto, não tenho mais idade não!

— Eu nunca vi um vestido tão lindo. Muito, muito, muito obrigada mesmo! Eu não sei nem como agradecer — eu estava emocionada, lágrimas de gratidão caíam sem vergonha dos meus olhos. Não tinha como me sentir de outra maneira.

— Sendo muito feliz, filha. Esse é o melhor presente que você poderia me dar!

Eu não sei porquê, mas o comentário me causou um desconforto estranho e um pequeno calafrio. Imaginei que pudesse ser pelo nervosismo de estar apenas três dias do meu tão sonhado casamento.

— Você está tão linda nesse vestido, minha noivinha mais especial! Parece uma princesa — o jeito que aquela senhora tão carinhosa dizia essas coisas era tão genuíno que me fez corar. Eu realmente me sentia um membro da nobreza.

— Falta só um detalhe — ela se afastou momentaneamente e voltou com uma faixa de cetim branca nas mãos. — Vire-se, querida.

Fiz o que ela pediu e dona Amélia passou o pedaço de pano gentilmente por minha cintura e amarrou-a, formando um laço em minhas

costas. Ao olhar novamente meu reflexo no espelho, virei para ela com um sorriso que expressava toda minha alegria e gratidão. Meu sonho estava quase completo, agora só faltava mesmo o nosso sim no altar.

— Eu espero de coração que você seja muito feliz com seu noivo, Analu!

E, pela segunda vez, desde que cheguei ao ateliê, senti aquele arrepio na espinha ao ouvir os votos de dona Amélia, mas decidi ignorar o sentimento.



Acordei revigorada na antevéspera do meu casamento, nem parecia que a semana havia me atropelado como um caminhão. Após a prova do vestido, um misto de nervosismo e felicidade surgiu dentro de mim. Apesar de todos os detalhes do meu grande dia estarem praticamente acertados, eu precisava conversar com Vanessa, a organizadora do evento, ainda naquela tarde para acalmar o meu coraçãozinho ansioso. Quando se era uma noiva perfeccionista como eu, o mínimo detalhe fazia toda a diferença.

Eu não podia deixar nada para trás e não perdia tempo com refeições completas, lanches rápidos eram meu almoço há dias. Ao mesmo tempo em que estava louca para aproveitar cada minuto da cerimônia e da festa, queria que tudo voltasse à tranquilidade de antes o mais rápido possível, porque eu não sabia quanto tempo mais eu aguentaria aquela correria.

— Você precisa fazer uma refeição decente ou vai acabar desmaiando de fome no dia do seu casamento, Ana Luíza! — Amanda chamou minha atenção pela décima vez só naquela manhã e eu ri de sua preocupação, sem tirar os olhos do computador. Apesar de achar engraçado, eu queria muito parar por trinta minutos e comer alguma coisa mais substanciosa e saudável que uma coxinha. — Estou falando sério, Analu!

Assim que ralhou comigo, minha amiga simplesmente se aproximou da mesa e desligou meu computador.

— É o quê? — Perguntei com a voz mais alta do que o normal. Olhei para ela, irritada com seu gesto repentino.

— Se você não faz isso por bem, fará por mal!

Tentei protestar, mas o som do meu estômago roncando acabou dando por encerrada a discussão e Amanda esboçou uma cara de satisfeita ao me ver saindo do escritório para almoçar pela primeira vez em uma semana.



Eu estava sentada na mesinha do pequeno restaurante que ficava a apenas um quarteirão do trabalho, o qual eu já não frequentava há um bom tempo em função da agitação dos últimos meses. Era bom aproveitar os meus vinte minutos de intervalo, para variar. Apesar da má alimentação nas semanas anteriores, decidi não exagerar e pedi só uma salada e um suco de laranja. Minha cabeça continuava a mil, até que meu telefone vibrou, mostrando um número que eu conhecia até de trás para frente.

— Alô? — atendi com um sorriso no rosto.

— Boa tarde, senhorita Ana Luíza Bianni! — Ouvi a voz grave inconfundível de Henrique me saudar do outro lado da linha. Seu tom aveludado e sempre calmo poderia lhe levar facilmente a trabalhar como radialista.

Henrique Bonté era meu melhor amigo desde que me conhecia por gente, fomos apresentados ainda na pré-escola e tivemos uma conexão quase imediata. Nunca fui de fazer muitos amigos, mas o rapaz era como uma peça de museu, único e raríssimo de encontrar. Sempre foi como um irmão para mim.

— Daqui a dois dias, a senhorita vai estar casada e muito provavelmente em lua-de-mel — constatou e eu ri.

— Que bom que você lembrou, já que boa memória não é bem o ponto forte de vocês homens — provoquei.

— Como eu poderia esquecer o evento do ano, querida? — Não sei porquê, mas senti uma pontada de ironia em sua voz ao dizer isso.

— E você, como meu padrinho de casamento, é bom que tenha feito a lição de casa direitinho, senhor Henrique Bonté — sempre amei o som que seu sobrenome fazia quando pronunciado. — Espero que seu terno esteja prontíssimo para ser debutado no meu casamento!

— Só você mesmo para me fazer alugar um terno para uma única noite — bufou e eu ri alto.

— Ninguém mandou me conhecer e se tornar meu melhor amigo! — Brinquei, ainda entre risos.

— Foi a melhor coisa que já me aconteceu — ele confessou sincero e eu senti que aquela frase teve um efeito estranho em mim. Como se um vento gelado tivesse passado, um arrepio percorreu minha espinha e eu sacudi a cabeça para aquelas ideias saírem dali, era uma corrente de ar, claro.

— Então — mudei o assunto —, meu amado padrinho e coincidentemente melhor amigo do mundo, como você mesmo disse, daqui a apenas dois dias estarei oficialmente casada e em lua-de-mel. Você, melhor do que muita gente, sabe bem que eu nunca gostei desse tipo de tradição de despedida de solteiro, mas sinto que não posso deixar passar essa oportunidade — fiz uma pausa dramática proposital, esperando a reação do outro lado da linha.

— Qual oportunidade? Ir para Las Vegas e aproveitar sua última noite solteira bebendo todas? — O sarcasmo brincando em sua voz.

— Quase isso, só que sem a parte de ir para Las Vegas, já que, por conta do casamento, estou endividada até o talo. Tem alguma sugestão?

— Rua Augusta? Vila Madalena? — Henrique se animou com a ideia.

Apesar do medo de beber demais e acabar passando algum vexame em público, estar de volta no bar da Augusta onde minha história com Rodrigo começou, seria muito simbólico.

— Pode ser Augusta! — Demonstrei animação com a ideia. — Mas o senhor será o meu guardião para se certificar que eu não vou beber além da conta, subir na mesa e dançar na boquinha da garrafa. Não preciso dessa vergonha logo agora!

Meu amigo explodiu em uma gargalhada deliciosa do outro lado da linha, o que me fez sorrir involuntariamente, como era de costume..

— Combinado então! Posso passar para te pegar aí na empresa e vamos juntos de carro. Assim eu não bebo para tomar conta de vossa majestade — falou ainda rindo.

— Não, ainda preciso dar uma passada no mercado e vou em casa tomar um banho, aí seguimos de lá! — Até o final do dia estaria toda descabelada e suando, precisava trocar aquela roupa. Além disso, tinha

encomendado um vinho que Rodrigo amava para levar na nossa noite de núpcias e não teria tempo de buscá-lo, senão naquele dia.

— Certo, bom e o noivo? — Henrique sondou e a linha ficou em silêncio. Não entendi o porquê daquela pergunta. — Ele não vai ficar com ciúmes da gente ir para um bar na noite anterior ao casamento de vocês? — Henrique falava com cautela, tentando não deixar a conversa desconfortável.

— O Rô não é disso — o tranquilizei. — Além do mais, não tem o menor motivo, ele sabe que sempre fomos amigos, seria uma besteira ter ciúmes a essa altura do campeonato.

Henrique suspirou, mas senti que ele não estava convencido.

— Bom, tudo bem então. Te busco umas sete e meia, pode ser?

— Tá perfeito. A gente se vê, beijo! — desligamos e eu fiquei pensativa.

Será que Rodrigo se importaria? Ele nunca havia demonstrado ciúmes quando o assunto era Henrique. De qualquer forma, ele vinha chegando mais tarde todos os dias por conta do trabalho, então provavelmente não nos encontraríamos quando eu passasse em casa. Mesmo assim, falaria com ele mais tarde para avisar da minha despedida de solteira meio improvisada. Ele não se importaria, afinal, eu não estava fazendo nada de mais.



Eu sentia que ainda faltava acertar alguns poucos detalhes do casamento. Na verdade, havia marcado um horário com Vanessa, a organizadora, só para ter certeza de que estava tudo certo para o grande dia. Depois de falar com ela, só precisaria conter minha ansiedade por mais vinte e quatro horas.

Saí do meu trabalho e corri até o escritório onde ela gerenciava sua empresa de assessoria de casamentos, encontrei uma Vanessa afobada, que parecia estar mais nervosa do que eu, se isso fosse possível. Quando me viu, ajeitou os fios loiros em um coque alto e bagunçado e veio em minha direção me cumprimentar.

— Oi, Ana Luiza. Tudo bem? — Perguntou, sempre com muita classe.

— Estou bem, obrigada. Bem nervosa, na verdade! — A moça sorriu empática, exibindo seus dentes brancos e perfeitamente alinhados, como se entendesse o meu nervosismo. — Gostaria de saber como estão indo os detalhes finais da cerimônia.

— Não precisa se preocupar com nada, seu casamento será lindo! Está tudo maravilhoso. Estamos na correria aqui, pois temos outro evento amanhã, mas não se preocupe, no sábado vai estar tudo perfeito, como você sempre sonhou.

Senti um alívio enorme ao ouvi-la dizer aquilo, eu sentia como se minha missão casamento estivesse parcialmente cumprida. Agora restava o mais importante e talvez, mais difícil também: aproveitar o dia sem me preocupar com cada coisinha.

— Então, quer dizer que está tudo certo mesmo? Com decoração, fotógrafos, buffet, tudo?

— Pode ficar tranquila, você terá o casamento dos sonhos — a moça falou em tom acolhedor e sorrindo, quase como se estivesse promovendo seus serviços em um comercial de TV.

Senti uma enorme vontade de abraçá-la naquele momento, mas me contive. Simplesmente me levantei e estendi a mão para cumprimentá-la.

— Muito obrigada, Vanessa! Você não tem noção do quanto me ajudou esse tempo todo. Obrigada mesmo!

A organizadora do meu casamento sorriu cordialmente e me acompanhou até a saída de seu escritório, mas antes que eu pudesse me despedir, Vanessa me disse uma coisa que fez com que eu sentisse um conhecido arrepio na espinha.

— Espero que você seja feliz, Ana Luíza!



Véspera do casamento

Meu corpo todo tremia, eu estava achando difícil acreditar que aquele seria meu último dia de solteira. Em menos de vinte e quatro horas eu estaria casada, isso era um fato. Não era um nervosismo de dúvida que eu sentia, Rodrigo era o homem certo para mim, eu sempre tive certeza disso. Era

com ele que eu me casaria no dia seguinte, com quem teria filhos e formaria a minha família, mas era muito estranho pensar que eu estava mais próxima de realizar meu maior desejo do que jamais estive. Quando você tem um sonho tão importante e ele está quase se realizando, parece que tudo pode desaparecer e você pode acordar de repente e ver que nada daquilo era verdade.

Me revirei a noite toda na cama inspirando devagar, prendendo a respiração e expirando pausadamente, usando técnicas aprendidas para sobreviver à ansiedade.

"Vai dar tudo certo, vai dar tudo certo", entoei como um mantra na minha cabeça enquanto tentava ter um dia normal naquela sexta feira. No trabalho, todos já me parabenizavam e o escritório estava em clima de comemoração. Na hora do almoço, Amanda fez questão de fazer um brinde pelo casamento, com direito a champanhe e até discurso, quase me matou de vergonha.

— Galera, amanhã Ana Luíza e Rodrigo se casam, e mesmo que o noivo não esteja presente, queremos que diga para ele que você é uma pessoal muito especial para todos nós e que desejamos votos de felicidade para o casal. Em nome de toda a equipe da B&X Investimentos, à Analu e ao Rodrigo! — Minha amiga ergueu a taça no ar seguida por todos que estavam ali. Me segurei para não chorar na frente do pessoal. Era bom demais ver todos ali torcendo pela minha felicidade. Me perguntava se era possível ficar ainda mais realizada do que eu estava.

Recebi abraços carinhosos o dia inteiro e, ao final do expediente, quando estava quase saindo, Raul, meu chefe, me chamou em sua sala.

"Deus, que ele não me dê problemas pra resolver agora!", respirei fundo e caminhei em direção a sua sala, tentando não vacilar entre os passos. A semana havia sido exaustiva o suficiente e agora, quando estava quase livre, fui chamada diretamente na sala do *big boss*. Coisa boa não podia ser. Bati na porta e esperei ele sinalizar para que eu pudesse abrir a maçaneta. Adentrei ao espaço esperando que Raul me desse alguma ordem, como costumava fazer. Porém, isso não aconteceu, muito pelo contrário, ele me encarou com um sorriso simpático no rosto e, caminhando em minha direção, me envolveu em um abraço sem jeito, me deixando sem reação.

— Meus parabéns pelo seu casamento, Ana Luíza! Desejo que você e seu noivo sejam muito felizes.

Eu simplesmente não sabia o que dizer. Raul sempre fora tão reservado e discreto que, mesmo sendo nosso superior, não sabíamos quase nada de sua vida e ele tampouco da nossa. Nunca o havia abraçado antes ou sequer citado sobre meu casamento com ele. Certamente, ouviu alguém comentando ou talvez tenha ficado sabendo somente naquela manhã, já que o pessoal do escritório estava bem mais animado do que o habitual. De qualquer forma, não esperava por seus votos.

— Obrigada, senhor Raul – foi a única coisa que consegui dizer. — O senhor precisa de mais alguma coisa?

— Creio que não, Ana Luíza! Pelo que vi, a senhorita adiantou bem as suas coisas e tudo parece estar em ordem por aqui. Só queria desejá-la meus parabéns mesmo. Pode ir, se quiser!

Agradeci novamente e saí da sala antes que ele pudesse mudar de ideia. Eu estava finalmente livre!

Saí do trabalho com as pernas bambas de imaginar que nos próximos dias seríamos Rodrigo e eu, só nós dois, casados. Comemorando nossa nova vida e planejando o futuro como marido e mulher. Mesmo já morando juntos, agora era pra valer, seria oficial e eu mal conseguia acreditar, tamanha era minha alegria.

Entrei no carro e despejei todas as minhas coisas no banco do passageiro. Não voltaria a trabalhar pelo menos até o fim da lua-de-mel, que não era muito longa, mas dava para relaxar por alguns dias e eu estava, desesperadamente, precisando de um descanso. Respirei fundo pensando na cidade de Campos do Jordão, a eleita para nossas mini férias. Imaginei o quanto aproveitaríamos aquele clima friozinho que eu amava e sorri como uma boba apaixonada. Engatei a primeira marcha e acelerei o carro, querendo chegar em casa o mais rápido possível.

Rezei para não ter que enfrentar o trânsito caótico de São Paulo, mas não adiantou muita coisa, em poucos minutos eu já estava presa no meio de um engarrafamento.

— Que ótimo — resmunguei para mim mesma, dando um soquinho no volante. Olhei em volta e sem ter muito o que fazer, peguei o celular, escorreguei o dedo na tela até a letra H e coloquei no viva-voz.

— Ana? — Henrique atendeu depois do segundo toque.

— Oi — respondi com o tom meio seco automaticamente, por estar presa ao trânsito e ainda sem saber direito porque tinha ligado para ele.

Sentia que conversar com Henrique era o escape que me distraía quando as coisas ficavam chatas ou mesmo difíceis.

— Tudo bem?

— Tudo bem sim, só estou presa no trânsito, para variar — bufei, ainda com a mão no volante.

— Só espero que isso não atrapalhe a nossa, ou melhor, a sua despedida de solteira. Porque eu acho que não vou deixar de ser solteiro tão cedo — ironizou, sua voz indo da animação à uma lamentação fingida em questão de segundos, como se o fato de ainda ser solteiro fosse um martírio.

Ai, merda! Eu tinha esquecido completamente.

— É claro que não — balbuciei as palavras, reorganizando minha noite para incluir o que havia combinado com o meu amigo. — Minha despedida de solteira!

— Não vai me dizer que esqueceu! — Eu podia enxergar o sorriso sarcástico de Henrique estampado naquela cara bonita dele. Que saco, eu não conseguia mesmo mentir para o meu melhor amigo.

— Mas é claro que não, só estou tentando lembrar o que tenho que comprar no mercado — soltei a desculpa mais esfarrapada de todas, tentando contornar a situação, mas a gargalhada de Henrique do outro lado da linha me tirou todas as desculpas possíveis e eu acabei rindo também.

— Aninha e sua cabeça de vento. Você sempre foi assim, mas não importa. Sigo te amando mesmo assim.

— Há há há — fingi uma risada com ironia e ele gargalhou. — Já está no caminho? — perguntei apreensiva, precisaria tomar banho correndo.

— Estou terminando de me arrumar, mas posso enrolar um pouquinho mais. Consigo chegar na sua casa em dez minutos ou menos, posso sair daqui a uns quarenta minutos, dá tempo de você se arrumar.

Gelei, mas mantive o tom de voz.

— Combinado. Te espero, só tocar o interfone que eu desço — chequei a hora no relógio de pulso. Sete e quinze da noite. — Vou passar no mercado e depois vou direto pra casa — eu disse, enquanto engatava a segunda marcha, já que o trânsito havia voltado a fluir.

— Ok, então! Logo mais apareço por lá.

— Beijo!

— Beijo, linda!

Passei no empório que eu havia encomendado o vinho e corri para casa. Rodrigo estava chegando tarde do escritório de contabilidade já há alguns dias, por conta da sobrecarga de tarefas, já que a empresa em que trabalhava estava com menos funcionários do que o normal, por conta da crise. Lembrei-me das vezes que consegui chegar em casa mais cedo que o habitual e pensei na noite em que ele me surpreendeu no sofá.

Resolvi ligar para o meu noivo apenas para evitar que algum mal entendido acontecesse, caso Henrique chegasse antes de mim. Disquei seu número mas a ligação direto caiu na caixa postal, ele devia estar todo atarefado e sem ter como atender o telefone ou até mesmo sem bateria. Dei de ombros, não havia qualquer motivo para preocupação, Henrique e eu nos conhecíamos praticamente desde sempre e ainda que ele e Rodrigo não fossem próximos, tratavam-se com respeito. Além do mais, meu noivo jamais teria motivos para sentir ciúmes de nós dois, Henrique era meu irmão.

Também tentei mandar mensagem para Rodrigo, mas dessa vez era meu celular que estava sem sinal. Joguei-o na bolsa e desisti de avisá-lo sobre a noite com meu melhor amigo. Deixei a sacola com a bebida especial no banco do passageiro e dei a partida no carro.

Cheguei ao meu prédio em poucos minutos, passei pela portaria com a sacola do mercado pendurada em um dos braços, enquanto tentava encontrar o molho de chaves em meio à bagunça da minha bolsa. Entrei no elevador e apertei o botão do meu andar. Continuei revirando a bolsa em busca das chaves, até que finalmente as encontrei caídas no fundo daquele bando de tralhas. Empurrei a porta e segui pelo corredor em direção ao meu apartamento. No entanto, uma coisa ali me chamou atenção. Ao me aproximar, reparei que a porta da minha casa não estava trancada como a deixei de manhã, mas sim, entreaberta. Paralisei de imediato. Será que algum ladrão tinha conseguido entrar ali? Se tivesse conseguido, será que ainda estava ali? Inevitavelmente, a minha respiração ficou descontrolada e o meu coração começou a esmurrar meu peito pelo lado de dentro.

Mesmo morando juntos há uns meses, Rodrigo e eu ainda não tínhamos mobiliado toda a casa, ainda faltava bastante coisa que deixamos para ver depois da cerimônia, então, seria um golpe muito traiçoeiro do destino se fôssemos roubados justo naquele momento.

Reunindo a pouca coragem que me restava, me aproximei e empurrei a porta de entrada sem fazer barulho. Se algum estranho estivesse ali, eu

teria que arranjar um jeito de me defender, e sem dúvida, a última coisa que um ladrão esperava era ser pego em flagrante. Segurei a garrafa de vinho e, se precisasse, a usaria como uma arma. Tentando não tremer, vislumbrei a sala de estar, onde tudo parecia em ordem, nada estava faltando, não havia coisas no chão, nenhum vaso quebrado, mas mesmo assim encarei o cômodo com desconfiança. De repente, meus ouvidos despertaram e ouvi uma voz conhecida vinda do quarto. Não era bem uma voz, mas um som, um gemido.

Ainda com o coração querendo sair pela garganta, dei passos leves até o dormitório, onde os sons estavam mais altos e claros. Gemidos repetitivos e respirações ofegantes. Por um momento, vacilei sobre meus pés, minhas mãos estavam suando e eu não queria acreditar no que estava ouvindo. Empurrei a porta com rapidez e entrei no quarto de supetão.

Eu podia simplesmente ignorar o que eu escutava, mas não o que vi quando entrei no lugar onde dormia ao lado do amor da minha vida. Era isso, não havia ladrão, não havia roubo algum, mas ao ver aquela cena, preferia mil vezes que minha casa tivesse sido invadida e totalmente roubada. Seria bem melhor ter que lidar com o vazio daquele lugar do que com o vazio que estava sentindo no meu peito. Rodrigo estava na nossa cama com outra mulher e gemia de prazer. Mas não era qualquer mulher, meu noivo tinha em seus braços a organizadora do nosso casamento, Vanessa.

Meu mundo desabou por completo, junto com a garrafa de vinho que eu segurava na mão. O vidro se espalhou em mil pedaços, assim como o meu coração, chamando a atenção deles.

Não sei de onde tirei forças para me mexer depois de ver aquela cena. Eu sentia como se fosse um pesadelo, daqueles que a gente sabe que está sonhando e não consegue acordar para fugir do terror que está vivendo.

— Analu, calma… — Rodrigo dizia enquanto se vestia e caminhava lentamente em minha direção com as mãos estendidas, como se eu fosse um animal feroz que ele pudesse tranquilizar. Estava com tanto ódio que poderia avançar em cima dele e socar seu rosto inteiro, se ao menos o sentimento de paralisia me permitisse isso.

Eu podia sentir as lágrimas escorrendo pelo meu rosto, ela ferviam, queimavam minha pele como se fossem pequenas gotas de ácido. Meu noivo dava passos largos para tentar chegar em mim o mais rápido possível e mantinha seus olhos colados nos meus. Sua voz era mansa, aveludada,

como um carinho, mas eu já não conseguia ouvir o que ele dizia, um zumbido estava me ensurdecendo. Engoli a seco e dei um passo para trás, achei melhor manter a distância entre nós dois, porque eu seria capaz de matá-lo ali mesmo. Ele deu mais um passo e meu estômago revirou, minhas pernas ficaram bambas e eu precisei me apoiar na parede ao meu lado para não cair. Eu sentia raiva, uma fúria que eu não sabia nem que era capaz de existir dentro de mim, mas sabia que não aguentaria ficar ali por muito tempo, eu precisava sair daquele ambiente tóxico. Tudo ao meu redor começou a girar e minha respiração estava pesada, o oxigênio lutava para chegar até meus pulmões, eu estava ficando tonta e sentia que se não saísse dali naquele minuto, eu desmaiaria.

— O que aconteceu não tem a menor importância, Analu. — A voz de Rodrigo mantinha-se calma, de uma maneira que chegava a arrepiar, e ele carregava um olhar assustado no rosto, mas eu não enxergava um pingo de culpa ou remorso. Ele não sentia vergonha pelo que tinha acabado de fazer, mas sim por ter sido pego em flagrante.

Pisquei lentamente, tentando processar tudo o que eu tinha acabado de vivenciar e, juntando as forças que me restavam, corri para fora do apartamento, deixando os gritos de protesto de Rodrigo para trás. Com meus olhos embaçados pelo choro, desci as escadas aos tropeços, o mais rápido que consegui. Ao passar pela portaria, uma chuva torrencial caía do lado de fora. Assim que atravessei a porta rumo a rua, meus pés vacilaram e fui de encontro à calçada. As grossas gotas me atingiram e se misturaram com as minhas lágrimas e eu pedi para que o aguaceiro lavasse tudo de ruim que estava acontecendo naquele dia. Ainda sem rumo, levantei-me e comecei a correr para longe do lugar que um dia eu chamei de lar.

O semáforo estava aberto para os carros, mas minha cabeça estava tão longe, repassando todos os últimos minutos como se fossem um filme, que não me dei conta. De repente, um carro buzinou forte e assim que me virei, a única coisa que vi foram os faróis enormes vindo em minha direção. O que senti foi que se eu fosse atropelada naquele exato instante, não faria a menor diferença, pois já não sentia mais nada. Fechei os olhos e fiquei esperando o veículo me atingir em cheio, mas a pancada não veio. Abri-os novamente e o carro ainda estava lá, mas tinha freado a tempo de não encostar em mim. Droga! A porta se abriu, mas com o escuro, as luzes refletidas pela chuva e as lágrimas que pareciam infinitas descendo era impossível ver quem era o motorista. Naquele mesmo instante, outro carro

que estava vindo logo atrás, desviou da confusão toda e buzinou, passando por mim como se eu fosse louca. E bem, aquela altura eu parecia estar mesmo.

— Ana Luíza? O que aconteceu? — Uma voz conhecida e reconfortante me fez apertar as pálpebras contra os faróis que passavam e eu o reconheci, era Henrique.

— Não fala nada, só me abraça forte — chorei mais alto e, sem questionar, meu amigo me segurou em seus braços.

Toda a cena parecia mais um borrão na minha mente. Os dois juntos na cama, Rodrigo caminhando em minha direção, minha fuga do apartamento e o meu quase atropelamento na frente do prédio. Como se o destino estivesse fazendo piada com a minha cara, me dizendo que tudo aquilo que eu acreditei por quatro anos, era uma completa farsa.

Henrique me apertou forte contra seu peito e a única coisa que eu conseguia ouvir eram meus soluços em meio às lágrimas. A chuva parecia aumentar cada vez mais, nos deixando encharcados em questão de segundos. A água vinda do céu molhava minhas costas impiedosamente, mas eu nem me importava.

— Precisamos sair daqui, ou você vai acabar ficando doente — pude ouvir a voz doce do meu melhor amigo lutando para se sobressair através do meu choro, do barulho da chuva e do trânsito caótico.

Sentia tanta vergonha de mim mesma naquele momento que não era capaz de levantar a cabeça e encará-lo. Eu queria simplesmente sumir.

— Vem, deixa eu te ajudar — ele segurou meu rosto com delicadeza, fazendo-me olhar diretamente em seus olhos. Minha visão estava embaçada pelas lágrimas que não paravam de cair, mas eu reconheceria seus traços em qualquer lugar, qualquer época.

— Você não pode me ajudar, Rick. Ninguém pode — tentei formular as palavras.

— Eu posso e eu vou, Ana! Você é minha melhor parte e eu nunca vou te deixar — disse, passou seu braço direito pelos meus ombros e me guiou em direção ao seu carro.

Permiti que ele me levasse, já que minhas pernas não tinham mais forças. Henrique abriu a porta do passageiro e eu entrei. Assim que deu a partida no carro, senti todos os meus sonhos ficando para trás, junto com parte da minha alma.



Chegamos ao apartamento de Henrique em quinze minutos que mais pareceram uma eternidade. Durante todo o caminho repassei as cenas que tinha acabado de ver, tentando me convencer de que nada daquilo era real, que eu acordaria na manhã seguinte com Rodrigo ao meu lado e tudo aquilo teria sido um simples pesadelo. Mas, no fundo, eu sabia que não era bem assim. A traição fora real. Cada vez que pensava nisso, sentia que iria desfalecer. Meu melhor amigo permaneceu calado o tempo inteiro, concentrado no trânsito. Seus ombros estavam tensos, a postura enrijecida.

— Você precisa tomar um banho. Vou pegar uma toalha e uma troca de roupas minhas para você — Henrique falou, assim que entramos em sua casa.

O rapaz me deixou sozinha na sala, meus joelhos me traíram e eu desabei no chão de madeira, me encolhendo em posição fetal. Queria ficar deitada ali para sempre, sozinha, tentando esquecer tudo o que tinha visto, mas o braço forte de Henrique me puxou para o seu colo. Eu estava tão absorta em minha dor que não sequer notei quando ele se ajoelhou ao meu lado.

— Eu estou aqui, Ana! — Ele sussurrou em meus cabelos, enquanto beijava minha cabeça com delicadeza. Apoiei meu rosto em seu peito e deixei que as batidas de seu coração ritimassem minha respiração. — O que aconteceu?

— Acabou — deixei escapar em um soluço. — Acabou tudo!

— Tudo o quê?

— Rodrigo e eu. Ele... — Só o fato de mencionar o nome do meu agora ex-noivo fazia meu estômago se revirar. — Ele...

Henrique me afastou de seu corpo e me encarou.

— Ele te bateu? — Perguntou no tom mais sério que eu já tinha visto e eu o olhei incrédula. — Ana Luíza, se aquele verme tocou em você, eu juro…

— Ele me traiu, Henrique! — O interrompi elevando a voz, deixando as lágrimas ardidas voltarem a escorrerem por minhas bochechas. — Ele

me traiu com a cerimonialista do nosso casamento. Acabei de pegar os dois na cama, transando. Na nossa cama!

Meu amigo se calou, mas seguiu me encarando, como se tentasse juntar as peças em sua cabeça. Por mais que eu tivesse tentado, e por mais que conhecesse aqueles olhos tão bem, não pude decifrar sua expressão. Ele se levantou e passou a andar pela sala, de um lado pro outro, até que parou de repente e fechou as mãos em punho.

— Eu vou acabar com a raça daquele desgraçado — disse com uma convicção que quase me convenceu de que ele queria fazer aquilo há tempos. — Como ele pôde?

— Isso não tem mais importância — murmurei, negando com a cabeça.

— Mas vocês vão se casar amanhã! — Falou alto, visivelmente irritado.

— Não vai ter mais casamento, Henrique! Não tem como! — Eu mal conseguia pronunciar a frase sem que minha voz falhasse e eu voltasse a chorar.

Ele parou de andar, me encarou e estendeu as mãos para que eu me levantasse do chão. Henrique me entregou a toalha limpa que havia pego para mim e com muita calma e carinho disse:

— Vá tomar um banho, Ana. Você precisa descansar.

Assenti, peguei a toalha e caminhei até o banheiro. Ao entrar no chuveiro, permiti que a água quente inundasse minhas costas e me relaxasse, enquanto tentava organizar os pensamentos. Uma série de *flashbacks* começou na minha cabeça, desde o dia que conheci Rodrigo no bar quatro anos atrás, passando por todos os nossos momentos juntos até a cena que eu havia acabado de presenciar.

— Acabou tudo — choraminguei para um banheiro vazio e entendi o poder que aquelas duas palavras tão simples tinham para causar um estrago monumental, quando pronunciadas juntas.

Quando eu saí do banho, Henrique estava arrumando o sofá da sala, tentando deixá-lo o mais aconchegante possível e sorriu para mim, me esforcei, mas eu não consegui fazer o mesmo.

— O que é isso? — Perguntei, mesmo já sabendo a resposta.

— Bem, não é a cama mais confortável do mundo, mas acho que dá para dormir aqui — dei um sorriso fraco, mas genuíno.

— Rick, você não precisa fazer isso para mim, eu posso arrumar a minha própria cama — tentei protestar.

— Não é para você, é para mim — disse, me deixando confusa.

— O-o quê? — Balbuciei. Meu amigo deu de ombros, como se não fosse nada.

— Você vai dormir no meu quarto — falou com uma calma inacreditável.

— Mas…

— Nada de "mas", Ana Luíza! Essa é a minha casa e eu estou dizendo que você vai dormir no meu quarto.

Henrique só me chamava de Ana Luíza quando ficava sério. No geral, e ao contrário de todo mundo, ele se dirigia a mim apenas como Ana, enquanto o resto do mundo usava Analu como apelido oficial. Vez ou outra, ele deixava escapar algo como “linda”, mas eu não prestava muita atenção. E, apesar do tom firme em sua voz naquele momento, seus olhos carregavam uma doçura que só ele possuía.

— Eu não sei como agradecer — confessei, ainda anestesiada com sua bondade sem tamanho. — Não sei o que faria sem você.

Ele se aproximou de mim, envolvendo-me novamente em seus braços quentes.

— Você não precisa me agradecer, Ana. Eu faria isso por você mil vezes, se fosse necessário.

— Eu fiz alguma coisa, Rick? — Questionei, brigando com as lágrimas que faziam questão de jorrarem dos meus olhos. Ele se afastou de mim e encarou meu rosto. — O que eu fiz de errado para merecer isso?

— Você não fez nada de errado — o rapaz sussurrou manso, como se falasse com uma criança indefesa.

— Mas então, por quê? — Perguntei, na esperança que Henrique me desse alguma resposta. Olhei a aliança em meu dedo, que agora já não significava grandes coisas. Arranquei-a e joguei-a longe. — Por que ele fez isso comigo, Henrique? Eu o amava, ainda amo aquele imbecil.

Eu me sentia a pessoa mais inútil do mundo por dizer aquelas palavras. Apesar da dor, da raiva e da decepção eu ainda amava o Rodrigo.

— Porque ele é um idiota — meu amigo deu de ombros. — Porque ele não merece uma mulher incrível como você. Aliás, aquele babaca não merece mulher nenhuma!

— Ele conseguiu destruir o meu maior sonho, Rick. Íamos nos casar amanhã, você tem noção? Amanhã! E agora eu não tenho nem coragem de me olhar no espelho! — Sentia tanta vergonha de mim pela traição, que não conseguia nem ao menos encarar meu próprio reflexo, estava me sentindo tão feia, tão incapaz de fazer qualquer esforço.

Me desvencilhando do abraço, passei a andar pelo apartamento de um lado para o outro.

— Como ele pôde? Como? Com a Vanessa! A pessoa que estava organizando o nosso casamento! — Coloquei as mãos sobre o rosto e caí sentada no sofá aos prantos. — Eu fui uma burra, eu sou tão burra!

Sentada ali, eu era incapaz de falar, ouvir, ver ou sentir qualquer coisa direito dali em diante. A situação tinha acabado com tudo que eu achava que conhecia e talvez não houvesse conserto pra nada daquilo.

Henrique se aproximou mais uma vez, agachando-se à minha frente.

— Olhe pra mim — meu amigo pediu com gentileza, segurando meu queixo delicadamente. Eu levantei a cabeça ainda com vergonha de encará-lo. — Você não teve culpa de nada! Você se apaixonou, só isso. Se apaixonou pelo Rodrigo e ele foi idiota o suficiente para te perder — seu tom de voz estava calmo e sereno.

— Tanto tempo jogado fora — me dei conta, soltando essas palavras mais para mim do que para ele.

— Estou aqui, Aninha — o rapaz acariciou o meu rosto e colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Prometo que não irei embora — ele sussurrou tão perto que eu pude sentir sua respiração bater em meu rosto. — Eu prometo! — repetiu para me certificar.



CAPÍTULO 2

HENRIQUE

Eu seria capaz de fazer qualquer coisa pela Ana Luíza e vê-la ali, chorando no meio da rua, fez meu peito doer. Tinha vontade de tomá-la em meus braços e afugentar cada uma das suas dores, como se fossem insetos. Era capaz de fazer tudo que estava ao meu alcance e além para vê-la sorrir, ainda que custasse a minha própria felicidade.

Conheci aquela menina ainda na pré-escola e desde o primeiro momento nos tornamos grandes amigos. Eu era só um garoto chorão que nem sabia como se defender direito, mas ela não, Ana Luíza era o tipo de mulher que nunca chorava. Pelo menos, não na frente de qualquer pessoa. Perdi as contas de quantas vezes ela ergueu a voz para me defender de outras crianças, mesmo quando pequena, já colocava os amigos à frente de si mesma. Os anos passaram e pouca coisa havia mudado, alguns cabelos brancos e boletos, mas à medida que íamos crescendo, eu sentia que nossa amizade só se fortalecia cada vez mais.

Ignorei o que eu sentia por algum tempo, achando que era mero deslumbramento ou só admiração. Mas não, **eu amava Ana Luíza Bianni**. Talvez tivesse demorado tempo demais para perceber, mas quando notei que não conseguia namorar mulher nenhuma por sempre estar pensando nela, finalmente minha ficha caiu. Eu poderia tentar ficar com qualquer outra, mas minha cabeça sempre me levava até o sorriso e a bondade que só a minha Ana tinha.

Nunca gostei de admitir isso, mas o que me mantinha longe de ter a mulher que eu amava em meus braços era a minha covardia. Ela jamais me dera qualquer esperança de um relacionamento, então apenas me mantive ao seu lado como um bom amigo, pois era assim que ela me enxergava.

Mesmo que isso me matasse por dentro diariamente, eu sabia que seria sempre o cara que ela chamaria de irmão.

Uma coisa que eu aprendi com tantos anos desse amor platônico é que, quando amamos alguém tanto quanto eu amava a Ana Luíza, só desejamos que essa pessoa seja muito feliz, mesmo que seja sem a gente. Quando ela conheceu Rodrigo, confesso que morri de ciúmes, mas vê-la radiante quando estava com ele, era muito mais importante que o meu ego. Nunca fui com a cara dele, mas Ana Luíza era louca pelo cara, então decidi que faria tudo que estivesse ao meu alcance para que eles fossem felizes juntos, e quem a conhecia bem, sabia que o maior sonho da moça sempre foi se casar. Apesar da pose de durona, ela não passava de uma menina cheia de sonhos e romântica que queria crescer, casar e formar uma família. Eu era um apaixonado nato, também queria tudo isso, mas o meu sonho tinha nome, sobrenome e RG. Por que ela não enxergava o que eu sentia por ela? Que merda!



Depois que a trouxe para minha casa, garanti que tomasse um bom banho quente, enquanto eu arrumava a sala para que eu pudesse dormir. Eu não tinha outro sentimento dentro de mim se não o de protegê-la do mundo, e era mais que óbvio que eu daria a minha cama para ela passar a noite, afinal, ela precisava descansar direito. Nunca havia visto Ana Luíza daquele jeito, chorando, com o olhar cheio de desespero, clamando ajuda sem usar as palavras.

Achei que ela sairia do chuveiro um pouco melhor, mas quando a vi parada na porta do banheiro, percebi que nada seria fácil a partir daquele momento. Como sempre, Ana tentava fingir que estava bem, quando na verdade, estava para desmoronar.

Eu arrumava o sofá e lhe dei um sorriso amigável, ela não correspondeu, mas me olhou curiosa.

— O que é isso? — Perguntou enquanto se aproximava.

— Bem, não é a cama mais confortável do mundo, mas acho que dá para dormir aqui — expliquei, tentando parecer engraçado.

— Rick, você não precisa fazer isso para mim, eu posso arrumar a minha própria cama — ela tentou protestar, mas a interrompi.

— Não é para você, é para mim.

— O quê? — Ela parecia surpresa.

— Você vai dormir no meu quarto — eu expliquei da maneira mais delicada que consegui, o mais importante era deixá-la confortável. Dane-se se eu tivesse que dormir no sofá todas as noites! Por ela, eu era capaz de dar minha cama, a roupa do corpo, até minha vida, se fosse preciso.

— Mas…

— Nada de "mas", Ana Luíza. Essa é a minha casa e eu estou dizendo que você vai dormir no meu quarto.

Eu quase nunca a chamava de Ana Luíza, então ela sabia que eu falava sério e não mudaria de ideia, não importava a birra que ela fizesse. E, verdade seja dita: por mais que eu achasse o nome dela lindo, “linda” combinava muito mais com a minha Ana.

— Eu não sei como agradecer — murmurou com os olhos marejados. — Não sei o que faria sem você.

A puxei para um abraço e encostei meu nariz em seus cabelos. Dentre tantas coisas que eu adorava nela, seu cheiro, tão suave quanto rosas, estava entre as primeiras opções da minha lista.

— Você não precisa me agradecer, Ana. Eu faria isso por você mil vezes, se fosse necessário — falei com todo amor que eu tinha no meu coração.

— Eu fiz alguma coisa, Rick? — Aquela mulher tão doce e incrível perguntou, deixando as lágrimas pesadas escorrerem por suas bochechas. Eu podia ver ela lutando sem sucesso para não desabar em choro novamente e agradecia por isso, porque cada gota de água que escorria de seus olhos, um pedacinho de mim morria junto. — O que eu fiz de errado para merecer isso? — Ela realmente esperava uma resposta.

— Você não fez nada de errado — sussurrei suavemente. Ana parecia uma flor delicada em minhas mãos e eu tentava de tudo para que ela não perdesse mais nenhuma de suas pétalas.

— Mas então, por quê? — questionou, arrancando a aliança do dedo e jogando-a do outro lado da sala. — Por que ele fez isso comigo, Henrique? Eu o amava, ainda amo aquele imbecil.

— Porque ele é um idiota — eu disse, como se fosse a verdade absoluta, e convenhamos, era. — Porque ele não merece uma mulher

incrível como você. Aliás, aquele babaca não merece mulher nenhuma! — Nunca havia dito palavras tão verdadeiras como aquelas.

— Ele conseguiu destruir o meu maior sonho, Rick. Íamos nos casar amanhã, e agora eu não tenho nem forças para me olhar no espelho — ela se soltou do meu abraço como se lhe faltasse ar nos pulmões e passou a andar de um lado para o outro. — Como ele pôde? Como? Com a Vanessa! A pessoa que estava organizando o nosso casamento! — Analu levou as mãos ao rosto e, chorando compulsivamente, desmoronou no sofá ao meu lado. — Eu fui uma burra, eu sou tão burra!

Naquele momento eu não sabia mais o que dizer, cheguei mais perto e agachei-me diante dela.

— Olhe pra mim — pedi, em mais uma tentativa de deixá-la melhor. Levantei seu rosto para que ela pudesse ver meus olhos, os dela estavam vermelhos e inchados por causa do choro. — Você não teve culpa de nada! Você se apaixonou, só isso. Se apaixonou pelo Rodrigo e ele foi idiota o suficiente para te perder — tentei manter a voz controlada, quando na verdade minha maior vontade era dar uns socos na cara daquele imbecil.

— Foram três anos jogados fora — ela murmurou quase sem voz.

— Estou aqui, Aninha — acariciei sua bochecha tão macia e coloquei uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. — Prometo que não irei embora! Eu prometo — repeti, apertando-a com força em meus braços. Jamais, em hipótese alguma, eu quebraria aquela promessa. — Agora vamos comer, você deve estar morrendo de fome.

Passei meus braços ao redor dos seus ombros e puxei-a com delicadeza até a mesa. Fiz um lanche rápido para nós e sentamos em silêncio. Fiquei remexendo o pedaço de pão no prato, sem ânimo para comer, até que Ana Luíza cortou o silêncio entre nós.

— Acho que a única coisa que tenho a fazer agora é ligar pra todo mundo, avisando que não vai haver mais casamento — as palavras dela pairavam sobre nossas cabeças, como se fossem uma névoa pesada. — Só preciso de coragem para isso — Ana murmurou sem forças, visivelmente arrasada.

Seus olhos, sempre tão cheios de vida, estavam opacos, seu rosto inchado de tanto chorar. Fisicamente ela estava ali comigo, mas emocionalmente parecia inerte, morta. O desânimo tinha tomado conta de seu corpo feito uma sombra. E imaginá-la morta em qualquer que fosse a circunstância era impossível de suportar. Queria a minha garota de volta. A

Ana Luíza que todos conheciam, alegre e capaz de iluminar o dia de qualquer um sem esforço. Ela estava ali dentro perdida em algum lugar e eu iria trazê-la de volta. Segurei forte sua mão para ela ter certeza que não estava sozinha, nunca ficaria enquanto eu estivesse aqui.

— Mas você trabalhou tanto para pagar esse casamento — comentei, mesmo sabendo que não eram as palavras certas para o momento.

— Não faz mais diferença — ela estava apática e as palavras saíam de sua boca sem emoção. — Meu casamento acabou, Henrique! Tenho que aceitar isso, o que aconteceu hoje não tem perdão.

Eu sabia que não, eu conhecia aquela mulher melhor que muita gente e tinha certeza que ela nunca perdoaria uma traição como aquela. De qualquer forma, não era justo que ela não pudesse ter seu dia de princesa e o casamento dos seus sonhos, o que ela batalhou tanto para conquistar cada detalhe.

— Mas é o seu sonho, Ana Luíza.

— Meu sonho? — Ela me encarou incrédula. — Que importância tem meu sonho agora? Meu sonho não passa de uma ilusão. Eu nunca vou me casar, entrar na igreja vestida de branco, dizer "sim" ao homem que eu amo ou dançar valsa com ele. Sabe por quê? Porque ele não existe, nunca existiu! — Ana Luíza empurrou o prato à sua frente e levantou-se da mesa. — O que me resta fazer é rasgar meu vestido, ligar pra todo mundo avisando que a otária aqui não vai mais se casar, porque o noivo encontrou alguém mais interessante e voltar para a minha vida normal e inútil.

Senti meu coração apertar ao ouvi-la dizer aquelas palavras. Talvez eu jamais compreendesse o tamanho de sua dor e nem pudesse fazer algo para remediá-la, e só com o fato de ficar de mãos atadas perante seu sofrimento, de estar fora do meu alcance ajudá-la, eu sofria junto. Era tão injusto que Ana não percebesse o quanto ela era uma mulher incrível.

De repente, o celular dela vibrou e ao ver quem estava ligando ela atirou o aparelho contra a parede, fazendo a tela ficar estilhaçada em mil pedaços. Não sei se foi o susto ou a ideia que surgiu em minha cabeça iluminando tudo, que me fez levantar, mas pulei da cadeira também.

— Não — quase gritei, chamando atenção da minha melhor amiga. — Você não vai fazer nada disso! Não vai ligar pra ninguém, nem rasgar vestido nenhum.

— Por quê? — perguntou num tom abismado. A voz podia ser nervosa e até um pouco mais estridente que o normal, mas seu rosto

transparecia uma mistura de indiferença com dor.

— Porque você vai precisar da igreja, do salão, do vestido — eu disse empolgado, tentando animá-la também.

— Não estou entendendo...

— Vai precisar de tudo, porque o casamento vai acontecer!

ANA LUÍZA

Assim que Henrique disse aquelas palavras, eu quase tive vontade de gargalhar, mas acho que nunca mais seria capaz disso. Como assim, o casamento ia acontecer? Será que eu acertei o celular na cabeça dele e não havia percebido?

— Vou repetir, Henrique: eu não estou entendendo!

— O casamento vai acontecer e você vai realizar seu sonho, Ana — ele afirmou com um ar confiante, seus olhos brilhavam como eu nunca havia visto.

— Do que você está falando? — Minha voz vacilou. Apesar de tentar levar aquilo num tom de brincadeira, eu não conseguia desviar de seu rosto, levemente animado.

— Esse é o grande sonho da sua vida! Não vou deixar que um idiota como o Rodrigo estrague tudo — meu amigo falava sério, sua voz estava firme e confiante. — E é por isso que você vai se casar amanhã.

— Como? — Eu estava exausta, minha cabeça girava e eu não conseguia acompanhar o raciocínio dele.

— Case comigo, Ana! — Henrique soltou a frase tão explicitamente que me senti tonta.

— Casar com você? — Repeti cada palavra pausadamente, para ver se elas faziam sentido juntas. Era aquilo mesmo que ele havia falado para mim?

— Sim — o rapaz tão lindo e bondoso, meu amigo e confidente há anos, agachou-se à minha frente e segurou minhas mãos entre as suas. — Entre naquela igreja e prove a todos que você não precisa do Rodrigo para nada! Prove que ele não te destruiu, Ana Luíza!

"Ele não te destruiu", as palavras de Henrique ricochetearam em minha mente.

— E por que eu faria uma coisa dessas? — Perguntei, como se tudo o que ele dizia fizesse parte de um grande enigma. — Você é meu melhor

amigo! — Minha voz estava um pouco rouca aquela altura e meu rosto, encharcado pelas lágrimas. Queria espernear diante daquele pedido mas estava tão chocada que lembrá-lo que ele era meu melhor amigo foi tudo que consegui.

Aquela situação toda era tão inacreditável que mais soava como uma pegadinha. Se sua intenção era me fazer rir, ele estava quase conseguindo, mas de preocupação.

— Eu te conheço e sei que o grande sonho da sua vida é casar — sua voz mansa e aveludada acalmava meu coração nervoso, mas ainda assim, nada fazia sentido. Henrique fez um carinho gostoso no meu rosto e eu deitei a cabeça na mão dele respirando fundo. — Sua festa já está paga, tudo que você terá que fazer agora é aproveitar o seu grande dia, como sempre quis. Nós não precisamos ficar casados, você só precisa aproveitar seu grande dia.

Estranhamente, a animação de Henrique fez com que suas palavras começassem a ganhar algum sentido na minha cabeça.

— O sonho não era só simplesmente casar. Eu queria casar com o meu grande amor, com o homem que eu escolhi para partilhar a minha vida — senti minha voz falhar, como se eu não fosse capaz de associar mais aquelas palavras ao Rodrigo. — Como poderei aproveitar, Rick? Rodrigo me traiu e...

— Não importa — ele me interrompeu, invalidando minhas desculpas. — Foi você mesma que disse, nada disso importa mais. Então, aproveite o dia de amanhã e esqueça o que aconteceu hoje, Ana! Viva o dia que sempre quis e quando tudo isso acabar, nós voltamos a ser só amigos.

Encarei sua expressão, tentando encontrar alguma palavra que pudesse se contrapor a tudo que estava dizendo, mas não encontrei nenhuma.

— E se o Rodrigo aparecer? — Eu conseguia pensar rápido em, pelo menos, dez motivos para que não fossemos adiante com aquela loucura, mas Henrique parecia estar certo de que aquela era a melhor solução para o meu problema.

— Ele não seria tão idiota assim, mas se isso acontecer, eu mesmo dou um jeito nele — sorriu convencido, e não pude deixar de sorrir também.

— Mas e os convidados, o que eles vão pensar?

— Quem se importa com o que eles vão pensar, Ana Luíza? — Meu amigo devolveu a pergunta parecendo entediado, dando de ombros. — Você passa tempo demais se preocupando com os outros e olha no que deu! Agora chegou a hora de pensar em você!

Aquela frase me desarmou completamente, qualquer argumento que eu poderia ter foi por água abaixo, porque era a mais pura verdade. Sempre coloquei todos à minha frente e por vezes, perdi o rumo da minha vida. Agora estava na hora do jogo virar.

— O que me diz? — Henrique me encarava aflito por uma resposta. — Você aceita se casar comigo, Ana Luíza Bianni? Concorda em curtir o dia do seu casamento com o seu melhor amigo?

O rapaz foi até seu quarto e voltou pouco tempo depois, limpando algo em sua camiseta. Seu sorriso, diferente de todos os outros que eu já tinha visto, me dava a sensação de que aquele não devia mais ser um dia triste, pelo menos não era para ele. Henrique virou-se para mim e foi quando senti a ansiedade que emanava de seu corpo. Apesar de animado, ele estava nervoso, como se estivesse realmente propondo um casamento. De repente, uma onda de coragem tomou conta de mim e eu me senti numa espécie de realidade paralela, em que não me casaria mais com o cara que conheci em um bar anos atrás, mas sim com meu melhor amigo de infância. Quão louca e inimaginável era aquela situação?

— Talvez fique um pouco grande agora, mas é o único anel que eu tenho — ele disse em tom de desculpas ao me mostrar uma peça antiga, de prata, que ele usava na época do Ensino Médio. Era só um anel simples, nada demais. — E então? Aceita se casar com o seu melhor amigo?

— Aceito — pulei do sofá, em uma animação que eu não imaginei sentir mais depois de ver meu noivo e a organizadora do meu casamento, completamente sem roupas, em minha cama. Estendi minha mão e Henrique selou o trato, colocando seu anel velho em meu dedo.

"Ele não me destruiu", a frase ecoava como um mantra.



O Grande Dia

Enfim, o dia do meu casamento chegou. Esperei tanto por ele, planejei tudo nos mínimos detalhes, com tanto amor e agora, eu sentia como se estivesse à deriva no meio do oceano, onde minha única bóia de salvação era Henrique.

Não havia pregado os olhos a noite inteira, pensando naquele plano maluco. Uma parte minha queria simplesmente desistir da ideia de seguir com a cerimônia, ligar para todos e cancelar, mas a outra estava empolgada para aproveitar o dia, jogar tudo para o alto e recomeçar do zero. Mesmo aceitando o acordo do casamento de mentira, era surreal demais e parecia um sonho bizarro. Eu tinha a sensação que acordaria e tudo não teria passado de uma noite de ansiedade pré-casamento. Henrique era como um irmão e agora, de repente, eu entraria na igreja e caminharia em direção a ele, para dizer o tão famoso "sim". Isso selaria um compromisso para a vida inteira. Meu Deus, onde eu estava com a cabeça? Aquilo era loucura e eu não podia seguir adiante com o plano do meu melhor amigo.

Me levantei e fui até a sala, determinada a acabar com tudo! O dia ainda nascia, mas, apesar da baixa luminosidade, era possível ver seu rosto. Sua expressão serena não escondia que parecia exausto e eu conhecia bem a sensação. O turbilhão de emoções das últimas vinte e quatro horas fazia meu corpo doer e imaginava que as coisas não estavam muito diferentes do lado dele. Preferi deixá-lo descansar e fiz meu caminho de volta para a cama.

O telefone vibrou ao meu lado, chamando minha atenção, mesmo com a tela quebrada, o nome do infeliz aparecia: Rodrigo! Lutei para não deixar as lágrimas caírem, engoli a bola que se formou em minha garganta e recusei a ligação.

"Ele não me destruiu", repassei as palavras na cabeça para não me esquecer. Comecei a apagar todas as fotos que tinha com ele. Cada vez que apertava em "excluir”, parecia estar enterrando uma parte do meu passado, da minha vida. Quando estava quase terminando, meu celular vibrou mais uma vez, mas dessa vez era a minha mãe. Respirei fundo antes de atendê-la, para que ela não percebesse a decepção em minha voz.

— Alô, mãe? — falei o mais animada que consegui.

— Bom dia, noiva mais linda do mundo — sua empolgação cortou meu coração e eu continuei em silêncio até que ela prosseguiu. — Enfim o seu grande dia!

— Enfim, meu grande dia — repeti, tentando processar todas as informações e já temendo a reação dela quando soubesse da novidade. Engoli seco pensando na decepção que ela sentiria. Como eu poderia contar à minha mãe que o genro dos seus sonhos, na verdade, não passava de um traidor?

— Só estou ligando para avisar que já estou a caminho — ela disse, me deixando sem reação.

— A caminho? — Saltei da cama.

— É claro, Analu! Você achou que eu ia ficar de fora do dia mais importante da vida da minha filha? — Senti meu corpo gelar.

— É que eu… — tentei formular uma frase, mas minha mente tornou-se um completo branco. — Eu não estou em casa, mãe!

A linha ficou em silêncio por alguns segundos.

— Está aonde, então?

Eu não podia mentir, ela descobriria tudo mais cedo ou mais tarde.

— Na casa do Henrique — falei baixo, como se carregasse culpa e ela ficou em silêncio novamente.

— Como assim, na casa do Henrique? — Sua pergunta saiu alta, quase como uma bronca, mas ela rapidamente recompôs o tom de voz. De todas as razões possíveis para eu ter passado a noite lá, duvido que ela adivinhasse qual era o verdadeiro motivo.

Mordi o lábio, sem conseguir encontrar uma resposta minimamente convincente.

— Estava cansada demais pra voltar para casa ontem, resolvi dormir aqui — sempre fui péssima em mentiras e essa era certamente uma das piores desculpas que eu já havia dado.

— Vou passar aí então, fique pronta — seu tom soava como uma ordem, como se eu fosse uma adolescente e ela estivesse indo me buscar na festa de uma amiga, tarde da noite.

— Tá.

O casamento de mentira estava prestes a desmoronar, sem nem ao menos ter acontecido e eu pude perceber isso assim que desliguei o telefone. Minha mãe apareceria ali a qualquer momento e eu não teria como fugir dela, aquela senhora parecia conseguir farejar quando algo estava errado a quilômetros de distância. No mínimo, ela havia pensado tudo errado quando soube que eu tinha passado a véspera do meu casamento na

casa do padrinho, mas eu mal podia imaginar seu choque quando ela soubesse quem era o verdadeiro traidor naquela história.

Corri para acordar Henrique e comecei a sacudí-lo desesperada, até que ele despertou, pronto para fugir de algum incêndio.

— Meu Deus, o que aconteceu? — Ele perguntou sentando-se de supetão, ainda desnorteado pelo sono.

Tentei manter a calma, mas a tensão que atravessava meu corpo naquele momento, me fazia circular pela sala, gesticulando e tentando explicar pra ele que nada tinha acontecido.

— Não vai dar certo, Henrique! O nosso plano, não vai dar certo! — Repetia sem parar.

— Calma — ele disse firme, quando me alcançou e me segurou pelos ombros, mas foi em vão.

— Minha mãe está vindo pra cá — atropelei as palavras, tentando evidenciar a gravidade da situação.

— O quê? — Ele gritou, parecendo entender a razão do meu nervosismo.

— Não vou conseguir mentir para ela, o que eu posso dizer? — Eu tentava de todas as maneiras encontrar um modo de explicar tudo o que tinha acontecido desde a noite anterior, sem que ela despejasse uma enxurrada de perguntas em cima de mim.

— Espera, quando ela está vindo pra cá? — Henrique interrompeu meus pensamentos.

— Ela ligou um pouco antes de você acordar, eu sabia que ia querer me acompanhar hoje, mas o que eu ia fazer? Eu não consegui mentir, acabei falando que estava aqui.

— E sobre o Rodrigo? — Seus olhos pareciam preocupados enquanto me perguntava o óbvio. — Você disse a verdade a ela?

Prendi a respiração por um instante.

— Não, ainda não — caminhei em sua direção, em busca de abrigo. — Não consegui! — Parecendo entender o que eu precisava, Henrique deu um passo à frente e ficou bem próximo de mim.

— Se ela está vindo para cá, você terá que dizer, Ana! — Ele murmurou calmo e acariciou meu rosto.

— Esse é o meu maior receio. Conheço bem a minha mãe e ela sempre adorou o Rodrigo. Foi ela quem deu a maior força para o nosso relacionamento desde o início, Rick. Com certeza, ela não aprovaria toda

essa loucura que estamos fazendo — minhas palavras mais pareciam um sussurro.

— Você acha que ela não te apoiaria? — Seus olhos compreensivos não desviavam de mim enquanto falava.

— Não sei, realmente não sei — minha voz saiu embargada novamente. Eu já estava exausta daquela situação. Exausta de chorar, de tentar fingir que estava tudo bem.

— Eu vou estar ao seu lado sempre — Henrique disse enquanto segurava minha mão. – Vou te ajudar nesse momento, você não fará nada contra a sua vontade!

Cada vez que Henrique me dizia palavras de conforto, parecia que todos os problemas do mundo desapareciam por um instante. Ficamos parados no meio da sala em silêncio, encarando os olhos um do outro, como se tudo estivesse ali: as respostas, as confirmações, as bases do que precisaríamos dali para frente. Não sei quanto tempo essa conversa silenciosa durou, mas nossa linha íntima de pensamentos foi quebrada com o toque do interfone. Henrique se apressou em aender e, em poucos minutos, minha mãe estava parada diante do apartamento, com um olhar de quem cobrava explicações.

— Oi, mãe — tentei manter minha voz controlada enquanto a cumprimentava.

Passando pela porta, carregada de sacolas, ela parou e me analisou por um momento, até que falou pela primeira vez:

— Você pode me explicar o que está acontecendo aqui, Ana Luíza? — Com queixo empinado e mão na cintura, sua postura era como a de uma diretora de escola, que acaba de encontrar dois alunos matando aula.

Respirei fundo, tentando encontrar palavras para responder. Henrique, no entanto, se antecipou cumprimentando minha mãe e convidando-a para ficar à vontade em seu apartamento. Tudo aconteceu tão rápido que não tínhamos sequer cogitado trocar de roupas. E, considerando que eu estava usando uma de suas camisetas velhas e uma calça de moletom dois números maior, enquanto Henrique estava sem camisa, a cena dava muito a pensar.

Meu amigo abriu espaço no sofá, tentando se livrar do lençol com que passou a noite, gesticulando para que ela se sentasse.

— Presumo que deve haver uma explicação muito boa para o que estou vendo — minha mãe foi a primeira a quebrar o silêncio constrangedor. — Podem começar, estou esperando.

Ela largou todas as sacolas que trouxe no chão e sentou-se, com um olhar impassível no rosto. Decidi contar a verdade de uma vez, já que aquela situação não podia se prolongar mais.

— Mãe, não vai haver mais casamento — fui precisa como o corte de uma lâmina afiada, sentindo todo o peso do mundo se esvair enquanto dizia aquelas palavras de gosto amargo.

Não havia porquê esconder nada da minha mãe. Seu choque pareceu tão grande que ela não conseguiu pronunciar nem uma palavra, apenas arregalou os olhos, como se pudesse ouvir melhor assim.

— O Rodrigo… — prossegui, reunindo toda a coragem que me restava, com todas as lembranças da traição vindo à tona. — Ele me traiu com a Vanessa.

Quando mencionei o nome de ambos, pude sentir a sombra protetora de Henrique ao meu lado. De canto de olho, percebi que ele não havia se movido um centímetro, com o rosto erguido, encarando-a também. Minha mãe fez menção de falar, mas apenas moveu os lábios, sem emitir qualquer som, tentando processar aquela informação.

— Que tipo de brincadeira é essa? — Foi o que ela conseguiu formular em meio ao choque.

— Não é brincadeira nenhuma, Dona Débora — Henrique falou firmemente. — Jamais brincaríamos com isso, a Ana Luíza está dizendo a verdade — mesmo conhecendo minha família há anos e tendo frequentado minha casa desde criança, ele tratava minha mãe com muito carinho e respeito e eu o admirava por isso.

O rapaz segurou minha mão e a apertou, para me assegurar que estava comigo e que as coisas ficariam bem. Com ele ao meu lado, me dando forças, eu tinha certeza que, em algum momento, as coisas voltariam ao normal.

Minha mãe se levantou com a mão na cabeça, dessa vez circulando de um lado para o outro. Seu olhar, perdido.

— Cadê o Rodrigo? — Ela perguntou e eu a encarei sem entender. Meu corpo enrijeceu, eu sentia tremores, meu sistema nervoso desistindo de controlar minhas emoções.

— Não importa onde ele está, mãe! — Gritei com ela. Como assim ela queria saber onde estava o Rodrigo? — Ele me traiu, você ouviu o que eu disse?

— Não pode ser verdade! — Minha mãe tinha um olhar desesperado e eu consegui me enxergar naquele sentimento. Era exatamente como eu havia ficado depois de ver meu noivo transando com outra garota na cama em que dormia comigo.

— Eu também não queria que fosse, mas é — meu tom de voz saiu seco e ríspido, rasgando minha garganta, o ar e tudo o que tivesse na frente. — Rodrigo não é o homem ideal, mãe! Ele nunca foi.

— Isso deve ser algum engano, Analu. O Rodrigo não, ele não — pareceu dizer mais para si mesma do que pra mim.

Eu respirei fundo, deixando uma lágrima solitária escorrer pelo meu rosto. Uma última lágrima de conformismo.

— Não existe engano nenhum — Henrique assegurou com sua voz calma.

Minha mãe estava atordoada, se virou para ele, parecendo se dar conta de sua presença ali pela primeira vez.

— Quando foi isso? E que você veio fazer aqui, Ana Luíza? — Ela olhava de um para o outro, procurando respostas em nossos rostos.

— Foi ontem, mãe. Peguei os dois na nossa cama quando cheguei do trabalho. Henrique foi meu verdadeiro anjo da guarda, apareceu no momento que eu mais precisava de ajuda, me trouxe para cá e me deixou dormir aqui.

Meu amigo me lançou um olhar de cumplicidade, com um leve sorriso em seu rosto.

— Ela pode ficar aqui quanto tempo quiser, Dona Débora! Vai estar segura, vou garantir isso.

Ainda com as mãos no rosto, finalmente minha mãe parecia estar assimilando tudo. Olhou para mim, seus olhos quase pedindo socorro. Meu coração partiu ao vê-la naquele estado, que só contribuiu para alimentar meu ódio por Rodrigo. Me trair, destruir meus sonhos, meus planos era uma coisa, agora, decepcionar a minha mãe era demais. Eu queria matá-lo por fazê-la passar por aquilo!

— Seu casamento, minha filha. Tudo aquilo que você sonhou — ela praticamente gemeu as palavras. Não consegui responder, o silêncio era mais do que suficiente, então apenas assenti.

— O casamento vai acontecer! — Henrique se prontificou a soltar a próxima bomba. Permaneci ao lado dele sem vacilar, nem mudar minha expressão séria.

Ela o encarou sem dizer uma palavra, mas eu podia ver sua mente trabalhando arduamente para entender o que ele queria dizer.

— É uma história muito longa, mas a senhora terá que compreender — completou ele, paciente e delicado, como se estivesse tentando explicar o alfabeto a uma criança. Henrique se aproximou, segurando as mãos dela entre as suas. — Apenas confie em mim, pela felicidade da sua filha!

ANA LUÍZA

Nos dedicamos a explicar para a minha mãe todos os detalhes que havíamos combinado sobre o casamento de mentira. Ela ouviu tudo, ainda entorpecida, tentando assimilar o que estávamos prestes a fazer. Assim que terminamos, o silêncio se estendeu pelo ambiente de novo.

— Agora a senhora já sabe toda a verdade, inclusive sobre a nossa ideia de seguir em frente com a cerimônia para que Ana tenha o dia que ela tanto esperou — Henrique finalizou a explicação enquanto ela continuava estática, sem dizer uma só palavra. — A senhora tem todo o direito de não concordar conosco, mas a ideia foi toda minha. Ela não tem culpa de nada, não brigue com ela.

— Não, Henrique! De jeito nenhum — segurei sua mão e entrelacei nossos dedos. — O único culpado nessa história é o Rodrigo, somente ele! — Minha voz parecia mais firme. Ter meu melhor amigo ao meu lado e contar para a minha mãe me deu um pouco mais de força, apesar de meu coração ainda estar despedaçado.

— Eu só quero que a Analu seja feliz — minha mãe balbuciou quebrando o silêncio constrangedor que estava na sala do apartamento de Henrique. Ela se levantou, ficou diante de mim, e, apesar de seu olhar incrédulo, percebi um leve brilho de esperança em seu semblante. — Ana Luíza, você quer realmente fazer isso? — Ponderei por um momento. Até que ela voltou a falar. — Porque se esta for a sua vontade, quero que saiba que vou te apoiar, independente do que acontecer.

Aquilo me pegou desprevenida, juro que não esperava aquela reação. A ideia de “trocar de noivo” em pleno altar era tão doida que eu imaginava que praticamente ninguém ficaria ao nosso lado. Seria muito mais fácil cancelar o casamento e avisar todo mundo. No mínimo, esperava que minha mãe desse um sermão em nós dois por estarmos cogitando aquela hipótese.

— Ju-jura? — gaguejei surpresa. — Achei que você nunca concordaria com essa loucura!

— Ana Luíza — chamou meu nome como se fosse me dar uma bronca. — Não foi só você que se enganou em relação àquele covarde, eu também me enganei, talvez até mais do que você. Fui cega, achei que ele era o homem perfeito, mas é só um traidor. Peço perdão por isso, filha. Perdão por não ter percebido nada, por não ter... — seus ombros cederam assim que ela soltou o choro que estava carregando, provavelmente desde que mencionei a traição. Minha mãe colocou as mãos na cintura e desviou o olhar para disfarçar as lágrimas. Sua frase ficou no ar. Ela estava tão abismada quanto eu.

— A senhora não poderia prever — soltei a mão de Henrique e a interrompi com um abraço apertado, só aí eu percebi o quanto eu sentia falta da minha mãe. Percebi o quanto seu perfume, com toque frutado, me trazia a sensação de conforto e segurança.

— Eu sinto muito, filha.

— Vai ficar tudo bem agora, mãe. Eu prometo! Esse plano vai dar certo, vou recomeçar minha vida e nada vai me parar. Cansei de sentir medo, de chorar, sofrer por pessoas como o Rodrigo, que não merecem nada além de desprezo.

Ela deu um leve sorriso.

— Então, é realmente isso que você quer fazer? — questionou para se certificar.

— Com toda certeza. É a coisa certa a se fazer — Henrique, que observava toda a cena ao meu lado, sem dizer uma só palavra, sorriu satisfeito — Esse mocinho me mostrou que o certo é eu aproveitar meu dia!

Reparei que minha mãe deu um longo suspiro com a resposta, finalmente cedendo. Chegou mais perto de Henrique, segurou seu rosto entre as mãos e encarou seus olhos castanhos.

— Sei que você vai fazê-la feliz, Henrique!

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance, Dona Débora! — disse com um sorriso tímido nos lábios. O rapaz tirou as mãos de minha mãe das suas bochechas e beijou uma delas, como um verdadeiro cavalheiro.



CAPÍTULO 3

ANA LUÍZA

Colocar aquele vestido já não tinha mais a mesma alegria de antes. Assim que eu me olhei no espelho, uma sensação estranha invadiu meu estômago, como se faltasse algo dentro de mim. Minha mãe estava se arrumando comigo em um quartinho nos fundos do ateliê e Dona Amélia nos ajudava com zíperes, maquiagem e cabelo. Não estava com um pingo de ânimo para passar qualquer coisa no rosto. Por mim, iria para a igreja do jeito que estava: com os olhos cansados, a face avermelhada e a expressão inegavelmente triste.

Dona Amélia estava visivelmente radiante ao me ver usando sua obra de arte novamente, no entanto, seu rosto deixava transparecer preocupação.

— Tem alguma coisa lhe afligindo, querida? — A talentosa costureira sondou, enquanto terminava de dar o nó do laço de cetim na minha cintura.

— Só estou nervosa, dona Amélia — em partes aquilo era verdade, eu estava realmente cheia de sentimentos, mas não pelos motivos que seriam plausíveis. Eu estava ansiosa por estar prestes a subir no altar com alguém que eu amava muito, mas nunca havia imaginado me casar. — Às vezes, sinto que uma grande onda me tirou da calmaria da praia e me levou direto para o meio do oceano — desabafei em um suspiro, pois era aquilo que sentia dentro do peito. — Não sei como enfrentar isso, esse vazio enorme e sem saída!

Dona Amélia não sabia de nada sobre a traição de Rodrigo, tampouco sobre o plano do meu falso casamento com Henrique, que tinha ficado em seu apartamento para se aprontar. Quando me ouviu, a senhora fitou meus olhos e pareceu desvendar o que havia em minha alma.

— O oceano pode nos levar a tantas partes, Analu — disse com um tom compreensivo. – Talvez chegue em algum lugar melhor dessa vez!

Fiquei sem palavras e o mesmo arrepio de quando ela me desejou seus votos de felicidade no ateliê, apareceu novamente.

— Venha, vamos para a igreja, chegou a hora! — Dona Amélia me estendeu o braço para que eu a acompanhasse. — Que cabeça a minha, já estava esquecendo! — A bondosa senhora foi até um pequeno baú com aparência antiga, o abriu com cuidado, tirou de lá uma linda coroa de flores silvestres e me entregou. — Fiz isso para você, minha querida. Que essa coroa abençoe a sua união e seja símbolo de felicidade e longevidade.

Fiquei encantada com o gesto e me abaixei para que ela pudesse colocar em minha cabeça.

— É maravilhosa! Obrigada, Dona Amélia.

Com o rosto levemente corado e os olhos brilhando, ela me benzeu, como uma avó benze uma neta, e uma sensação de calma soprou meu coração.

— Vamos, você não vai querer deixá-lo esperando!

Saímos juntas do pequeno ateliê, rumo ao carro que nos levaria à igreja. Minha mãe já nos aguardava impaciente, certamente estava tão nervosa quanto eu. Quando me viu vestida de noiva, seus olhos também brilharam. Levou a mão a boca e eu dei uma voltinha pra ela ver o caimento perfeito do vestido.

Não me sentia bonita como quando o provei pela primeira vez, ou como deveria me sentir como noiva. Pelo contrário, me sentia quebrada e nada mudaria aquela sensação. Mas pelo menos, minha mãe estava sorrindo.

— Você está tão linda, minha filha — sua voz estava embargada por causa da emoção e ela chorava de novo, mas desta vez por um bom motivo. Eu sorri e estendi minha mão para ela.

— A Dona Amélia é mágica, mãe — eu disse e ela assentiu, me olhando dos pés à cabeça. O vestido e a coroa de flores pareciam ter saído de um conto de fadas.

A costureira, meio sem jeito com o elogio, sorriu genuinamente e agradeceu baixinho.

— Nunca tive dúvidas, ela sempre teve talento — minha mãe disse, orgulhosa de sua amiga.

Deixar minha mãe feliz, sem dúvida, era uma das minhas metas naquele dia. A outra era não desmaiar na frente de todos os convidados e acabar passando vexame e a terceira, a que eu mais rezava para dar certo, era não dar de cara com Rodrigo, pois estragaria tudo. Respirei fundo, tentando afastar aquelas ideias da cabeça. Minha ansiedade não ia me sabotar, não daquela vez.

HENRIQUE

Meu coração batia forte e acelerado enquanto eu tentava fazer o nó na minha gravata pela quinta vez, o nervosismo não estava me ajudando. Aquilo tudo era surreal demais para estar acontecendo. Nunca tive dúvidas de quanto eu amava Ana Luíza, e, romântico como eu era, sempre sonhei em me casar com ela, mas nunca imaginei que ela aceitaria. Mesmo sabendo que ela me considerava somente um amigo, eu faria tudo que fosse possível para vê-la feliz durante aquele dia especial e esquecer Rodrigo de vez.

Entrei no carro e segurei o volante com força. Repassei toda a minha vida até aquele momento, o dia do meu casamento. Quer dizer, não era bem meu casamento, era a festa de casamento da minha melhor amiga de infância e eu era o noivo.

Inspira, expira, inspira, expira, inspira, expira e conta até dez, Henrique.

Pensei em como meus pais estariam felizes se estivessem ali para celebrar comigo. No mínimo, minha mãe diria que eu estava completamente maluco. Ri sozinho das lembranças boas que eu tinha da minha família completa, eu evitava pensar muito neles para não lembrar do acidente de carro que os tirou de mim quando eu tinha apenas dezoito anos de idade. Ainda era doloroso demais para suportar e eu só pensava que gostaria que eles ainda estivessem aqui. Meu peito apertou e uma lágrima solitária rolou pelo meu rosto, limpei-a rapidamente e liguei o carro. Eu sabia que, a partir daquele dia, quando entrasse naquela igreja, não estaria mais sozinho, nunca mais.

— Por você, Ana. Tudo por você — repeti para mim mesmo e engatei a primeira marcha, a caminho da celebração.

Assim que estacionei o carro a alguns metros do local do casamento, senti as palmas das minhas mãos suando. O momento havia chegado, os

convidados já estavam quase todos lá e Ana Luíza também estaria presente a qualquer minuto. Saí do carro pisando firme, tentando passar uma confiança que eu estava longe de sentir. Subi as escadas e quando cheguei à porta, pude ver que as pessoas já ocupavam os bancos. Alonguei o pescoço, relaxei os ombros, respirei fundo e caminhei até o altar.

Enquanto avançava pelo tapete vermelho, percebi os olhos curiosos que me acompanhavam, sorri para os poucos conhecidos e apenas acenei com a cabeça para aqueles que nunca havia visto antes. Parei próximo de onde seria o lugar de Rodrigo, pensar nele fazia meu estômago revirar. Eu estava morrendo de vontade de quebrar a cara daquele desgraçado e lembrar do que ele fez com a Ana me fez apertar os punhos.

— Com licença? — Uma mulher loira, jovem e que trajava um vestido vermelho se aproximou de mim. — Você é o padrinho? — Gelei por um segundo, sem conseguir responder. — Peço perdão pela intromissão, é que eu sou a madrinha e ainda nem conheço o padrinho, acredita? — Ela sorriu timidamente.

Apenas acenei afirmativamente com a cabeça, em um movimento automático.

— Coisas de Ana Luíza, né? Ela disse que seríamos apresentados somente hoje e que eu me daria muito bem com ele. Parece que é um cara muito legal. — Dessa vez, quem acabou sorrindo fui eu. — A propósito, me chamo Amanda — ela estendeu a mão em minha direção. — Eu trabalho com a Analu.

— É um prazer conhecê-la, eu sou o Henrique — a cumprimentei de volta e um sorriso bonito iluminou seu rosto quando ela ouviu meu nome.

— Claro, você é o padrinho! — Amanda deu um pulinho de emoção. — Não me lembrava do seu nome.

Me senti totalmente desconfortável ao ouvi-la dizer novamente a palavra "padrinho", mas dei um sorriso amigável.

— Parece que já estão quase todos aqui — fomos interrompidos por um homem de cabelos grisalhos que se aproximou de nós. — Só faltam os noivos, certo?

Engoli seco, enquanto o local enchia cada vez mais. Tantos anos trabalhando em escritórios me fizeram ficar acostumado a passar a maior parte do tempo de roupa social, então eu não deveria estar tão desconfortável naquele traje. Mas eu estava. Vestia o mesmo terno que tinha alugado para o casamento, porém naquele instante eu não era mais o

padrinho cumprindo seu papel como o perfeito amigo idiota e apaixonado que eu era. Eu era o personagem principal naquele casamento ao lado dela. Passei os dedos pela testa e o suor saiu em minhas digitais. Tinha vontade de afrouxar a gravata, mas não podia fazer aquilo. Ana Luíza talvez nem imaginasse, mas eu facilmente estava tão nervoso quanto ela, ou até mais. Há menos de quarenta e oito horas, tinha feito uma brincadeira ao telefone de que eu demoraria pra deixar de ser solteiro e agora, veja onde eu estava: pronto para casar com a mulher da minha vida, mesmo que ela nem ao menos soubesse o que significava pra mim.

Avistei alguns rapazes entrando e se sentando nos lugares da frente, todos de terno e às gargalhadas. Presumi que eram os amigos de Rodrigo e pela animação em seus rostos, não deviam saber de nada ainda.

— Já vi muita noiva atrasar, mas o noivo é a primeira vez — Amanda brincou, quebrando a tensão que atravessava meu corpo. Pulei levemente de susto, tinha esquecido que ela estava ali, parada ao meu lado feito uma estátua de cera.

Todos aguardavam Rodrigo, e ele, por sorte, não teve coragem de aparecer. Caso contrário, eu não responderia por mim.

— Amanda? — Tentei falar baixo para que somente ela pudesse ouvir. — Tem um pequeno detalhe que talvez você ainda não saiba.

O falatório dos convidados ecoava pelas paredes e ela demorou um pouco até virar para mim.

— O quê? — A amiga de Ana Luíza perguntou e eu respirei fundo antes de responder.

— Ela não vai se casar com o Rodrigo — sussurrei, como se as palavras fossem erradas. Amanda me olhou, franzindo a testa sem entender e antes que dissesse qualquer coisa, completei. — Vai se casar comigo!

Me virei e caminhei até o celebrante.

— O noivo está muito atrasado, desse jeito não vai ter casamento, meu filho — o homem passava a mão nos poucos cabelos que tinha em sua cabeça, como se tentasse encontrar alguma ideia ali. — Certamente a noiva já está chegando, o que vamos fazer?

— Senhor? — O chamei para que olhasse para mim. — Vai ter casamento sim, porque o noivo está aqui.

Ele me encarou confuso.

— O noivo sou eu — falei com firmeza e o homem sorriu sem graça, negando com a cabeça, como se fosse uma pegadinha de mau gosto.

— Isso não é possível, meu filho. O senhor é o padrinho e o noivo está atrasado, já fui apresentado a ele.

— Se o que estou fazendo for algum crime, só posso esperar pelo perdão um dia. Mas a única razão de estar aqui é por amor. Amor à noiva! — Respirei fundo, tentando acalmar meu coração. O homem parecia cada vez mais confuso. — Por favor, realize esse casamento. Foi um acordo que ela e eu fizemos, peço que o senhor não nos negue esse momento! — implorei. Sem saber o que dizer, ele apenas assentiu com a cabeça.

— Vocês têm certeza disso?

— Nunca tive tanta certeza na vida — confessei sonhador e sorri. Nem em mil anos eu me arrependeria daquela decisão.

— Qual o seu nome?

— Henrique Bonté.

O senhor estendeu a mão e eu a apertei com firmeza

— Tudo bem, Henrique! Se vocês estão de acordo, então teremos casamento.

— Muito obrigado— sorri mais uma vez, em gratidão.

Naquele momento, uma melodia ensurdecedoramente alta, porém familiar, tomou conta de todo o ambiente. Era a marcha nupcial, fazendo evaporar qualquer medo em minha mente.

ANA LUÍZA

Eu estava parada em frente ao local da cerimônia, encarando as portas. Meu coração batia tão forte que parecia querer sair pela boca. Entrar ali e caminhar em direção ao meu noivo, era algo monumental para mim. Quando pensava no meu próprio casamento, sabia que queria que ele fosse grande, marcante, incrível. E qual lugar melhor para representar isso senão o marco zero da cidade? Eu já tinha entrado ali diversas vezes, por curiosidade mesmo, e sua arquitetura barroca tão cheia de detalhes me encantava. Cada detalhe minúsculo daquele espaço capturava minha atenção. Conseguir vaga para casar em um dos lugares mais tradicionais de São Paulo foi de uma sorte gigantesca e lembro-me de ter ficado radiante quando escolhemos a data.

Chegava a ser irônico pensar que estar ali, no dia que deveria ser o mais lindo da minha vida, sob um céu azul e cercada pelas pessoas que eu amava, já não fazia diferença alguma. Poderia estar em uma das sete

maravilhas do mundo e ainda assim estaria com aquela sensação amarga de derrota. Me sentia feia, inútil, enganada, burra. Tudo de ruim que poderia sentir de uma vez só, causando-me falta de ar. Estar de frente para aquelas portas me dava um medo colossal desta vez. Eu mudaria minha vida para sempre e não haveria retorno depois de pisar naquele lugar.

Levei minha mão ao peito e dei um longo suspiro pela vigésima vez, tentando mentalizar que tudo ficaria bem de alguma forma. Dona Amélia desceu do carro logo atrás de mim e rapidamente estendeu a cauda do meu vestido, deixando o degradê rosa aparente. Minha mãe se aproximou também e fez carinho em meu rosto.

— Independente do que acontecer, eu quero que você saiba que eu tenho muito orgulho de você, minha filha — disse firmemente, com os olhos já marejados. — Não é qualquer idiota que vai acabar com os seus sonhos, porque eu não te criei para isso!

— Um dia eu quero ser uma mulher tão forte quanto você, mãe… — Ela colocou um dos dedos sobre os meus lábios, me interrompendo.

— Você já é essa mulher, Ana Luíza! Eu te amo — minha mãe me abraçou forte e aquele gesto dissolveu qualquer medo. Saber que eu poderia correr para o colo dela sempre que precisasse, não tinha preço. Ela estaria ao meu lado!

Num último gesto antes de caminharmos em direção ao meu futuro, ela passou os dedos finos pelas minhas bochechas, secando umas tímidas lágrimas que escorreram. Dona Amélia, que acompanhou toda a conversa, olhava atenta para nós e me perguntei se ela tinha ideia do que estávamos falando.

Minha mãe depositou um beijo em meu rosto e correu para uma das laterais da catedral. Coloquei-me ereta ao centro da porta principal, aguardando o momento que a marcha nupcial soasse, anunciando minha entrada. Dona Amélia, que continuava parada ao meu lado, deu uma última conferida no vestido, parecendo deslumbrar-se mais uma vez.

— Muito obrigada por tudo, Dona Amélia!

— Faça o que precisa fazer — com um sorriso carregado de ternura, ela deu um passo em minha direção e sussurrou, dando uma piscadela.

A bondosa senhora seguiu minha mãe e me deixou para trás, totalmente intrigada. Pensei em perguntar se ela sabia da farsa, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, os primeiros acordes tocaram e a porta se abriu devagar, até que eu tivesse uma visão completa do lugar lotado.

Fechei os olhos, respirei fundo e repassei o mantra em minha mente: *Rodrigo não me destruiu.*

Não pude deixar de notar os olhares curiosos que acompanhavam meus passos enquanto eu seguia pelo tapete vermelho. A distância até o noivo, de repente, parecia enorme. A cada passo que eu dava, tentava deixar para trás todas as decepções e cenas da noite anterior, lutando para não cair. Os flashbacks com Rodrigo teimavam em voltar, então encarei o fim do corredor pela primeira vez e vi Henrique à minha espera. Assim que nossos olhares se encontraram, um sorriso brotou automaticamente em meus lábios, todo o resto se tornou apenas um pequeno detalhe, e o nervosismo começou a sumir gradativamente, até que finalmente eu estava lá, de frente para ele.

Quando a marcha nupcial cessou, a igreja ficou em completo silêncio, até mesmo os burburinhos que foram encobertos pela música alta pararam. O único som que eu conseguia ouvir era o da minha própria respiração, que estava descompassada.

— Você está linda — Henrique sussurrou bem baixinho, como se contasse um segredo. Sorri sem graça, mas fiquei feliz com o elogio.

Demos os braços e ficamos de frente para o celebrante, que tinha um olhar de empatia no rosto, o que me fez acreditar que ele já soubesse da pequena mudança de planos. Minhas pernas tremiam tanto que eu tinha a sensação que poderia cair se não estivesse segurando em Henrique. Eu podia sentir todos os olhares voltados para mim e isso me deixava ainda mais nervosa. Dona Amélia se aproximou com pequenos passos e retirou o buquê da minha mão, me lançando o mesmo olhar compreensivo de sempre.

— Estamos aqui reunidos hoje, para consagrar a união desses dois jovens em matrimônio — o senhor deu início ao seu discurso, mas eu não consegui ouvir nenhuma palavra. Eu sabia muito bem como aquilo iria acabar ou como deveria acabar: com o "sim".

O "sim" que eu tanto quis dizer um dia. O "sim" que já me pareceu tão distante, mas quando começou a se aproximar, fazia o coração acelerar de felicidade. O "sim" que selaria o meu destino com o de outra pessoa para sempre.

Uma nova onda de lembranças me inundou, mas dessa vez era Henrique quem ocupava meus pensamentos. Todos os momentos que passamos juntos, desde a pré-escola até a noite anterior, passavam feito um

filme acelerado na minha cabeça. As palavras de conforto, a quentura de seus braços ao meu redor se misturavam a todas as cenas de alegria e tristeza. Não sabia dizer se o que eu estava fazendo era o certo, nem se me arrependeria no dia seguinte, mas naquele momento, enquanto sentia os dedos dele se entrelaçando nos meus, eu tive certeza que me casar com meu melhor amigo era a coisa mais sensata que eu poderia fazer.

— E se há alguém aqui que é contra essa união, que fale agora ou cale-se para sempre — a voz do homem interrompeu meus pensamentos, me trazendo de volta para a realidade.

Prendi a respiração. Henrique e eu nos entreolhamos e eu sabia exatamente o que passava por sua cabeça. Esforcei-me para olhar ao redor e encarar os rostos em busca da única pessoa que teria motivos para se pronunciar naquele momento: Rodrigo.

Encarei os convidados discretamente, mas ninguém se manifestou. Todos permaneceram calados, acredito que tomados pelo choque do desfecho daquele dia. Um silêncio absoluto tomou conta do lugar, reconheci um ou outro amigo de Rodrigo e procurei por meus sogros, mas não os encontrei em lugar nenhum. Àquela altura, já deviam saber da traição, ou ouviram qualquer outra história que Rodrigo possa ter inventado sobre mim.

Dei um longo suspiro e voltei a encarar o celebrante, que aguardava as alianças. Foi minha mãe quem se aproximou de nós para entregar aqueles dois anéis tão pequenos que nem pareciam carregar tamanho significado.

— E toda vez que olharem para esse círculo perfeito em suas mãos, lembrem-se de que vocês se encontraram nessa vida e que jamais estarão sozinhos — falou enquanto estendia as alianças em nossa direção.

Nos encaramos por alguns segundos até que Henrique pegou um dos anéis da pequena almofada vermelha. Com um sorriso tímido nos lábios, começou a falar:

— Ana Luíza, receba essa aliança como prova do meu amor e lealdade. Quero que saiba que eu jamais te deixarei sozinha e que eu não poderia ter escolhido alguém melhor pra ser minha esposa e melhor amiga. Eu te amo! — Dizendo isso, o rapaz deslizou o símbolo da nossa união por meu dedo anelar da mão esquerda e o beijou.

Fiquei hipnotizada com suas palavras, todos os meus possíveis votos de casamento se esvaíram. Qualquer coisa que eu dissesse não poderia expressar toda a minha gratidão. Nem por ele estar ali, nem por ser meu

confidente nos melhores e piores momentos, nem por topar uma loucura daquelas só para me fazer feliz. Eu nunca conseguiria agradecê-lo o suficiente por simplesmente existir.

— Henrique, receba essa aliança como prova do meu amor e lealdade. Quero que saiba que sou muito grata por tudo o que você já fez por mim. Eu não sei se algum dia serei capaz de retribuir, mas se eu pudesse, juro que faria o dobro por você. Te amo! — Coloquei o anel em seu dedo e retribuindo o gesto, também dei um beijo em sua mão.

— Você, Ana Luíza Bianni, aceita Henrique como seu legítimo esposo e promete ser fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, amando-o e respeitando-o até que a morte os separe? — O celebrante falou calmamente, encarando meus olhos, como se quisesse se certificar de que eu não estava sendo forçada a estar ali.

— Aceito! — falei, tentando manter minha voz firme. Meu corpo tremia mas não de uma forma negativa. A presença de Henrique me trazia uma paz quase inviolável. Mas estávamos nos casando! Meu Deus, meu melhor amigo estava se casando comigo. Nem em meus sonhos mais malucos, eu imaginaria aquilo acontecendo, mas era real. A sensação era que tínhamos mesmo caído em uma espécie de realidade paralela em que, à partir daquele instante, seríamos marido e mulher, e não mais apenas dois amigos que se conheciam a vida toda.

Henrique apertou minha mão com força, como se estivesse me encorajando a dizer aquela palavra tão carregada de importância.

— E você, Henrique Bonté, aceita Ana Luíza como sua legítima esposa e promete ser fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, amando-a e respeitando-a até que a morte os separe?

— Aceito! — ele disse sem vacilar.

Nossas palmas estavam tão juntas que começaram a suar, mas me recusava a soltar sua mão.

— E pelo poder em mim investido, eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva!

Era isso, estava feito. Ele e eu estávamos casados agora e aquele beijo era só uma convenção. Eu não podia evitar beijá-lo, era o meu casamento e sem um beijo tudo ficaria óbvio demais, mas ainda assim, era muito estranho beijar meu melhor amigo na boca.

"É só um beijo" pensei, tentando manter a calma.

Ficando de frente para ele, tudo se tornava ainda mais estranho e real. Não estava olhando simplesmente para o meu amigo, a partir de agora, estava olhando para o meu marido.

Fechei meus olhos aguardando o momento em que selaríamos o nosso trato oficialmente, na frente de tantas pessoas. Meu corpo tremia e uma estranha sensação de frio na barriga tomou conta de mim, eu estava super nervosa, mas não houve beijo na boca. Assim que abri os olhos novamente, senti os lábios de Henrique tocando minha testa, nos encaramos e, lado a lado, caminhamos até a saída da igreja, onde os convidados esperavam por nós soprando bolhas de sabão.

HENRIQUE

Ver Ana Luíza entrando na igreja foi uma das melhores sensações da minha vida. Todas as vezes que tentei imaginar como seria seu vestido de noiva, não consegui chegar nem perto da realidade. Ela estava ainda mais linda, deslumbrante, parecia um anjo. Chegava a ser estúpido pensar que algum cara seria capaz de trocá-la por qualquer outra mulher.

Enquanto o celebrante fazia seu discurso, não consegui tirar os olhos de minha melhor amiga, que em poucos minutos se tornaria minha esposa. Eu cuidaria dela, a faria feliz, e mesmo que eu não fosse o "homem ideal", que ela não estivesse apaixonada por mim, como eu sempre estive por ela. Eu faria qualquer coisa para que Ana tivesse a melhor vida que ela poderia imaginar.

— Pode beijar a noiva! — A frase ecoou dentro da igreja. Parecia que não havia um único som quando aquilo foi dito.

Há muito tempo eu tinha o desejo de beijar a boca da Ana Luíza, de tomá-la nos meus braços e mostrar o quanto eu a amava, mas eu sabia que não poderia fazer aquilo. Ainda que minha vontade fosse segurá-la e não soltar nunca mais, eu não seria capaz. Ela estava ali na minha frente, de olhos fechados, vulnerável e linda, mas eu não tinha o direito. Me aproximei e lhe dei um beijo na testa.

"Eu cuido de você, minha Ana. Eu prometo", pensei em falar, mas ela sabia. Segurei sua mão e saímos da igreja, um apoiando o outro. Dessa vez, para sempre!



Passamos pela multidão com algumas bolhas de sabão ao nosso redor e corremos para o meu carro. De dentro do automóvel observamos atentamente os rostos dos convidados, que pouco a pouco esvaziavam o local da cerimônia. As crianças pareciam não se dar conta de nada e saíam aos pulos nos degraus à frente da porta, mas os adultos tinham expressões confusas e eu podia sentir que o furdúncio sobre a troca de noivos em pleno altar certamente duraria alguns dias.

— Será que podemos ficar aqui, só um momento? — Ana se virou para mim, nossas mãos finalmente se separando.

— Claro, o tempo que você quiser — concordei e o silêncio perdurou por alguns minutos, que mais pareceram horas. — Você está bem? — Decidi quebrar o silêncio.

Ela assentiu e me olhou.

— Só… obrigada — murmurou.

— Pelo quê?

— E você ainda pergunta, Henrique? Por tudo! — Seus olhos grudados nos meus. Ela então se esticou no banco passageiro e beijou meu rosto, me abraçando em seguida. Meu corpo todo se arrepiou com seu gesto. — Por ter vindo até aqui, por não ter me deixado desistir, por ser quem você é, e… — Ana vacilou ao tentar finalizar sua linha de raciocínio.

— E? — A incentivei.

— E por trazer cor para a minha vida novamente — apesar da dor ainda latente em seus lindos olhos, lá no fundo, eu podia ver que o brilho deles jamais se apagaria. Ela se esforçava para sorrir enquanto algumas lágrimas desciam, mas sua expressão já não era mais de completa dor. Havia vida ali, eu tinha certeza, e eu a traria de volta.

— Eu faria qualquer coisa por você — sussurrei as palavras, que saíram sem que eu tivesse qualquer controle sobre. — Você já me ajudou em tantos momentos.

— Eu não sei o que faria sem você, Henrique! — Minha então esposa entrelaçou nossos dedos e fez carinho em minha mão com o polegar. Eu queria dizer que ela não tinha ideia de como ela me salvava diariamente,

que minha vida não tinha sentido sem ela, mas achei melhor não. — Só me responde uma coisa, por que você não me beijou?

Eu realmente não estava esperando por aquilo, meu cérebro congelou por alguns segundos enquanto procurava a resposta certa.

— Não fazia parte do acordo — confessei dando de ombros e ela ficou em silêncio. — Somos amigos acima de tudo, Ana Luíza! Eu não tenho o direito de te beijar só por uma convenção. Selamos um compromisso de um jeito ou de outro! — Pisquei convencido de que aquela explicação fora suficiente. — Então, vamos para a sua festa que a noite está só começando!

— Minha, não senhor! Essa festa é nossa — ela sorriu e eu dei partida no carro em direção a celebração da união que eu sempre sonhei.



CAPÍTULO 4

ANA LUÍZA

"Não fazia parte do acordo"

As palavras ecoaram em minha cabeça, enquanto Henrique dirigia rumo ao salão onde aconteceria a festa. Ele parecia tranquilo ao volante e se não tivéssemos um grande compromisso, eu poderia facilmente me encostar no banco e dormir. Quando estava ao lado dele, sentia que nada de ruim podia acontecer comigo.

Eu não fazia ideia do que esperar do evento, tampouco de como seria minha vida a partir daquele dia, eu só sabia que, contanto que Henrique estivesse ao meu lado, de um jeito ou de outro, eu conseguiria seguir em frente.

Chegamos ao salão em menos de dez minutos. Mesmo com o carro estacionado, continuei estática no banco, sem sequer tirar o cinto de segurança.

— Tem certeza que está bem? — Henrique colocou a mão em meu queixo e virou meu rosto em sua direção delicadamente.

— Sim — me forcei para responder.

— Nós não precisamos fazer isso — ele balbuciou e eu o encarei. — Se você não quiser.

— Eu quero fazer isso — respondi com firmeza, enfatizando minha vontade.

— Já foi muita coragem você entrar naquela igreja depois de tudo o que aconteceu. Se não estiver se sentindo bem, podemos ir embora — seus olhos demonstravam uma preocupação genuína.

— E perder a melhor parte? — Henrique arqueou as sobrancelhas em surpresa ao notar meu tom de animação repentino. — Ele não me destruiu,

afinal! — Seu rosto iluminou ao ouvir minhas palavras. — Mas preciso de você para entrar lá — agarrei sua mão novamente e soltei o cinto de segurança.



Pisar naquele salão, diferente das outras vezes em que estive lá para checar o tamanho do local e combinar como seriam os detalhes da decoração, me causava uma mistura de angústia e medo naquele momento. E se Vanessa estivesse lá? Não tinha como prever qual seria minha reação se desse de cara com ela. Passaria mal de tanto ódio e desmaiaria? Sairia correndo e seria realmente atropelada desta vez? Pularia no pescoço dela na frente de todos? Quanto à festa que eu tinha sonhado e planejado com tanta dedicação, já não me importava com nada. Mesmo que um lado meu quisesse celebrar com Henrique, o outro não tinha sequer forças para cogitar o que fazer se algo estivesse errado.

Logo na entrada do lugar, uma moça de cabelos ruivos e sorriso simpático nos recebeu, informando que Vanessa teve um imprevisto e não poderia comparecer à festa. Apesar dos lamentos da mulher pela falta da cerimonialista, eu não poderia estar mais aliviada. Henrique estava ao meu lado ouvindo cada suspiro que eu dava quando alguém que cumprimentávamos se afastava um pouco e nos dava espaço. Sentia seus dedos próximos a minha nuca tocando-a delicadamente num tipo de massagem para me acalmar.

Uma equipe de quatro rapazes e outras duas meninas nos foram apresentados, todos muito receptivos. Eu não sabia se eles estavam cientes do que havia acontecido ou se a chefe deles tinha inventado alguma desculpa para não estar presente no meu casamento, mas não me importava mais. O que eu sabia é que toda vez que eu pensava nela, sentia ânsia de vômito e lembrava da cena do meu ex-noivo com ela nua em seus braços.

Amparada de perto por Henrique, adentrei ao salão. Os convidados não paravam de chegar, aos poucos o lugar foi enchendo de amigos, parentes distantes e colegas da empresa, todos meus.

Não vi um só convidado da lista de Rodrigo e imaginei que, certamente a aquela altura, já haviam ligado para entender o que diabos estava acontecendo, afinal não era todo dia que o noivo era trocado em pleno altar. Conclui que nenhum deles viria, mas mesmo assim, me sentia totalmente exposta diante do mundo, até porque os comentários envolvendo Rodrigo, Henrique e eu eram inevitáveis.

Pensei em meus sogros e tentei imaginar a confusão mental deles. Quando soubessem do motivo do nosso término, me apoiariam ou será que Rodrigo mais uma vez se mostraria o canalha que sempre foi e daria um jeito de inverter a história a seu favor? Se fosse isso, era melhor nem pensar o que estariam falando de mim naquela altura, enquanto me casava com outro. Seria possível uma mãe e um pai entenderem algo daquele tipo?

— Só espero que o Rodrigo seja homem o suficiente para admitir o que fez para os pais dele — falei em voz alta, sem me importar se alguém ao nosso redor ouviria. — Espero que ele admita que me traiu na véspera do nosso casamento.

Dizer isso ainda doía, doía demais. Era como engolir cacos de vidro e sangrar por dentro. Ninguém ali poderia imaginar o que eu estava sentindo, nem minha mãe, nem dona Amélia, acho que nem mesmo Henrique. Minha dor era como o oceano, profunda e aparentemente sem fim, enquanto minha força era como uma gota solitária, que em meio aquela imensidão, não fazia diferença alguma.

— Não sei se algum dia vou superar esse baque — virei-me para Henrique, abraçando-o de surpresa. Ele, como sempre, retribuiu o abraço. A última coisa que eu queria era chorar na frente de todos, mas as lágrimas estavam a ponto de cair, sem controle.

— Ei, ei. — Com as mãos firmes, mas delicadas, meu melhor amigo da vida e agora marido, segurou meu rosto para que eu o encarasse. — A gente não combinou que essa seria a noite da sua vida? Que você ia aproveitar a sua festa como se não houvesse amanhã?

Concordei com a cabeça, deixando uma pequena lágrima tímida escorrer.

— Então por que a senhorita está quebrando o acordo agora, mocinha? — Ele perguntou com um tom de brincadeira, passando o polegar em cima da gotícula que havia aparecido.

— Eu sei, é que… — Vacilei. — Eu não sei o que vai acontecer depois e isso me apavora, Henrique.

— Como a boa ansiosa que você é — ele constatou e passou o braço pelos meus ombros. — Não pense nisso agora, minha querida. Olhe ao seu redor, hoje é dia de esquecer os problemas, esquecer as feridas, esquecer o babaca do Rodrigo e aproveitar! Vem aproveitar comigo. Esta é a nossa festa!

Sorri ao ouvi-lo enfatizando a palavra "nossa". Sim, era a nossa festa de fato, e eu não poderia ficar presa aos fantasmas do passado se quisesse aproveitar o presente.

Dei um beijo em seu rosto e deixei que ele me conduzisse até a pista de dança para fazer o que nós combinamos: apreciar aquela noite tão especial.

— Fica aqui, eu já volto — ele disse e eu segurei seu braço, o mantendo ao meu lado.

— Espera, onde você vai? — Eu estava assustada e não queria ficar sozinha. Tinha medo de ouvir algum comentário maldoso, tremia só de pensar que alguém poderia vir me perguntar o que havia acontecido. Eu não queria explicar nada, falar nada, só curtir a festa ao lado de Henrique.

— Não saia daí, confie em mim.

Ele saiu em meio a multidão, sem que eu pudesse ao menos argumentar. De repente uma luz forte iluminou o centro do salão, exatamente onde eu estava parada. Um único holofote aceso, acima da minha cabeça, e o DJ colocou uma música que eu conhecia muitíssimo bem: *Perfect*, de Ed Sheeran. A melodia inundou meus ouvidos, acalmando meu coração. Do meio dos convidados que estavam se aglomerando ao redor da pista de dança, Henrique ressurgiu e caminhou a passos lentos até ficar de frente para mim.

— O que está fazendo? — Perguntei quando ele me estendeu o braço.

— Achei que você confiava em mim — ele disse, sinalizando com o olhar para que eu segurasse sua mão.

— E confio!

— Então, confie no que vou fazer. Mas para que isso dê certo você vai ter que chegar mais perto — Henrique sussurrou em meu ouvido e me puxou, ficando com o corpo colado ao meu iniciando os primeiros passos de uma valsa improvisada, me segurando pela cintura. — Como pode notar, eu não sou nenhum dançarino profissional, mas até que não sou tão ruim assim.

— Por que você fez isso? — Perguntei, tentando não tropeçar em meus próprios pés. — Por que não me disse nada e me deixou lá sozinha?

— Você não estava sozinha, Ana. Estava no meio dos seus amigos, parentes.

— Você entendeu. Não quero ficar longe de você hoje!

— Posso saber o motivo? — Questionou desentendido.

— Porque quando estou com você me sinto segura! — Henrique me olhou nos olhos e um sorriso espontâneo brotou em seus lábios, me fazendo sorrir também. — Mas você ainda não me contou o porquê de ter feito isso.

— Se eu tivesse te convidado para dançar, aposto que você não aceitaria, aceitaria? — Sua expressão convencida já dizia que ele sabia a resposta.

— Claro que não — bufei, tentando me concentrar em suas palavras ao mesmo tempo que meus pés não sabiam qual direção seguir.

— Então, como seu fiel escudeiro, eu tenho o direito de te surpreender. De te ver assim, sorrindo. — Sentia sua mão firme em minhas costas e o toque suave de sua palma colada na minha.

— E eu posso saber o motivo? — Ele me conduzia com tanta destreza, que parecíamos ter ensaiado aquilo mil vezes antes.

— Porque vendo você feliz, eu também fico — explicou, exibindo aquele sorriso encantador, que era essencial para mim.

Henrique ergueu-me do chão e me girou, fazendo com que a saia do meu vestido desse um toque a mais à nossa dança, esvoaçante sobre meus pés e finalizando nossa coreografia improvisada. Quando nossos olhos se reencontraram, estávamos a pouquíssimos centímetros de distância um do outro. Tão perto que eu quase podia sentir sua respiração batendo em meu rosto. Por um momento, cheguei a pensar que os nossos corpos nunca haviam estado tão próximos assim. A música parou e todos os convidados nos aplaudiram, me tirando do transe. Minha única vontade era pedir que o DJ reiniciasse a canção para que pudéssemos dançar tudo de novo e viver aquele momento em um looping infinito. Me sentia leve de verdade pela primeira vez desde a traição e não havia preço que pagasse estar daquela forma.

— Muito obrigada por me dar essa dose de coragem. Se não fosse por você, eu juro que nem chegaria perto desta pista de dança — falei ainda bem próxima dele. De todas as coisas que já fizera por mim, estar ali

comigo quando me sentia tão sozinha, essa era sua maior prova de lealdade. Enquanto meu coração batesse, eu seria grata a ele.

Ele segurou minha mão esquerda e a beijou, como sempre fez. Àquela altura eu já não me importava mais com o que os outros estavam pensando, observei de cantos de olho que, pouco a pouco, a pista de dança ia ficando cheia e as músicas cada vez mais animadas para motivar o pessoal a dançar.

— Sabe o que eu mais gosto em você, Ana Luíza? — Henrique perguntou baixinho no meu ouvido.

— O quê?

— Que mesmo com essa sua capa de durona, não querendo demonstrar qualquer resquício de tristeza na frente das pessoas, eu ainda consigo te sentir tão frágil. E eu amo que você confie em mim mesmo em momentos como esses.

HENRIQUE

Nunca dancei na vida, nunca havia sequer chegado perto de uma pista de dança como aquela. Mas eu sabia como os casamentos funcionavam, e apesar de ter ido a pouquíssimas cerimônias e festas, eu tinha noção do quanto a valsa dos noivos era uma parte importante para o evento. Tão importante que muitas noivas chegavam a planejar com muita antecedência, montavam coreografia e tudo mais.

Ana Luíza não comentou comigo sobre aqueles detalhes do seu casamento, mas eu tinha certeza que ela adoraria um momento daqueles junto de seu noivo, ao som de alguma canção que ela gostasse. Eu sentia que tinha praticamente dois pés esquerdos quando o assunto era dança, mas eu estava disposto a tentar, se fosse fazê-la feliz. Juntando a pouca sanidade que restava em mim, desci os degraus a caminho do meio do salão, junto com a minha nova esposa. Caminhei abrindo espaço entre as pessoas, tentando não pisar no pé de ninguém. Apesar da quantidade razoável de convidados, a falta da família do noivo já havia se tornado parte dos burburinhos e comentários e eu só podia imaginar o quanto aquilo doía em minha melhor amiga.

Para quem estava olhando de fora, era tudo muito simples: a noiva havia colocado um par de chifres na cabeça de seu noivo e o trocado pelo padrinho em pleno altar. Mas a história era bem diferente, justamente o noivo, sempre tão perfeito aos olhos de todos, era quem tinha traído e dado

as costas para aquela mulher tão especial. Eu não iria permitir que Ana saísse como a vilã da história, já que ela era a maior vítima.

A música que tocava no salão, apesar de suave, não era muito convidativa para uma valsa. Dei uma rápida olhada ao redor e vi o DJ, no canto esquerdo do espaço destinado a pista de dança. Deixei-a no meio da pista, pedindo que me aguardasse e que confiasse em mim. Eu sabia que a última coisa que ela poderia querer naquele momento era ficar cercada de pessoas, desprotegida, mas eu tinha um bom motivo pra fazer aquilo. Me afastei da pista para pedir ao DJ que ele trocasse a música.

— Preciso de uma valsa — falei depois de me apresentar e conversar rapidamente com o rapaz responsável pela iluminação e música.

— A valsa dos noivos é *Always on My Mind*… — Ele me respondeu e eu torci o nariz. Que escolha péssima, só poderia ter sido o Rodrigo.

Pense rápido, Henrique. Que música Ana Luíza gostaria de dançar?

Repassei mentalmente todos os artistas e bandas que sabia que ela gostava, até que cheguei a opção mais óbvia de todas.

— Não, essa não vai rolar. Você tem aí Ed Sheeran? — perguntei ao rapaz, que me encarava como se eu estivesse prestes a dizer os números da Mega-Sena premiada.

— Tenho quase todas dele. Qual vai ser?

Voltei a admirar minha Ana de longe, como já havia feito tantas vezes. Ela era a mulher perfeita e sem dúvidas, merecia a valsa perfeita.

— Perfect — falei em um suspiro.

O DJ fez um sinal positivo para mim com o polegar, mexeu em alguns botões e fez uma transição sutil da música que tocava para os primeiros acordes da canção do cantor inglês, chamando a atenção de todos. Antes de voltar para perto da minha noiva, fiz um último pedido e em poucos segundos, uma luz vinda do teto iluminava Ana, destacando-a em meio aos convidados.

"É agora". Respirei fundo, caminhei o mais firme que pude e olhei diretamente para ela. Não sei como era possível, mas sob aquele holofote, Ana Luíza conseguia ficar ainda mais linda. Parecia um anjo que caiu do céu e agora precisava reaprender a voar.

Segurá-la em meus braços e tê-la tão perto assim era como estar no paraíso. Conduzi aquela mulher com todo o cuidado que eu podia, ao mesmo tempo que tentava não dar bandeira demais admirando seu rosto, ainda que este fosse meu passatempo preferido.

Lembrei-me de sua festa de quinze anos, quando dançamos juntos em uma pista pela primeira vez e eu, ainda moleque, entendi que ficar com ela era tudo o que queria.

Ela não compreendia o porquê de eu fazer tudo aquilo, principalmente tirá-la para dançar quando queria ficar nos fundos do salão escondida de todo mundo. Talvez ela levasse um tempo até perceber que sua estrela jamais poderia deixar de brilhar. Ainda que tentasse, ela não conseguiria deixar de ser o centro das atenções, pois os olhos voltavam-se para ela inevitavelmente, como ímãs. E mesmo que as circunstâncias estivessem contra nós, eu faria o possível e o impossível para vê-la radiante outra vez.

Passei minha vida inteira apaixonado por aquela mulher e o simples fato dela estar contente, tornava meu dia melhor. Da mesma forma, vê-la triste, se lamentando e duvidando de si mesma, me fazia sentir o cara mais infeliz do mundo. Agora que ela estava ali comigo, eu não iria perdê-la, não mais.

ANA LUÍZA

A valsa com Henrique foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida e certamente o ponto alto da noite. Rodrigo e eu escolhemos a canção de Elvis, que tinha sido a primeira música que ouvimos juntos, e optamos em fazer uma mini valsa, mesmo que nenhum dos dois fosse bom em dançar e até tínhamos treinado alguma coisa em tom de brincadeira em casa. O mais importante para mim nem era a valsa ou a música em si, mas aquela atmosfera mágica que criava-se só para nós dois durante a dança. Porém, depois de tudo que tinha visto, eu não estava em clima para dançar e nem achava que tinha a mesma graça de antes. Toda e qualquer magia do momento havia evaporado. Mas mais uma vez, Henrique conseguiu trazer sentido para ocasiões que pareciam perdidas para mim, quase como um gênio da lâmpada ou um mágico. Não havia palavras ou gestos suficientes para agradecer por aquilo.

A partir daquele momento, percebi o quão boba eu estava sendo, me importando tanto com o que as pessoas iriam dizer. Resolvi, finalmente, que eu deveria aproveitar a noite, afinal eu esperei muito por ela.

Peguei um dos diversos coquetéis que estavam sendo oferecidos pelos tão prestativos garçons. Se a dona da empresa não tivesse dormido com o meu noivo, certamente eu não teria reclamação nenhuma, aliás, só elogiaria

todo o serviço. Nunca fui de encher a cara sem razão, mas naquela noite, me permiti extravasar um pouco. No dia seguinte, a vida voltaria ao normal e a realidade incontestável viria à tona novamente. Os mesmos problemas, o mesmo sentimento de vazio, as mesmas feridas que, com certeza, levariam muito tempo para cicatrizarem. Mas a noite, pelo menos aquela noite, ainda era uma criança.

A pista de dança foi enchendo cada vez mais. Por um momento, perdi Henrique do meu ponto de vista até que o vi em um canto do salão, meio afastado. Ele suava e já estava sem o smoking, dobrando as mangas da camisa branca na altura do cotovelo. Seus olhos logo encontraram os meus e ele deu uma piscadinha sorridente. Depois, colocou as mãos nos bolsos da calça e caminhou lentamente em minha direção. Uma parte de sua camisa marcava os contornos de seu peitoral por conta do suor e meu coração deu uma leve acelerada nas batidas.

— Bebendo, senhorita Bianni? — Henrique perguntou quando se aproximou de mim, olhos brilhantes e sorriso encantador. Seu tom era sarcástico, mas com uma pitada de doçura, de um jeito que somente ele conseguia.

— Por quê? Não posso? — empunhei a cerveja com os olhos fixos nos dele e dei um baita gole, como não fazia desde a época de faculdade.

— Claro que pode. Essa noite você pode tudo! — Ele pegou minha mão e me rodopiou, me fazendo rir.

— A propósito, agora você não pode mais me chamar de senhorita. Eu sou uma senhora casada, me respeite! — brinquei e abracei sua cintura.

— Tem razão. Sinto muito, senhora Bianni — Henrique me deu um beijo no topo da cabeça e rimos juntos, era fácil demais estar com ele.

— Correção, agora é senhora Bonté — ergui o copo uma última vez antes de finalizar a bebida.

— Gosto da forma como isso soa! — Ele sussurrou com os lábios colados no meu ouvido. Eu o olhei e sorri.

Voltei a encarar a pista de dança, onde os convidados dançavam animadíssimos ao som de *I Gotta a Feeling*, do Black Eyed Peas.

— Já que você me fez dançar valsa na frente de todo mundo, acho que tenho o direito de convidá-lo para uma dança também — eu disse estendendo minha mão direita em sua direção e ele soltou uma gargalhada gostosa de ouvir.

— Não acredito que você está me convidando para dançar depois do mico que eu paguei — pude ver suas bochechas corarem um pouco e sorri.

— Você não pagou mico nenhum, Henrique! Aliás, eu nem conhecia esse seu lado, achei incrível e outra coisa, você acha que eu não percebi que todas as mulheres estavam babando por você? — Apoiei meu dedo indicador contra seu peito e subi minha mão até seu nariz, tocando-o de leve. Eu não sabia se era por pura modéstia ou insegurança, mas Henrique agia como se não soubesse o quão bonito ele era e acima de tudo, quantos olhares femininos atraía para si mesmo.

Henrique balançou a cabeça negativamente rindo e passou a mão por seus cabelos castanhos lisos e curtos, como se estivesse sem graça pelo meu comentário.

— A única pessoa que roubou a atenção de todos ali foi você — ele falou baixinho, encarando meus olhos. Senti minhas bochechas esquentarem e mordi o lábio inferior, dei um gole nervoso em meu copo de cerveja já vazio e o deixei sobre uma das mesas.

— Dance comigo! — Ordenei agarrando seu braço.

— Isso não me soa como um convite — ele riu enquanto eu o arrastava para onde a maioria das pessoas se concentrava.

— Não é um convite! Você disse que eu tenho que aproveitar a noite, mas não tem graça dançar sem você.

— Você é quem manda, madame!

Em poucos minutos estávamos nos acabamos em meio a coreografias vergonhosas e muitas risadas. Naquela noite, mais que ninguém, pude provar o poder desinibidor que o álcool possuía e adorei me sentir daquela forma. Perdi a noção do tempo e quando dei por mim, já se passava das dez da noite. Seguimos todo o ritual tradicional de um casamento começando pelo corte do bolo, passando pela venda dos pedaços da gravata do noivo e, até que, quase no fim da festa, chegou o momento que todas as solteiras aguardavam ansiosamente: a jogada do buquê.

Sem dúvidas a coisa mais engraçada era ver várias mulheres se cutucando só para colocar a mão naquele pequeno arranjo de flores. A poucos metros de onde todas se amontoavam, ergui as mãos e iniciei a contagem regressiva: três, dois, um e… o buquê voou da minha mão e antes que eu me virasse completamente, já se encontrava com a pessoa que eu conhecia muito bem e que assim como eu, sempre teve o sonho de se casar:

Amanda, minha fiel escudeira, amiga de todas as horas, colega de trabalho e conselheira.

— Esse buquê tinha que ser seu — a abracei e falei, em meio as lágrimas de felicidade.

— Já perdi um pouco as esperanças, amiga. Achar um bom partido é mais difícil que encontrar agulha em palheiro.

Dei uma gargalhada nervosa. Amanda sempre dizia aquilo e depois de tudo o que tinha acontecido comigo, comecei a entender que ela não estava totalmente errada.

— Eu tenho certeza que você vai encontrar alguém que vai te fazer muito feliz — fui sincera e fiz um carinho no rosto de minha amiga.

— E você, Analu? — Me perguntou com tom sério e preocupado.

— Eu?

— O que aconteceu hoje? Você, o Henrique... — ela fez uma pausa e seu rosto transpareceu dúvida e certa preocupação. — Não entendi nada, acho que ninguém aqui entendeu. E o Rodrigo?

— É uma história muito longa, Amanda! Longa demais — engoli à seco e não fui capaz de dizer mais nada.

— Você nunca escondeu nada de mim.

Concordei com um aceno de cabeça.

— Eu sei. Você é minha melhor amiga e eu realmente sou muito grata a tudo que você sempre fez por mim. Mas hoje não posso. Não quero falar sobre isso, só quero esquecer e tentar focar no presente. Amanhã é outro dia!

Apesar do olhar confuso, pude perceber que Amanda compreendia que eu precisava de um tempo.

— Tudo bem. Mas independente do que aconteceu, você sabe que pode contar comigo sempre, certo? — Aquilo me emocionou e eu abracei-a novamente, lutando para não chorar. — Você vai ficar bem?

Olhei ao redor. Não muito longe de onde estávamos, Henrique nos observava sereno, com um copo de água na mão. Ele lançou um olhar diretamente para mim e ergueu seu copo em um brinde na minha direção.

— Vou. Tenho certeza que sim — falei mais para mim do que para ela.

Em pouco tempo, o salão já estava praticamente vazio, a maioria dos convidados já tinha ido embora. Somente minha mãe, Dona Amélia, Amanda, os cerimonialistas, a equipe do buffet, Henrique e eu

continuávamos lá. O DJ saíra há pouco tempo também, levando consigo um bom pedaço de bolo e alguns bem-casados que Henrique e eu fizemos questão de dar a ele, afinal tinha feito um ótimo trabalho animando a festa.

Meus pés doíam e o corpo pedia um descanso. Apesar disso, a felicidade por ter conseguido aproveitar a festa e me distraído um pouco transparecia em meu rosto.

— Você precisa de companhia para voltar para casa, Ana? — Minha mãe perguntou. Ela, que mesmo tentando aproveitar a noite, passou quase todo o tempo preocupada comigo.

— Não precisa, mãe. Você é quem precisa de uma pausa agora — virei-me para Dona Amélia, que apesar do cansaço, também trazia alegria nos olhos. — E a senhora também.

— Não queria te deixar sozinha, filha.

— Não estou sozinha, mãe. Tenho Henrique, vai ficar tudo bem! — Disse e senti que ele se aproximava de mim. Henrique chegou ao meu lado e colocou a mão apoiada no meu ombro, aquilo pareceu acalmar o coração da minha mãe e ela soltou um longo suspiro.

— Se a senhora quiser, Dona Débora, eu posso levá-la em casa — Amanda ofereceu e eu lancei um olhar de agradecimento a ela.

— Pode ir, mãe! Não precisa se preocupar comigo.

— Não mesmo, Dona Débora — Henrique falou com a postura ereta e confiante, como um guardião. — A senhora pode confiar em mim.

Ele tinha um charme e passava uma confiança absurda, minha mãe sabia disso. De repente, ela se virou para ele e o surpreendeu com um abraço apertado, como uma mãe daria num filho. Ele, é claro, retribuiu com um sorriso no rosto.

— Eu confio, meu filho. Obrigada por fazê-la feliz!

Henrique beijou as mãos dela como parte de um acordo silencioso. Aquela cena me comoveu e sem me dar conta, algumas lágrimas caíram. Meu melhor amigo perdeu os pais ainda muito jovem, em um trágico acidente de carro e desde então, tinha aprendido a se virar sozinho. Apesar de reservado, eu imaginava como ele se sentia, e só de pensar em sua dor, aquilo dilacerava meu coração. Tinha certeza que se pudesse, ele faria o possível para ter os pais de volta.

Ainda com lágrimas nos olhos e meu fiel escudeiro ao meu lado, me despedi de minha mãe naquela noite tão inimaginável.

— Eu te amo, mãe! Obrigada por tudo.

— Minha filha guerreira, eu tenho certeza que você será muito feliz a partir de hoje. Te amo, meu amor — ela me jogou um beijo e caminhou em direção ao carro de Amanda, que estava estacionado do outro lado da rua.

— Que Deus lhe abençoe, querida — dona Amélia disse enquanto me abraçava apertado. Eu sorri e murmurei um "amém", ela pegou a mão de Henrique e a minha e as juntou. — Que Deus abençoe a união de vocês!

Dizendo isso, se afastou e antes de entrar no banco de trás do carro da minha amiga, deu uma última olhada para nós, sem dizer nada.

Amanda também se despediu, balbuciando um "boa sorte, amiga", enquanto dava partida em seu carro. Fiquei parada vendo as três irem embora juntas. Respirei fundo e olhei para o céu escuro de São Paulo, uma chuva fraca começou naquele exato momento. Fechei meus olhos e deixei que as pequenas gotas molhassem aos poucos meu vestido, meu rosto e lavassem minha alma.

Sentados em um canto do salão, esperando os cerimonialistas finalizarem as coisas, Henrique e eu estávamos exaustos. Eu estiquei as pernas e coloquei meus pés no colo dele.

— Como está se sentindo? — Ouvi Henrique perguntar, enquanto tirava meu sapato e fazia uma massagem gostosa.

— Realizada — confessei baixo, encarando os enormes olhos castanhos do meu então marido. — Você foi responsável pela realização deste sonho, Henrique. Nunca terei palavras suficientes para agradecer! — Ele sorriu e me deu um beijo no rosto, ainda mexendo em meus pés.

A delicadeza do toque dele era insubstituível, eu tinha certeza que seria capaz de reconhecê-lo apenas pela temperatura e carinho de suas mãos, se fosse preciso.

— Você conseguiu, Ana. Estou orgulhoso de você!

Virei o rosto para encará-lo de frente. Henrique sempre foi um homem bonito. Ele era alto, tinha cabelos e olhos castanhos, seu corpo tinha músculos marcados e definidos, mas nada exagerado e seu sorriso era capaz de acabar com uma guerra. O tipo de homem que chamava a atenção por onde passava. As mulheres, certamente o cobiçavam por conta de sua bela aparência, mas quem o conhecia bem, sabia que era muito mais do que isso. O rapaz era o tipo de pessoa que sempre estaria lá por você, seria capaz de dar a roupa do corpo se alguém precisasse. Era leal, era carinhoso, era bom.

— Sabe de uma coisa? — Perguntei, enquanto tentava limpar algumas gotas de suor de sua testa. — Uma coisa que eu nunca entendi.

— O quê? — Ele me encarou com os olhos expressivos e curiosos.

— Como você nunca deu certo com ninguém? — Indaguei, sincera.

— Como assim? — Meu marido perguntou entre uma gargalhada nervosa.

— Eu sei que você teve muitas namoradas desde o colegial, mas nenhuma delas durou. Por quê?

Um silêncio tomou conta do ambiente de repente.

— Sei lá — ele deu de ombros, mas não foi suficiente para mim.

— Tem que ter uma razão, Henrique.

— Sei lá, Ana Luíza. As coisas simplesmente não dão certo às vezes — ele tentou se esquivar mais uma vez, minha pergunta parecia constrangê-lo de alguma forma.

— Eu não entendo. Você é um cara incrível.

— Você acha? — Pude ver que suas bochechas estavam coradas e ele segurava um sorriso tímido.

— É claro que eu acho. Você é bonito, é leal, é um bom amigo. Que tipo de pessoa seria capaz de fazer o que você fez?

— Mas eu não fiz nada demais.

— Como assim, nada demais? – Minha voz saiu um pouco mais alta do que eu gostaria. —Você se casou comigo só para que eu realizasse um sonho. Você entrou em uma igreja, fez seus votos e casou. Comigo! Só para que eu não cancelasse uma festa. Só para que eu soubesse como era a sensação. Tem noção do tamanho disso, Henrique? É grande demais — tirei meus pés de seu colo e fiquei de frente para ele, o encarando. — É por isso que eu digo que não sei se vou conseguir retribuir isso. É uma prova de lealdade muito grande.

— Eu não sei porque isso te choca tanto, Ana. Fiz por você sim, e faria mais mil vezes. Você é importante demais para mim, você é... — ele soltou um longo suspiro antes de continuar. — A minha melhor amiga.

— Você poderia ter se casado com qualquer outra pessoa. Quero dizer, isso, essa convenção é uma parte muito importante na vida de alguém e você optou por casar com sua melhor amiga, ao invés de esperar pela pessoa certa e selar este compromisso com ela.

De repente, uma estranha tensão se instalou entre nós. Pesada e silenciosa.

— Você acha que vou me arrepender? — Ele me encarava sério, ao mesmo tempo, eu percebia uma ânsia diferente em seus olhos, como se quisesse me pedir alguma coisa.

— Eu não sei, diga-me você — o desafiei.

Ele mordeu o cantinho do lábio inferior, juntou nossas mãos e encarou meus olhos.

— Tudo bem, vou te contar um segredo que talvez faça você se arrepender de ter se casado comigo — sua voz era mansa como um sussurro, carregava suspense e tensão. Ele se aproximou do meu ouvido e continuou. — É que às vezes eu deixo a toalha molhada em cima da cama.

Caímos na gargalhada e eu dei um tapinha em seu braço. Todo o nervosismo de segundos antes, simplesmente se dissipou no ar.

— Sua risada é tão fácil — brincou convencido.

— Você é um bobo, sabia?

— Bem, você queria saber o porquê de eu nunca dar certo com ninguém, tá aí. Ah, e eu já queimei o arroz também, se quiser desistir agora, ainda dá tempo.

— Até parece — entrei de cabeça na brincadeira. — Estamos casados, moço! A partir de hoje, o senhor terá que aguentar minha mudança de humor diária e minha TPM tempestuosa. Vai arregar?

— De jeito nenhum, nunca — Henrique calçou os meus sapatos em mim novamente, ficou em pé e me puxou, para que eu levantasse também. — Quer ir embora?

— Quero! Hoje só preciso chegar em casa e cair na cama — falei já bocejando.

Ele se espreguiçou, nós estávamos exaustos. Decidimos que não havia mais festa para nós. Nos despedimos dos cerimonialistas e da equipe do buffet e agradecemos pelo sucesso do evento. Caminhamos de mãos dadas até o carro de Henrique.

Segurar nas mãos de outra pessoa que não Rodrigo era estranho, mesmo que fosse meu melhor amigo. Aquilo era mais do que um código social, era um gesto de intimidade que indicava que duas pessoas estavam juntas. Eu havia me acostumado tanto com os traços, o corpo, as mãos de Rodrigo que sentia como se o fantasma dele ainda fosse me assombrar por muito tempo, e apesar do que ele fez comigo, eu me sentia desconfortável de estar tão próxima de outro homem, parecia errado.

Em questão de minutos chegamos ao prédio debaixo de uma chuva fraca. Eu não tinha a menor noção de que horas eram, talvez passasse da meia-noite. Entramos pelo lobby do edifício e o porteiro se mostrou surpreso ao nos ver entrando com as roupas que estávamos.

— Parabéns — disse ele, meio envergonhado.

— Obrigada, foi mesmo repentino! — Expliquei olhando para Henrique, que me devolveu uma risadinha.

— Vão viajar?

— Talvez, ainda não decidimos onde será a lua-de-mel — dessa vez foi Henrique quem respondeu.

O rapaz assentiu com um aceno de cabeça e concluímos que aquilo fora suficiente para a explicação. Caminhamos até os elevadores, antes de entrarmos, Henrique deu um último aceno para o novato e ele retribuiu, soltando um "boa noite e felicidades ".

— Ele começou há pouco tempo, não deve estar acostumado com você — Henrique me tranquilizou, já que me lembrava de quase todos os porteiros dali e certamente quase todos me conheciam desde muito tempo.

— De qualquer forma, ele vai se cansar de ver minha cara agora!

— Acho difícil alguém se cansar da sua cara, linda — Henrique disse sorrindo, encostando na parede do elevador.

Assim que chegamos e entramos na sala do apartamento, me esparramei pelo sofá. Henrique se aproximou e fez o mesmo.

— Então, é oficial? Estamos casados? — Perguntei, mais para mim do que para ele.

— Acredito que sim, mas minha ficha ainda não caiu.

— Nem a minha — falei em meio a outro bocejo.

— Essa não! — Henrique levantou-se de supetão, colocando-se à minha frente. Seu movimento foi tão rápido que me assustou.

— O que foi?

— Esqueci um detalhe muito importante.

— Qual?

Ele estendeu as mãos para que eu me levantasse.

— Esquecemos de uma tradição — dizendo isso, me pegou no colo. — Preciso passar pela porta carregando você nos braços, senão teremos azar — não consegui evitar e soltei uma gargalhada, como não fazia há um bom tempo e fiz ele me colocar no chão novamente.

— Não me diga que você acredita nisso — zombei.

— Tradições de casamento, Ana Luíza — ele deu de ombros.

— Isso é bobagem.

— Achei que você acreditasse em todas as tradições — ele fez um ar de sarcasmo e eu ri.

— Eu tenho uma ideia muito melhor — resolvi surpreendê-lo.

— Qual é a sua ideia?

— Vai ter que confiar em mim. Me empresta seu celular?

— Nós mal casamos e você já vai checar minhas conversas no Whatsapp? — Henrique fingiu estar chocado. — Inacreditável!

— Claro que não, vou fazer algo muito melhor.

Dessa vez ele fez uma cara desconfiada, ao mesmo tempo engraçada e estendeu a mão para que eu pudesse pegar o celular. Eu sabia que não era de bom tom fazermos barulho naquela hora, de qualquer forma, entrei no aplicativo do *Youtube* e coloquei uma das minhas músicas preferidas para tocar: *Power of Love*, de Celine Dion. Aumentei o volume, esperei a propaganda acabar antes de iniciar o vídeo e coloquei o celular sobre a mesa.

— O que você está fazendo?

— Sabe, depois de tudo o que aconteceu comigo, minha crença em tradições de casamento, como jogar arroz nos noivos ou entrar em casa sendo carregada pelo meu marido, desapareceram. A traição mexeu demais com tudo o que eu sempre acreditei e eu perdi totalmente a vontade de fazer qualquer cerimônia, comemorar qualquer festa. É incrível como tanta coisa pode mudar em apenas vinte e quatro horas — respirei fundo antes de continuar e ele assentiu com a cabeça para me encorajar. — Mas, você me fez mudar de ideia. Você e só você conseguiu me tirar de casa hoje de manhã, conseguiu me fazer dizer meus votos sem gaguejar e me fez dançar valsa na frente de todas aquelas pessoas. Hoje você cuidou de mim, me encorajou e me fez realizar esse sonho. Talvez eu não acredite mais em tradições como essas, mas eu acredito que, se eu consegui superar o que Rodrigo me fez, eu posso criar minhas próprias superstições e tradições.

Os primeiros acordes da música inundaram a sala. Me aproximei de Henrique e passei uma de suas mãos ao redor de minha cintura.

— Você me convidou para dançar uma vez. Agora quem te convida para dançar sou eu. Você aceita?

Henrique sorriu e rapidamente juntou sua palma na minha. Começamos a bailar pelo apartamento sem nos importarmos com o espaço

ou com o som. Não falamos nada, simplesmente dançamos. Sem ensaio, sem combinar, só deslizamos juntos, sem platéia. Quando a música finalmente cessou, o latejo que eu senti em meus pés em algum momento da noite já não significava nada.

— Me permite perguntar que superstição é essa que você criou? — Ele perguntou quando nos sentamos de novo no sofá da sala.

— O fato de você não ter entrado me carregando nos braços não vai nos trazer azar algum, porque essa valsa que dançamos vai nos dar sorte.

Henrique passou o braço pelos meus ombros e me puxou para que pudesse dar um beijo em minha cabeça. Me aninhei em seu corpo e sorri, pude sentir que, mesmo exausto, ele sorria também.



CAPÍTULO 5

HENRIQUE

Pela segunda vez naquela noite dançamos juntos. O sentimento de ter Ana Luíza em meus braços era tão único quanto um sonho bom, um daqueles que eu nunca iria querer acordar. Sob o assoalho do meu apartamento, nos envolvemos na música, mas parecia diferente do que havia sido na festa, a música era outra, o clima também. Mas minha vontade de puxá-la para mais perto, de beijá-la, de sentir seu cheiro, de tocá-la, essa acho que jamais mudaria. Quando a canção acabou, já não sabia que horas eram ou se os vizinhos haviam nos escutado, mas pouco importava. Mesmo tão cansado, dançar com ela reanimava meu corpo.

Nos sentamos no sofá e minha esposa disse que a valsa nos daria sorte. Essa era uma das milhares de coisas que me encantavam naquela mulher, Ana Luíza jamais fora uma pessoa de caprichos, tinha seus sonhos como qualquer outro, mas era simples. Mesmo após ter encarado toda a cerimônia de cabeça erguida, uma simples valsa com os pés descalços, no chão do meu apartamento era tudo o que ela precisava para dizer que nosso casamento teria sorte.

— Então esse será nosso amuleto — eu disse e ofereci o dedo mindinho, como uma criança selando uma promessa. — Combinado?

— Combinado — ela entrelaçou seu dedinho no meu e sorrimos.

— Você precisa dormir, Ana!

— Eu sei, você também. Hoje o dia foi bem longo.

— Vou arrumar a cama para você — levantei-me do sofá e ela segurou minha mão antes que eu pudesse sair de perto.

— Eu não quero que você continue dormindo no sofá. É desagradável demais, esta é a sua casa.

— Quantas vezes vou ter que te dizer que eu fico bem no sofá?

— Não adianta tentar mentir para mim. E eu não vou mais aceitar isso, essa noite eu durmo no sofá.

— De jeito nenhum! Quem não aceita isso sou eu.

— Então teremos que dividir a cama, pronto! — Ela levou as mãos à cintura e ao ouvir aquela frase, meu corpo inteiro esquentou. Tínhamos passado o último dia praticamente inteiro juntos, dançamos colados e, bom, casamos. Mas dividir a mesma cama era um nível a mais de proximidade, um que nunca tínhamos alcançado.

— Por que você tem que ser tão teimosa? — Revirei os olhos e, em troca, ganhei uma expressão debochada e um sorriso vitorioso. — Tudo bem, vai — resolvi ceder.

— Não vai ser problema, já que estamos casados — ela disse, levantando uma das sobrancelhas, o que me arrancou uma risada.

— Certo, senhora.

Arrumei a cama enquanto Ana tomava banho, deixando os dois travesseiros o mais longe possível um do outro. Ela ressurgiu na porta do quarto, com os cabelos molhados, vestindo uma camiseta velha minha, que ficava parecendo uma camisola nela. Era, no mínimo, incrível como conseguia ficar linda e sexy sem ao menos fazer esforço.

— Qual lado você costuma dormir? — Ela perguntou em meio a um bocejo adorável.

— Não parei para pensar nisso, na verdade. Nunca precisei dividir cama — dei de ombros, evitando olhar muito pra ela ou eu seria capaz de babar ali mesmo.

— Mas agora vai ter que pensar nisso, senhor. Qual lado prefere?

— Tanto faz — minha vontade era dizer que ela poderia dormir até em cima de mim, que eu não me importaria.

— Tudo bem, então vou dormir do lado direito.

— Como quiser, madame — eu disse e apontei para a cama, como se a oferecesse para ela.

Ela atirou um travesseiro em mim, enquanto eu entrava no banheiro para tomar um banho também. Encostei a porta, liguei o chuveiro e a exaustão finalmente me atingiu. Os músculos doíam sob a água morna, eu precisava deitar e dormir umas vinte horas seguidas, mas como obedecer ao que meu corpo queria, quando minha mente estava ligada naquela mulher?

Quando retornei ao quarto, Ana Luíza passava os canais da TV, com cara de tédio.

— Alguma coisa interessante?

— Nada — ela suspirou. — Estou com dor de cabeça, mas não consigo dormir.

— Quer um comprimido?

— Não, tudo bem — resmungou baixinho.

Me ajeitei no meu canto da cama, virei de frente para ela e minha esposa desligou a televisão.

— Posso fazer alguma coisa por você? — Me mantive o mais distante que consegui, sem saber qual gesto fazer. Meu coração batia tão descompassado de nervosismo que me sentia como um garoto, chegando perto de sua paixão platônica pela primeira vez.

— O que mais você pode fazer por mim? Você já fez tudo — ela passou a mão delicada pelo meu rosto, fazendo um carinho bom.

— Mas quero fazer alguma coisa pra te livrar dessa dor de cabeça — enrolei uma mecha dos cabelos dela em meus dedos.

— Tem uma coisa que eu queria que você fizesse.

— O quê?

— Canta pra mim? — Ela me pediu manhosa, feito uma criança. — Por favor?

– Cantar? Não sei cantar! — Aquilo me pegou totalmente desprevenido.

— Não importa, eu gosto do som da sua voz, ela me acalma — minha voz a acalmava. Senti um súbito conforto no peito ao ouvi-la dizer aquilo e sorri.

— O que você quer que eu cante? — Murmurei baixinho, encarando as íris castanhas de Analu.

— Uma música que você goste, qualquer uma.

Ela se aproximou de mim, virou de costas e eu a envolvi em meus braços. Tínhamos um encaixe perfeito, poderíamos ficar daquele jeito para sempre. Uma velha canção de Tom Jobim veio à minha mente e aos poucos tentei lembrar da letra.

— Acho que sei uma boa — Me aproximei de seu ouvido e comecei a cantar. — *Ana Luiza, eu fiz esta canção pra você/ Que pergunta, precisa saber/ Onde anda Luiza...*

Meu canto era quase um sussurro e meus lábios estavam encostados em seus cabelos. Seu perfume de rosas invadiu minhas narinas, me dando uma sensação de paz instantânea. Quando se virou para mim, Ana tinha os olhos cheios d 'água.

— Você não existe — ela disse e se aninhou em meu peito. Beijei sua testa e cantei baixinho mais alguns versos até que adormecemos.

ANA LUÍZA

Apesar da dor de cabeça, nos braços de Henrique adormeci em poucos minutos. Não saberia nunca explicar o efeito de calmaria que ele provocava em mim, mas o seu jeito de falar, de abraçar, de agir sempre me tocaram a alma. Estava tão cansada que dormi feito pedra. Toda a exaustão dos dias anteriores ao casamento recaíram sobre mim. Acordei com o celular tocando na mesinha ao lado da cama, ainda meio grogue o peguei e automaticamente todos os meus sinais de alerta se acenderam, despertando-me. A imagem de Rodrigo em meio aos estilhaços da tela, indicava que ele estava me ligando, recusei de imediato. Tentei voltar a dormir, mas era inútil. A ligação não atendida junto com a imagem dele, mesmo craquelada, não saíam mais da minha cabeça e decidi, por fim, me levantar.

Passei pela sala e vislumbrei o relógio na parede, já passava das dez da manhã. Quando cheguei à porta da cozinha, que era pequena, mas perfeitamente organizada, com um balcãozinho, armários azul-marinho e uma pia em granito, Henrique estava sem camisa, aprontando algo no fogão. O cheiro que vinha dali era maravilhoso.

— Bom dia — falei com a voz arrastada de sono.

Ele se virou, sorrindo ao me ver.

— Bom dia. Não me diga que te acordei! — Neguei com a cabeça.

— Claro que não. Inclusive, acho que nunca dormi tanto.

Olhei para o fogão novamente e percebi que ele estava fazendo omelete. No chão da pequena cozinha, algumas sacolas de mercado estavam cheias de frutas.

— Há quanto tempo você está acordado? — Sondei, estranhando.

— Acordei cedo — foi tudo o que ele disse e eu cruzei os braços franzindo o cenho.

— Que horas?

— Acho que era umas sete — ele deu de ombros e virou a omelete na panela.

Minha boca se abriu involuntariamente em surpresa.

— Como assim você acordou às sete horas da manhã e me deixou dormir até às dez?

— Você precisava descansar, ué — ele fez pouco caso, me deixando ainda mais perplexa.

— E você não precisava?

— Ei, ei, você não vai querer brigar por causa de uma besteira.

— Não é besteira, Henrique! Você já fez tanto, precisa descansar!

— Eu estou bem, Ana Luíza. Se tinha alguém aqui que precisava de um descanso, sem dúvidas era você. Eu estava com medo de que você pudesse ter um colapso nervoso depois de tanto estresse — ele disse despreocupado, mexendo na frigideira mais uma vez.

De fato, eu estava realmente cansada, mas só fui me dar conta naquele momento. Minhas pernas ainda doíam.

— Não se preocupe comigo, está bem? — Henrique disse e ficou de frente para mim. — Eu estou bem, juro. Agora vem comer alguma coisa.

Meu amigo colocou a omelete num prato, jogou um pouco de sal e pegou garfos e facas. Caminhou até a sala, colocou tudo sobre a pequena mesa de jantar e puxou a cadeira, fazendo um gesto para que eu me sentasse.

— Você preparou isso para mim?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Você sabe bem que estou longe de ser o melhor cozinheiro do mundo, mas me garanto na omelete com queijo e no macarrão.

Era verdade. Por mais que a parte de cozinhar sempre tivesse sido mais minha, a omelete com queijo de Henrique era a melhor de todas. Sua verdadeira marca registrada.

— Você tem noção de quanto tempo faz que eu não como a sua omelete com queijo?

Me sentei e coloquei um pedaço ainda quente na boca. A sensação era incrivelmente a mesma de quando experimentei pela primeira vez.

— Que tal? — Ele perguntou, cortando um pedaço e abocanhando também.

— Meu! Deus! Do! Céu! — Exclamei pausadamente.

Sim, aquela era definitivamente a melhor omelete de todos os tempos. Só o aroma já era uma amostra daquela maravilha do paraíso.

— Eu disse que me garantia. Ainda irritada comigo?

Fiz uma careta e coloquei a língua para fora.

—— Me comprar com a sua omelete é muita covardia, sabia? — dei um tapinha em seu ombro.

— O que eu posso fazer se meus dotes culinários são irresistíveis? — Dessa vez foi ele quem fez uma careta. — Eu fiz suco de laranja também. Você quer?

— Tá brincando? É meu preferido!

— Por que você acha que eu fiz?

— Você não existe **mesmo**!

Henrique foi para a cozinha e voltou rapidamente, trazendo uma jarra fresquinha e dois copos.

— A feira estava boa hoje. Resolvi levantar cedo e comprar umas frutas para abastecer a geladeira. Aproveitei e comprei ovos, porque achei que você pudesse gostar de comer uma omelete com queijo — confessou com um sorriso convencido nos lábios.

— Então, você levantou cedo só para cozinhar para mim?

— Bem, estamos casados agora. Você vai precisar se contentar com essa omelete por um bom tempo.

— E nem vou reclamar — levantei meu copo de suco de laranja para que ele brindasse comigo, o que ele fez sorrindo.

— Achei que você não ia acordar agora — Henrique disse e tomou um gole generoso de sua bebida.

— Pois é, o celular tocou e eu acabei não conseguindo voltar a dormir — engoli o pedaço de omelete que tinha na minha boca à seco só de lembrar quem havia me acordado.

— Quem era?

— Rodrigo — cuspi o nome dele séria, Henrique fechou o semblante leve e respirou fundo antes de falar.

— O que ele queria?

— Não sei, não atendi — meu amigo fechou o punho e deu um murro leve na mesa me dando um pequeno susto.

— É muita cara de pau desse otário ligar para você depois de tudo.

— Eu sei — bufei. — Mas eu não quero falar sobre isso, Rick. Não quero estragar nosso domingo.

— Tem razão, não vamos falar sobre ele — disse enquanto limpava a mesa e levava a louça para a cozinha.

— Sabe de uma coisa? Eu quero aproveitar hoje, quero sair para algum lugar com você.

— Jura? — A animação não conseguiu ficar escondida em sua voz e eu sorri sozinha, ainda sentada à mesa. — Para onde?

— Para algum lugar alegre, algum lugar onde a gente possa dar uma volta, sei lá. Qualquer lugar onde eu possa aproveitar esse dia de sol com você.

— São Paulo é muito grande, podemos ir a muitos lugares — ele gritou mais alto do que a água que caía da pia da cozinha.

— Tem algum lugar que seja especial para você? — Perguntei, me encostando no batente da porta, para que não ficássemos gritando.

— Especial? Depende.

— Tem algum lugar que você me levaria? — Ele pareceu pensativo, enquanto enxaguava o último talher que tinha na pia.

— Acho que tenho um lugar — ele me olhou divertido e deu uma piscadela. Eu sorri animada, sabia que qualquer lugar onde ele me levasse seria incrível, só pela sua companhia.

Nossa animação foi interrompida pelo toque da campainha. Nos entreolhamos.

— Que estranho, você pediu alguma coisa? — Perguntei.

— Não.

Ele espiou pelo olho mágico e uma incógnita surgiu em seu rosto.

— É o novo porteiro — Henrique me disse, abrindo a porta em seguida.

O mesmo porteiro que nos recebeu na noite anterior se encontrava parado à frente da porta, parecendo constrangido.

— Desculpa aí, seu Henrique! Mas é que esse homem apareceu lá embaixo e pediu para eu subir com ele — o rapaz se pôs a falar antes mesmo que meu amigo pudesse abrir a porta toda. — Ele disse que precisava conversar urgente com uma tal de Ana Luíza.

Ah não, aquilo não podia estar acontecendo. Não tinha sido suficiente toda a dor e humilhação que ele me fez passar naquela maldita noite? O que mais ele queria? Continuar me torturando? Aquele pesadelo nunca teria fim?

Logo atrás, Rodrigo surgiu no corredor, caminhando a passos largos em direção a porta do apartamento.

— Ele pediu para eu tocar a campainha — o porteiro confessou, visivelmente desconfortável com a situação.

Henrique continuava parado na porta sem mover um único músculo. Provavelmente estava em choque, assim como eu. Percebi quando seu punho fechou-se como se estivesse pronto para dar um soco em alguém. Com seu corpo, criou uma espécie de barreira entre o corredor e eu, como se quisesse se certificar de que nada nem ninguém passaria por ele, apoiando-se no batente e esticando os braços.

— O que você está fazendo aqui? — Confrontei meu ex-noivo, enquanto eu caminhava em direção a porta, a passos miúdos, até ficar bem próxima das costas de Henrique, que permanecia imóvel. O pobre porteiro ficou de canto, provavelmente prevendo uma confusão.

— Você não atende minhas ligações, preciso conversar com você — Rodrigo, apesar do tom de voz normal, tinha uma postura um tanto rígida e não dava sinais que iria embora tão cedo.

— Eu não queria atrapalhar ninguém, senhora. Me perdoe! — Murmurou o porteiro.

— Você não precisa se preocupar, moço. Não fez nada errado, pode ficar tranquilo e voltar para o seu trabalho em paz — o tranquilizei.

Rapidamente ele se foi, descendo as escadas e deixando a tempestade que estava prestes a começar para trás.

Nunca fui ingênua, sabia muito bem que cedo ou tarde aquele momento chegaria. Mas não esperava encontrar Rodrigo parado à porta do apartamento de Henrique tão repentinamente. Estávamos só nós três ali. O tempo havia fechado de vez e o silêncio que tomava conta do corredor era ensurdecedor. Estática, eu tentava manter o mínimo de controle, meu, deles, da situação.

— Você não acha que é muita cara de pau a sua vir até aqui depois de tudo o que aconteceu? — Henrique rosnou. Seu tom de voz era alto e forte e eu pude sentir toda a ira que emanava de seu corpo. — Cai fora! — Ele tentou dar um passo à frente , mas eu o impedi de avançar, colocando minhas mãos em seus ombros. — Cai fora ou eu…

— Fica fora disso cara, essa situação não tem nada a ver com você — Rodrigo respondeu debochado.

Meu ex-noivo não tirava os olhos de mim. Mesmo conhecendo-o muito bem, dessa vez eu não conseguia decifrar o que estava pensando.

— Eu preciso falar com você, Analu! A sós.

Era cruel demais ter ele ali na minha frente, implorando para conversar comigo. Não existiam palavras suficientes no dicionário da língua portuguesa que servissem para redimir o que ele havia feito.

— Eu não tenho nada para falar com você. Vai embora, por favor! — Pedi com a cabeça baixa, lutando para que as lágrimas, que queriam se formar, não caíssem.

— Eu não vou a lugar nenhum até você me escutar. Pode levar o tempo que for, se quiser me expulsar daqui, pode expulsar, mas primeiro vai ter que ouvir o que tenho a dizer — Rodrigo estava irredutível e eu não sabia mais o que fazer.

— Eu vou chamar a polícia, Ana — Henrique ameaçou. — Esse cara não tem o menor direito de vir até aqui. Se ele não sair, eu chamo a polícia!

— Não, Henrique — supliquei, com a voz mais firme que pude. — Não precisa! — Se eu deixar você dizer tudo que tem para dizer, você vai embora, certo? — encarei Rodrigo pelo que eu esperava ser a última vez.

— Vou, eu juro.

Henrique virou-se para mim, incrédulo, desmanchando a barreira que formara e jogou seus braços ao ar indignado.

— Ana… — ele respirou fundo antes de continuar. — Eu não acredito que você vai dar ouvidos para esse cara.

— Eu só preciso de cinco minutinhos — tentei argumentar, mas minha voz falhou. Henrique sabia que eu estava a ponto de desabar. — Só cinco minutos.

O coitado não conseguia nem formular uma frase de tão abismado que estava. Ele só repetia meu nome, como se aquilo fosse mudar o que estava acontecendo.

— Por favor — quase implorei. — Por mim.

Ele revirou os olhos e encarou o chão visivelmente derrotado. Virou-se e entrou no apartamento, encostando a porta, a fim de não ouvir a conversa.

Havia chegado a hora, o tão temido momento de encarar a realidade nua e crua. Rodrigo estava diante de mim, pronto para dizer tudo o que ele queria. Não imaginei que teria forças para ficar frente a frente com ele novamente, mas confesso que só queria que todo o pesadelo tivesse um fim.

— Fala logo o que você quer — bufei entre dentes. — O que você tem para me dizer?

— Eu soube sobre você e ele, o que aconteceu ontem — ele abaixou os olhos e deu de ombros, tendo uma postura um tanto indiferente, como se o casamento não tivesse passado de uma travessura infantil sem importância e ele consertaria a situação com uma simples conversa madura. Porque talvez, na cabeça dele, era isso que éramos: eu, uma menina boba e inconsequente que quis se vingar e ele, o adulto da relação.

— O que aconteceu ontem? — Perguntei alterando minha voz. — O que aconteceu ontem foi o que planejamos para ser o NOSSO casamento!

— Eu sei, eu sei — Rodrigo colocou as mãos no rosto, escondendo sua face por alguns segundos. — Eu nem consigo olhar para você!

— Por que você está aqui, Rodrigo? — Resolvi ir direto ao ponto. — Por que se deu ao trabalho de vir?

— Achei que você merecia uma explicação — ele encarava meus olhos, o que me fazia sentir pior ainda, pois eu não conseguia desviar.

— Uma explicação? — A palavra saiu devagar, quase soletrada, e cruzei os braços sem acreditar no que ouvi. Ele queria justificar a merda que fez comigo? Era isso mesmo?

— Sim, sobre o que você viu… na sexta — suspirou, parecendo se lamentar quando mencionou o dia.

Sua expressão era serena e estática, muito parecida com a que eu tinha visto na fatídica noite em que ele jogou nosso relacionamento no lixo. Um olhar leve de confusão, mas eu não conseguia ver um pingo de arrependimento.

— O que você fez não requer explicação nenhuma, Rodrigo. Simplesmente porque não há mais o que esclarecer — mesmo eu lutando contra, as lágrimas começaram a cair. — Talvez eu só queira entender o motivo, só entender o porquê. O que eu fiz para merecer aquilo?

Ele se manteve mudo, como se estivesse buscando as palavras.

— Como você pôde fazer uma coisa baixa dessas comigo?

— Aquilo não significou nada, Analu. Acredite em mim, por favor! — Suas mãos gesticulavam de maneira agitada na intenção de me fazer acreditar que sua explicação era plausível e que afinal, ele não tinha feito nada de mais. A voz dele, que até então estava controlada, agora havia subido o tom.

— Como? Como você quer que eu acredite em uma palavra que você diz? Eu vi, ninguém me contou, eu vi com meus próprios olhos! — Toda a raiva que eu tinha dentro de mim parecia querer sair pela garganta e esganar o Rodrigo ali mesmo. Minhas palavras já tinham se transformado em gritos misturados a choro e eu tremia de ódio.

— Eu vi vocês dois na nossa cama, Rodrigo! — Berrei para ele. — Você e ela nus, gemendo alto na **nossa** cama.

Senti meu estômago revirar, a cena voltou como um filme em minha mente e eu parecia estar vivendo tudo de novo, segundo por segundo. As roupas jogadas pelo chão, a cara de prazer de Vanessa, o som que os dois faziam, tudo. Senti minha cabeça girar e me apoiei no batente da porta.

— Por quê? — Repeti a pergunta que parecia não ter resposta, aflita para que ele me desse alguma informação que me ajudasse, mesmo sabendo que não havia nada que ele pudesse dizer.

— Me perdoa, Analu. Foi uma fraqueza minha, tente entender — sua feição era de quem tentava desesperadamente recuperar algo perdido e aparentava estar genuinamente preocupado com a ideia de terminarmos de vez. Uma parte de mim queria acreditar que não teve importância, que foi um simples erro, deixar tudo de lado e pular nos braços dele, como eu costumava fazer sempre. Mas não dava. Ele quebrou a coisa mais importante entre nós e para a qual não existia conserto, a confiança.

— Fraqueza sua? — Eu poderia rasgar a cara dele com as minhas unhas naquele momento. Precisei contar mentalmente até dez para que eu não cometesse um crime na porta do apartamento de Henrique. — Entender a sua fraqueza? — Gargalhei ironicamente de todo seu cinismo.

— Você precisa entender, Analu, a culpa não foi minha. A Vanessa começou a dar em cima de mim desde a primeira vez que a gente se viu. Ela me olhava, ficava fazendo charme e toda vez que você se afastava um pouco, ela vinha e ficava me provocando.

— E você não conseguiu resistir à tentação, não é?

— Me perdoa, Analu. Você é a única mulher que eu amo! Me perdoa, por favor — Rodrigo ajoelhou-se no chão juntando as mãos num ato de desespero. Eu não podia achar aquela cena mais patética.

— É muita falta de caráter da sua parte jogar toda a culpa em cima da Vanessa e ainda ter a coragem de me falar que eu sou a única que você ama — falei baixo e pausadamente para que ele entendesse, me abaixando e ficando mais próxima dele, que agora batia na altura da minha cintura.

— É a verdade! — Gritou, já impaciente.

— Se é tão verdade, por que você ficou com ela? Por que você não me contou que ela dava em cima de você quando aconteceu pela primeira vez? Você preferiu ir para a cama com ela! Você preferiu me trair! — Bati a mão contra meu próprio peito. O ódio subia com cada vez mais intensidade e rapidez e eu sentia que estava a ponto de ter uma síncope.

— Você estava tão ocupada com tudo sempre que a gente já nem transava direito. E eu sou homem, não consigo resistir — levantou-se, provavelmente cansado de se prestar àquele papel ridículo.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Se já estava enjoada com a presença dele, tinha certeza que colocaria para fora toda a omelete com queijo que Henrique havia feito, bem ali, no corredor do prédio se Rodrigo não fosse embora logo.

— Então quer dizer que só porque você é homem, não consegue aguentar uma mulher bonita dando em cima de você? É sério? Também já fui muito assediada, mas nem por isso eu transei com outro homem enquanto estávamos juntos. Porque eu te respeitava, e mais do que isso, eu te amava — reuni toda a força que restava dentro de mim e cuspi as palavras feito uma metralhadora.

Finalmente ele pareceu ser atingido pelas minhas palavras.

— Me amava tanto que se casou com o Henrique — o tom de voz dele variava de gritos irritados para uma voz calma e aveludada. Para quem olhava de fora, poderia facilmente parecer que eu era a louca e descontrolada da relação. — Como você acha que eu me senti quando soube? A essa altura, todos os convidados devem estar achando que você estava me traindo com ele. Como acha que eu estou me sentindo? — Ele levou as mãos para o próprio peito, colocando-se como a vítima, como o perfeito canalha que era.

Eu já não o reconhecia mais. Onde teria ido parar o homem doce, gentil, amoroso e fiel que eu tinha encontrado há três anos? E como eu era capaz de sentir tamanho ódio por alguém que amei tanto?

— Não tente colocar a culpa em mim! — Praticamente rugi. — Depois de tudo, eu tinha o direito de encher a cara, me divertir, aproveitar a minha festa de casamento, esquecer todo o estrago que você causou. Mas eu não devo satisfações da minha vida para você, não mais.

— Será que você se casou só pra não perder a festa mesmo, Analu? — O tom de ironia em sua voz me fez bufar antes mesmo dele terminar a

linha de raciocínio. — Você fica aí me julgando porque eu dormi com a Vanessa, quem garante que você não tinha um caso com o seu amiguinho esse tempo todo? Quem garante que você também não foi pra cama com ele?

Aquelas perguntas em forma de acusação me pegaram desprevenida, eu não estava esperando por aquilo, tive a sensação de levar um soco na cara. Como pude ser tão cega durante tanto tempo? Como nunca reparei o ser humano imundo que Rodrigo era? Cerrei o punho ao meu lado.

— Não sou igual a você. E nem ele é igual a você. Sabe por quê? — Fiz questão de ficar bem perto dele e falei baixinho, encarando seus olhos. — Porque ao contrário de você, o Henrique me respeita. Ele seria incapaz de fazer tudo o que você fez, ele tem caráter. Você se acha tão homem, não é? Pois eu sou capaz de colocar minha mão no fogo pelo Henrique, porque ele sim, é um homem de verdade — Rodrigo ficou mudo e eu continuei a despejar as palavras nele, eu podia estar despedaçada, mas ainda assim defenderia Henrique com unhas e dentes até o fim. — Eu só espero que, com a mesma coragem que você teve de aparecer aqui depois de tudo, só para fazer seu papel de vítima e tentar me desestabilizar ainda mais, você admita para os seus pais quem traiu quem nessa história. Eu posso dizer, agora mais do que nunca, que não ter casado com você foi um livramento. Nós nunca seríamos felizes juntos e não temos mais nada a dizer um para o outro. Vai embora daqui!

Rodrigo ameaçou falar algo, mas se conteve. Se virou de costas para mim, caminhando a passos largos pelo corredor, desceu as escadas do prédio de Henrique e desapareceu sem olhar para trás. Caí de joelhos e deixei as lágrimas virem em enxurrada, dessa vez, eu não tinha a menor pretensão de impedi-las.



CAPÍTULO 6

ANA LUÍZA

Henrique provavelmente ouviu meu choro que ecoava pelo corredor do prédio, porque assim que Rodrigo saiu de lá, a porta do apartamento escancarou e eu, que estava caída no chão em prantos, não tive nem coragem de levantar. Como sempre, meu melhor amigo sabia como lidar com aquela situação, agachou-se e me abraçou. O efeito de seus braços ao meu redor era como um calmante natural.

— Eu ouvi tudo — ele comentou enquanto passava a mão pelo meu cabelo. — Desculpa, mas simplesmente não consegui evitar.

— Eu sou muito idiota — solucei. — Muito idiota!

— Você não é idiota, Ana Luíza. Você é muito forte! — Henrique segurou meu rosto entre as mãos e dizia manso, me olhando nos olhos. — Você foi muito forte enfrentando aquele canalha. Não sei como não saí pela porta e não acertei a cara dele, era o mínimo que ele merecia.

Suas palavras saíam carregadas de rancor.

— Como eu pude ser tão cega a respeito dele? Como eu nunca notei quem ele era?

Eu tinha vontade de bater minha própria cabeça contra a parede até acordar daquele pesadelo. As palavras, as desculpas esfarrapadas, o cinismo de Rodrigo ficavam ecoando em minha mente e eu me sentia cada vez mais enjoada.

— Eu não consigo entender. Aquele não é o homem por quem eu me apaixonei, não pode ser!

— Acabou, Ana! — Henrique segurou meus braços e me ajudou a levantar do chão. — Você colocou um ponto final nisso hoje, esse cara não vai te incomodar nunca mais.

Acabou, a palavra reverberou dentro de mim e apesar de me tirar o ar dos pulmões, ela também me trouxe uma paz inexplicável, uma sensação de alívio. Toda aquela tormenta tinha que passar.

— Acabou — repeti com a voz falha.

Henrique me amparou e assim que entrei no apartamento, senti que era definitivo. Toda a história dos últimos três anos ficaria enterrada sob o capacho. A partir dali, minha vida seria outra.

— Eu vou pegar água para você — ele disse prestativo e eu segurei sua mão antes que ele entrasse na cozinha.

— Não, eu não preciso de água! Eu preciso me reerguer — Henrique me encarou em silêncio, como se estivesse me dando espaço para concluir meu pensamento. — Não vou mais permitir que aquele homem interfira na minha vida. Eu vou viver, vou sair, vou curtir minha vida, mas não vou mais me prender ao passado, nunca mais. Preciso de você, Rick! Você pode fazer uma coisa para mim?

Ele deu um passo à frente e se aproximou de mim.

— Qualquer coisa — o homem disse, sem soltar minha mão.

— Me leve a algum lugar especial? Algum lugar que tenha um significado importante para você.

— Eu tenho um lugar especial — meu melhor amigo confessou com um sorriso no rosto. — Acho que você vai gostar de lá.

— Só me leva! — Ele assentiu com a cabeça e me deu um abraço, sem dizer nenhuma palavra.



Tive que improvisar o look, já que ainda não tinha voltado ao meu apartamento, nem para buscar umas roupas. Vesti minha velha calça preta, que sempre usava pra ir trabalhar e, novamente, peguei uma camiseta de Henrique.

— Espero que esse lugar não seja muito formal.

— Fica tranquila, lá é bem casual. Você não vai precisar de salto alto – ele disse apontando para meus pés.

— Estou sem roupas aqui — revirei os olhos. — Além do mais, uma bermuda sua ficaria uó em mim.

Dobrei a bordinha das mangas para deixar o visual mais despojado e feminino e virei as barras da calça.

— Pronto — resmunguei. — Melhor? — Ele assentiu sorrindo.

— Você não vai querer ir descalça, né?

Os únicos dois sapatos que eu tinha ali eram de salto, o que eu estava usando na sexta-feira durante o trabalho e o meu sapato de noiva.

— É o jeito — dei de ombros rindo.

— Nada disso, coloca pelo menos um chinelo. Calço quarenta, vai ficar um pouco grande em você, mas não temos muitas opções — rindo, Henrique pegou um par de chinelos pretos debaixo da cama e me entregou.

— Tá brincando? — Gargalhei. — Eu calço trinta e sete, seus chinelos vão ficar enormes. Vou colocar um dos saltos mesmo.

— Que nada, lá você não vai ficar confortável de salto, vai por mim.

Henrique fazia um ar misterioso sobre o tal lugar que queria me levar, o que estava deixando tudo ainda mais divertido.

— Por acaso o senhor está me levando para um parque de diversões?

— Talvez! Mas você só vai saber quando chegarmos lá — ele disse colocando as mãos na cintura e indicando os chinelos com o queixo. Eu ri e resolvi, então, colocá-los.

— Você está linda! — Meu amigo disse assim que saímos do apartamento.

— Eu tô ridícula! — Ri da diferença gritante entre nossas roupas: Henrique usava uma camiseta de manga curta, uma bermuda jeans e um par de tênis, eu por outro lado, estava usando uma calça flare preta, uma camiseta larga branca e um par de chinelos alguns números maior que o meu pé. Nunca tinha usado algo tão aleatório em toda a minha vida. E para piorar minha situação, estava completamente sem maquiagem.

Morrendo de vergonha, passei pela portaria do prédio o mais rápido que pude, tentando não chamar atenção, enquanto Henrique ria atrás de mim e cumprimentava o rapaz que estava trabalhando.

— Não se preocupe — ele cochichou no meu ouvido. — Daqui a pouco as francesas vão estar desfilando com chinelos gigantes nas passarelas e você terá sido a precursora dessa tendência aqui no Brasil — finalizou com uma sonora gargalhada.

Dei um empurrão de leve em seu braço rindo e entramos no carro dele.

— E então, para onde você vai me levar?

— Eu disse que você só vai descobrir quando chegarmos lá e assim será.

— Ai, por que tanto suspense? Fala, por favor!

— Você pediu pra eu te levar para um lugar especial, não foi? Confia em mim? — Ele me perguntou, com seus olhos fixos nos meus.

— Sempre.

— Então, relaxa! Você vai gostar.

Sorri sem graça, mas cedi e abri minha janela, para admirar a cidade e sentir o vento no rosto.



Uma das coisas que sempre me impressionou sobre São Paulo era o quanto a metrópole podia ser grande. Mesmo que você morasse lá a vida inteira, sempre encontraria algo novo, as opções nunca pareciam terminar.

Eu poderia passar horas olhando pela janela do carro, observando os prédios, os carros e tudo aquilo que tornava São Paulo tão incrível, mas logo chegamos ao nosso destino. Estacionamos e descemos debaixo de um sol escaldante, ao nosso redor, muitos carros também estavam parados.

— Ana Luiza, eis o meu lugar especial — Henrique disse abrindo os braços, como se apresentasse um espetáculo.

Dei uma olhada ao redor e era impossível não saber onde estávamos: Parque do Ibirapuera. Fechei os olhos e respirei fundo ao sentir o cheiro das árvores, o aroma da pipoca dos carrinhos, a atmosfera de diversão e paz que só aquele lugar poderia trazer.

— Não acredito que você me trouxe aqui! — Exclamei emocionada. — Faz tantos anos que não piso neste parque!

— Eu imaginei que você fosse gostar. Além do mais, é um lugar que traz muitas lembranças para mim.

Eu pude notar o olhar cabisbaixo e nostálgico de Henrique e entendi perfeitamente o porquê. O Ibirapuera era um dos lugares preferidos dele na

infância, mais que isso, era um lugar onde os pais o traziam com frequência e apesar de ser um lugar fantástico, estar ali devia trazer muitas memórias. Henrique logo se recompôs e estendeu o braço para mim.

— Venha, vamos entrar.

Como era domingo e estava quase na hora do almoço, o parque estava lotado. Várias pessoas fazendo piqueniques, levando seus cães para passear, ou se exercitando. Henrique e eu logo decidimos procurar um lugar para sentarmos no gramado. Acabamos próximo ao lago, sob a sombra de uma árvore, de onde podíamos ver perfeitamente o obelisco do parque.

— Esse é o melhor lugar que você poderia ter me trazido — confessei com um sorriso no rosto. — Ainda vem muito aqui?

Essa pergunta era arriscada e podia nos levar para um terreno que quase todas as pessoas desconheciam. Um terreno triste e solitário. A morte repentina dos pais de Henrique foi um choque para todos, mas quase ninguém tinha a imagem do garoto de dezoito anos em prantos, deitado e encolhido no chão da sala, tentando se agarrar a qualquer esperança, como eu tinha. Quando Henrique recebeu a notícia pelo telefone naquela noite, não sei como teve forças para me ligar. Tudo que eu lembrava era da sua voz embargada, palavras soltas e um choro que me fez tremer do outro lado da linha. Corri para seu apartamento no mesmo instante, já prevendo que algo ruim havia acontecido. Assim que cheguei, tudo que recebi foi um abraço quente e um rosto encharcado de lágrimas. Ele não dizia uma palavra, ficou na mesma posição por mais de uma hora. Quando o noticiário na televisão falou sobre o acidente fatal na estrada, naquela mesma noite, foi minha mãe quem me ligou em prantos, parecendo assimilar tudo. Henrique estava sozinho no mundo, ele era filho único e as pessoas que ele mais amava estavam mortas. Nos dias que se seguiram, enquanto cuidava dos detalhes do velório e enterro duplos, ainda na companhia de outras pessoas, não derramou nenhuma lágrima sequer. Construiu uma verdadeira barreira entre ele e todos ao redor, a única pessoa que conseguia atravessá-la de alguma forma era eu, que fiquei ao seu lado praticamente o tempo todo. Nossa amizade se fortaleceu ainda mais. Depois de toda a tragédia, ele passou um tempo na minha casa, como um irmão, e logo depois acabou saindo do apartamento onde morava com os pais e alugando outro bem menor, onde morava desde então.

Agora, quase dez anos depois, parecia retribuir tudo aquilo que eu havia conseguido fazer por ele, me abrigando em sua casa e ficando ao meu

lado para o que eu precisasse. Minha vontade era de abraçá-lo e não soltar nunca mais.

— Não muito. Pra mim ainda é estranho vir aqui, me traz tantas recordações boas, é como se eles ainda estivessem comigo, sabe? — O olhar de Henrique era condescendente, ainda que distante. Era raro ele tocar no assunto, pois toda sua dor vinha à tona.

— Eles estão, Rick — falei, colocando a mão em seu peito. — Bem aqui. Nunca irão embora!

Ele sorriu com os olhos levemente marejados. Permanecemos assim, parados ali, observando o lago. O sentimento de paz era maior que qualquer ruído.

— Acho que eu vou pegar um sorvete. Você quer? Tá quente demais aqui — ele rompeu o silêncio, já se levantando.

— Acho que quero sim.

Ele tirou a carteira do bolso e se afastou, enquanto eu gritava que queria um picolé de uva. A alguns metros dali, o vi parar em frente a um senhor com um humilde carrinho de sorvetes. À luz do sol, de bermuda e camiseta, na sua melhor forma descontraída, Henrique estava realmente muito mais bonito. Não tinha nada a ver com o cara de calça e camisa social que trabalhava de segunda à sexta num pequeno escritório no centro da cidade. Ele tinha começado a faculdade de direito pouco depois que terminamos o ensino médio, mas acabou trancando após a morte dos pais e nunca mais voltou. Havia trabalhado em diversos lugares para conseguir manter o pequeno apartamento onde morava e, atualmente, trabalhava como auxiliar administrativo. Gostava do escritório e tinha colegas lá, mas eu tinha certeza que se pudesse, ele retornaria para a faculdade e terminaria o curso.

Ele voltou mordendo um picolé de chocolate e ofereceu o de uva para mim.

— Aqui está — estendeu o doce em minha direção.

— Muito obrigada, senhor — brinquei ao pegar o picolé de sua mão, já que ele vivia me chamando de senhora.

— Não me chama de senhor, fico me sentindo velho — ele se sentou no mesmo lugar de antes, dessa vez um pouco mais próximo de mim.

Dei risada.

— Velho nada, você está na flor da idade. Até parece que você não repara as olhadinhas que as mulheres dão em você — o provoquei.

— Quais mulheres? Agora sou um homem casado, Ana Luiza. Não tenho tempo para olhadinhas — brincou, me mostrando a aliança que carregava na mão esquerda.

— Já que agora é um homem casado, deveria pensar mais na gente!

Henrique me olhou sem entender.

— Como assim?

Decidi ser direta.

— Eu acho que você deveria terminar a faculdade.

— Por que você acha isso?

— Porque eu conheço você e sei que é um homem muito inteligente e merece muito mais do que tem. Você sempre quis ser advogado e seus pais também queriam que fosse. Deveria fazer isso por você e por eles.

Ele ficou pensativo.

— Já faz tanto tempo que tranquei, Ana.

— E daí? Você pode muito bem voltar a estudar, finalmente realizaria seu sonho.

— Mal tenho dinheiro para pagar meu aluguel, quem dirá uma faculdade.

— E existe bolsa de estudo pra quê?

— Ana...

— Por favor, Henrique — supliquei, acariciando seu braço direito. — Você passa tempo demais se preocupando com os outros, agora chegou a hora de colocar você em primeiro lugar.

— E se eu não conseguir uma bolsa de estudo? — Questionou apreensivo.

— A gente dá um jeito. Afinal de contas, também tenho um emprego e para todos os efeitos, estamos casados, não estamos?

— O fato de estarmos casados não significa que você tenha que pagar minhas contas! — Ele retrucou quase imediatamente.

— Não me venha com essa — revirei os olhos, dando uma mordida em meu sorvete. — Já me basta aquele verme com conversa machista, você é melhor do que isso!

Henrique terminou seu sorvete, deitou na grama e respirou fundo.

— Você não vai me deixar pular fora dessa, né?

— De jeito nenhum, chega de adiar esse sonho!

Nos encaramos por alguns segundos, até que ele soltou uma risada nervosa.

— Tá bom! Vou ver sobre a faculdade!

— Promete?

— Prometo!

Ofereci meu dedo mindinho para que ele entrelaçasse o dele, selando nosso acordo. Ele se aproximou um pouco até colocar a cabeça em meu colo. Comecei a fazer carinho em seu cabelo, tentando adivinhar se era assim que a mãe dele fazia. Fiz um juramento silencioso de que algum dia, eu o traria ali novamente e faríamos um piquenique sob aquela mesma árvore.



CAPÍTULO 7

HENRIQUE

Ana e eu ficamos um bom tempo na sombra da árvore, aproveitando aquela linda tarde de sol. Deitado ali, sentindo os dedos dela entre meus cabelos, quase adormeci, mergulhado numa sensação muito boa, que não sentia há muito tempo. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, tinha voltado poucas vezes ao Ibirapuera e naquele momento prometi para mim que aquele lugar não mais me traria tristeza. Muito pelo contrário, seria uma espécie de santuário, onde meus pais sempre estariam presentes de uma maneira ou de outra.

Já passava das quatro da tarde quando decidimos ir embora. Nos levantamos e pegamos qualquer resquício de lixo que havia ali por perto. Não muito longe da saída, avistamos um amontoado de pessoas sob uma lona branca, nos aproximamos um pouco mais até conseguirmos ver o que chamava a atenção de todo mundo. Dentro de pequenos cercados, alguns cachorrinhos estavam para adoção.

— Ai, eles são tão lindos — Ana gemeu em um ataque de fofura, já se aproximando dos filhotes.

Uma das moças responsáveis pela feira voltou sua atenção para nós.

— Eles foram abandonados junto com a mãe, na porta de uma clínica veterinária. Dá para acreditar?

Aquilo era realmente chocante. Nunca entendi como alguém podia ter coragem de abandonar um animal indefeso.

— Não sabia que tinha feira de adoção por aqui — minha esposa comentou, observando os diversos cães e gatos que aguardavam um lar.

— Estamos aqui desde ontem e já conseguimos com que adotassem cinco animais — a moça comentou, animada. — Somos parte de uma ONG

e, sempre que possível, nós tentamos fazer feiras de adoção.

Dando uma rápida olhada, tinha pelo menos uns vinte bichinhos ali. Algumas pessoas paravam e até comentavam alguma coisa, mas ninguém os levava para casa.

— Deve ser muito desanimador ver tantas pessoas passarem e ninguém se voluntariar para adotar um deles, né? — comentei despretensiosamente.

— Em parte, é desanimador sim. Infelizmente, a maioria das pessoas ainda prefere cães de raça. Mas por outro lado, se a pessoa não está pronta para ter e cuidar de um animal, então é melhor que nem tenha mesmo. Com certeza, se todas as pessoas que passam por nós levassem um desses bichinhos, amanhã ou depois, grande parte deles seria abandonada novamente. Nesse caso, é melhor que continuem com a gente, porque pelo menos estão sendo bem tratados.

Ela tinha razão. Quando eu era pequeno, vivia insistindo para ter um cachorro e meus pais sempre disseram que exigia responsabilidade demais. Depois que cresci, entendi que ter um cão ou gato era quase como ter um filho, talvez por isso nunca tive um, já que sempre me faltava tempo. Minha Ana admirava um por um com olhos atentos, quase curiosos, enquanto ouvia a explicação da moça. Quando avistou um cãozinho preto de porte pequeno que estava deitado sobre uma manta amarela, seu rosto inteiro se iluminou. Ele, muito esperto e faceiro, abanou o rabinho e parecia retribuir sorriso para Ana Luíza.

— Acho que ele gostou de você — brinquei me aproximando.

— Ele é muito lindo.

— Esse está com a gente há uns meses, tem pro volta de três anos de idade — a moça voltou a falar. — Até onde eu sei, ele foi abandonado no meio de uma estrada, no interior de São Paulo. A mulher que o resgatou não podia ficar com ele e o levou para a ONG.

Minha esposa se aproximou do cercadinho e o cachorro logo se levantou, chegando mais perto. Seu rabo não parava de abanar nem por um segundo, demonstrando claramente a felicidade que sentia com os cafunés que Ana fazia em sua cabeça.

— Ainda não encontraram nenhum possível dono pra ele? — Ela perguntou, sua voz carregada de emoção.

— Infelizmente não. Mas nós ainda temos esperança, vamos ficar aqui até o próximo final de semana. Quem sabe alguém se interessa por este

anjinho?

— É um anjinho mesmo! Eu espero de coração que vocês encontrem um lar para ele e para todos os outros. Vou espalhar sobre essa feira.

A moça pegou um folheto e nos entregou junto com um boton, com o nome da ONG.

— Se vocês puderem divulgar, vai nos ajudar muito.

Nos despedimos dela e antes de deixarmos o parque, Ana depositou um beijo no cãozinho, que retribuiu lambendo sua mão.

— Não se preocupe, você vai encontrar uma casinha bem linda!



Na volta para casa, Ana estava quieta no banco do passageiro, mas carregava um sorriso leve no rosto.

— Gostou do meu lugar especial? — Perguntei, cutucando de leve sua coxa.

— Eu amei, parece que todas as minhas energias negativas ficaram para trás. Me sinto muito melhor agora, obrigada mais uma vez.

— Foi bom pra mim também. Acho que fiquei tanto tempo sem ir no Ibirapuera que acabei criando um certo receio, sabe? — confessei.

Meu maior medo era pisar novamente naquele lugar de tantas recordações boas e acabar perdendo tudo, por causa do luto que ainda me acompanhava e me acompanharia pelo resto da vida. Ainda era uma realidade distante para mim pensar nos lugares que fui com os meus pais e nas coisas que fazíamos juntos. Não, não havia espaço para a alegria. Saber que eles se foram da maneira como se foram, quando nem ao menos pude me despedir, e que nada mais seria igual em minha vida, que o pouco tempo que tivemos juntos se foi pra nunca mais voltar e só o que restava eram lembranças, não me soava justo. Quando os perdi, me questionava todos os dias o porquê de não ter morrido também. Por que preferi ficar em casa naquele final de semana chuvoso, ao invés de ir com eles para o interior? Por que eu não estava naquele carro e não morri no lugar deles? Perguntas para as quais eu jamais teria respostas.

Estar naquele parque me trazia uma enxurrada de memórias. Sempre as evitei por receio de sofrer mais. Mas de certo modo, estar ali com Ana Luíza me trazia um frescor, capaz de desviar minha atenção do luto. Eu sabia que não podia simplesmente me poupar de todos os bons momentos, afinal, de algum jeito, aquele pontinho verde no meio de São Paulo seria para sempre muito especial, e a partir daquele momento, seria especial para minha esposa também.

— Você me ajudou a entender o quanto meus pais ainda estão presentes aqui — falei. — Acho que eu havia me esquecido disto. Obrigado!

Ela se aproximou e beijou meu rosto em um gesto de carinho, aquilo arrepiou meu corpo inteiro.

— Eu tenho certeza que onde quer que seus pais estejam, eles têm muito orgulho de você.



Assim que chegamos em casa, decidimos pedir pizza.

— É bom a gente dar uma variada no cardápio senão nós vamos passar a vida comendo só pizza, miojo e omelete com queijo — pontuei assim que atendi o interfone.

— Vamos dar essa trégua hoje, mas a partir de amanhã vou colocar meus dotes culinários à prova — ela brincou. — Prometo.

Ana resolveu tomar um banho rápido enquanto eu descia para buscar a pizza.

— Vou ter que passar no meu apartamento para buscar algumas roupas, não posso usar as suas para sempre — ela resmungou desanimada. Parei na porta e me virei.

— Se quiser, eu posso ir lá e pegar para você — sugeri, tentando a todo custo poupá-la de um possível esbarrão com Rodrigo.

— Tudo bem, eu mesma vou — ela disse, puxando a toalha do varal. — Se o Rodrigo estiver por lá, paciência. Preciso de roupas pra ir trabalhar, não tenho quase nada aqui. Além disso, não posso ficar evitando encontrar com ele a vida inteira, é um risco que corro.

Acenei com a cabeça e segui meu caminho até a portaria, enquanto contemplava em como eu a admirava. Apesar de todo o ocorrido, Ana Luíza se recusava a fugir da realidade e sempre havia sido assim. Ela era frágil, sensível, mas também sabia o que queria e quando precisava se reerguer, transformava-se em uma verdadeira fênix.

— Nem parece que aconteceu tanta coisa em apenas três dias. Parece até que foram três meses — ela suspirou tempos depois, quando apareceu na sala com a toalha enrolada na cabeça. Eu já estava sentado, com a mesa posta e aguardando por minha esposa, que parecia interessada em continuar nossa conversa anterior. — E amanhã eu já preciso voltar para a minha realidade.

— Amanhã? — Perguntei assim que me dei conta de uma coisa muito importante. Ela ocupou a cadeira diante de mim e me olhou de testa franzida, como se analisasse se eu estava louco.

— Sim, afinal amanhã já é segunda e...

— Mas e quanto a lua-de-mel? — A interrompi.

— Lua-de-mel? — Indagou em um riso nervoso.

— Sim! Afinal, você é uma recém-casada. Não faz parte do costume viajar em lua-de-mel?

Ela caiu na gargalhada.

— Não vai me dizer que você e Rodrigo não iriam para lugar nenhum! — Continuei sério.

— Eu nem estava me lembrando disso — ela passou a mão pelos cabelos ainda úmidos. —Ah, a gente ia viajar sim, para falar a verdade, teríamos saído direto do casamento para esse lugar.

Uma pontada de curiosidade surgiu em mim.

— Posso saber que lugar é esse?

Ela sorriu sem graça.

— A gente ia para Campos do Jordão. Dizem que nessa época do ano é lindo por lá, eu queria aproveitar o friozinho. Apesar do calor que fez hoje, dizem que lá está sempre mais fresco — ela concluiu, tomando um gole do suco de laranja que eu havia preparado de manhã. Assenti e não falamos mais sobre o assunto.

Esperei Ana Luíza adormecer e comecei a pesquisar preços de hotéis na internet. Enquanto dava uma olhada nas diárias, pensei nela e no quanto ela merecia uma viagem como essa, certamente estava muito ansiosa para a lua-de-mel, até que a bomba explodiu. Coitada!

Acabei escolhendo um hotel simples e dei uma olhada na previsão do tempo para aquela semana e, apesar do domingo ensolarado, os próximos dias seriam um pouco mais gelados. Se era para ter um casamento de mentira perfeito, Ana também teria direito a uma "lua-de-mel de mentira" perfeita.

ANA LUÍZA

Não sei por quanto tempo dormi, mas despertei com Henrique me cutucando, ainda de pijama. Abri os olhos e me sentei, tentando me situar e lembrar onde eu estava.

— Bom dia — ele disse, estendendo uma xícara de café em minha direção.

— Que horas são? — Perguntei em meio a um bocejo.

— Nove da manhã — falou despreocupadamente.

Saltei da cama tão rápido que senti uma leve tontura.

— Meu Deus, vou chegar atrasadíssima no trabalho. Por que você não me acordou mais cedo?

Corri para o banheiro e me apressei para escovar os dentes e lavar o rosto.

— Quem disse que você vai trabalhar hoje? — Henrique se apoiou no batente da porta com um sorriso convencido estampado no rosto e soprou de leve o café que tinha em suas mãos.

— Como assim? — Analisei-o de cima a baixo, me dando conta de que ele também deveria estar no trabalho aquela hora.

— É melhor se apressar, senhora. Ainda nem fizemos as malas — balancei a cabeça sem entender.

— Que malas, Henrique? — falei um pouco mais alto, nervosa por não estar entendendo nada.

— Para a nossa lua-de-mel, oras — ele disse, dando de ombros.

Abri e fechei a boca várias vezes tentando emitir algum som, sem sucesso.

— Do que você está falando? — Consegui perguntar quando recobrei a capacidade.

Henrique não se conteve e gargalhou alto, me arrancando uma risada sem graça e nervosa.

— Ontem, depois que você dormiu, eu comecei a pesquisar algumas coisas na internet e…

— E o quê? — O cortei, já impaciente.

— E eu reservei um quarto para nós dois em Campos do Jordão por três noites — ele sorriu orgulhoso enquanto falava. — Melhor irmos agora se não quisermos pegar trânsito. E sim, eu sei que deveria ter te chamado antes, mas você precisava dormir.

Fiquei pasma. Todas as palavras de Henrique saíam numa naturalidade inacreditável. Voltei para o quarto e sentei-me novamente na cama, tentando digerir a informação.

— Você é louco — foi que consegui dizer. — E o meu trabalho? E o seu trabalho?

— Ana Luíza, nós somos recém-casados, lembra?

— E daí?

— E daí que para todos os efeitos, nós estamos em lua-de-mel. Além disso, por lei, em virtude do casamento, os noivos têm direito a três dias consecutivos de folga — ele fez aspas com os dedos enquanto falava a palavra "folga". — Chama-se licença gala! Portanto, não estamos correndo risco de sermos demitidos, nem nada do tipo.

Toda aquela situação era tão absurda que eu tinha até me esquecido que ainda estava de licença de casamento.

— E por que você está fazendo isso?

Ele deu um suspiro antes de continuar e agachou-se ao lado da cama, ficando bem próximo de mim.

— Porque quando nós selamos esse acordo, eu queria que você tivesse o casamento perfeito. Eu sei o quanto você esperava por esse dia, essa festa, essa viagem. E eu percebi ontem o quanto você queria conhecer Campos do Jordão, mesmo sem me dizer com essas palavras. Porque você merece tudo isso!

Era impressionante como Henrique conseguia me convencer a fazer as coisas mais loucas. E como ao mesmo tempo, nenhuma dessas coisas que ele fazia eram por ele, mas por mim. Meu melhor amigo parecia sempre me colocar à frente dele e quando eu parava para pensar nisso, o sentimento de culpa vinha à tona.

— Não posso — falei e ele me encarou confuso, totalmente sem entender. — Não posso fazer isso com você, Rick. Não posso permitir que você gaste seu dinheiro com essa viagem por minha causa, não é justo.

Me levantei e me aproximei, tomando suas mãos nas minhas.

— Mas… — Henrique tentou argumentar, mas não o deixei começar.

— Não! Depois de tudo o que você fez por mim, não posso simplesmente aceitar que você me leve para uma viagem como essa. Fico me sentindo muito mal com isso.

— Se sentindo mal? — Sua voz saiu um pouquinho alta, deixando ainda mais claro sua confusão.

— Não quero ser esse fardo, você já me ajudou muito — segurei seu rosto entre minhas mãos, acariciando de leve sua bochecha com meu polegar.

— Você não é um fardo, Ana Luíza. Eu me importo demais com você e quero que você venha nessa viagem comigo, sim — ele retirou minhas mãos delicadamente de seu rosto e as segurou, como se fossem algo sagrado e frágil. — Então não pense que essa viagem é só sua, ela é nossa. Eu nunca fui para Campos do Jordão também e quero conhecer a cidade, mas quero fazer isso com você. Por favor?

Seus olhos mais uma vez carregavam uma bondade genuína, tornando o pedido praticamente impossível de não ser atendido.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer pra te convencer do contrário? — o abracei pela cintura e levantei a cabeça para poder encarar seus olhos.

— Não, vou ficar enchendo a sua cabeça até você ceder — insistiu.

Me afastei um pouquinho e ele me segurou pelo braço e tocou meu nariz de leve com o dedo indicador.

Bufei e Henrique sorriu, apertando os olhos.

— Tá, eu faço isso por você. E só para constar, você também é muito importante para mim.

Ele beijou as costas da minha mão direita em um gesto de agradecimento, como se ainda estivéssemos no século passado. Como ele pôde namorar tão pouco na vida quando tinha todos aqueles trejeitos charmosos e naturais? Acho que eu nunca iria entender.

— Então é melhor a gente se apressar, vamos arrumar as malas.

Ele revirou o guarda-roupa e tirou de lá algumas calças jeans e moletons. Dei risada ao perceber que tudo que eu tinha ali eram três peças de roupa e dois pares de sapato. Tudo insuficiente para o clima de Campos do Jordão.

— Ainda preciso passar no meu apartamento para buscar minhas roupas e um pouco de dinheiro.

Era inútil continuar adiando, cedo ou tarde eu teria que voltar lá.

— Você tem certeza?

— Tenho. Preciso encarar isso de uma vez!

Podia aparentar calma por fora, mas por dentro, só a ideia de acabar cruzando com Rodrigo novamente me atormentava.

HENRIQUE

Porque eu te amo, era isso que eu teria dito para Ana Luíza se não tivesse me segurado. Eu faria tudo para vê-la feliz e ela jamais seria um fardo para mim. Às vezes, queria não ser um total covarde. Dentro de mim, uma voz gritava para que ela soubesse o quanto eu a amava, meu peito doía, faltava ar nos pulmões.

Eu te amo, eu te amo, eu te amo.

Eu ficava repetindo o mantra até as palavras perderem o sentido. Viver sob o mesmo teto que ela por tão pouco tempo trazia-me uma sensação de tranquilidade, porque eu sentia que podia protegê-la de qualquer mal. Ninguém perturbaria sua paz enquanto eu estivesse por perto. Mas eu não poderia defendê-la o tempo todo e de tudo, por mais que quisesse. Ana Luíza não era uma criança, era uma mulher e sabia muito bem dos perigos que correria se voltasse ao seu antigo apartamento. Acabar dando de cara com Rodrigo era um risco enorme, mas inevitável.

— Como eu queria que meu prédio tivesse porteiro, assim poderia saber se ele está em casa e voltaria quando o apartamento estivesse vazio — ela comentou, assim que estacionei o carro em frente ao edifício — Saco!

— Se você quiser, eu subo — sugeri, desafivelando o cinto de segurança.

— Não, eu vou. Essa ferida ainda está muito recente, mas eu sei que ela vai cicatrizar — ela também soltou o cinto e abriu a porta do passageiro.

— Eu volto já, tá? — Eu assenti morrendo de vontade de ir atrás dela, como um cão de guarda.

Minha Ana atravessou a rua rapidamente, olhando para os dois lados e entrou no prédio.

Torci para que Rodrigo não estivesse no apartamento. Se estivesse, qualquer palavra, qualquer ofensa, poderia ser a ruína da nossa viagem.

Tamborilei os dedos nervosos sob o volante, ansioso para que ela ressurgisse.

ANA LUÍZA

Tentei controlar os pensamentos, mas era praticamente impossível. Todas as memórias ainda estavam vivas, muito vivas, tanto as boas quanto as más. Um novo *flashback* começou a passar pela minha mente. O cheiro de Rodrigo, meio amadeirado e que me remetia a tardes quentes de verão, ainda parecia muito presente assim que desci em meu antigo andar.

Pensar que algum dia cheguei a cogitar passar o resto da minha vida ali, me deu um pequeno arrepio. O apartamento ainda não estava totalmente mobiliado, mas as paredes da sala e do nosso quarto já haviam sido pintadas e tudo tinha a *nossa* cara. Cada passo em direção ao apartamento era pesado demais.

Coragem, Analu. Você precisa fazer isso!

Mexi no bolso e tirei de lá meu chaveiro, apertei a chave com força entre os dedos. De repente, ouvi uma maçaneta girar e a porta do meu apartamento se abrir em um estrondo. Corri para a escada em silêncio e desci alguns degraus para evitar ser vista. Os passos firmes de alguém podiam ser ouvidos pelo corredor, assim como as vozes emocionadas. Eu reconheci de imediato: era Rodrigo e ele não estava sozinho.

— Você disse que me amava, disse que eu era importante — a outra voz era de uma mulher e eu não precisava ver o rosto para saber quem era: Vanessa.

— Aquilo não significou nada pra mim. Nada! — Rodrigo gritou.

— Você falou todas aquelas coisas para mim e agora me trata desse jeito? Quem você pensa que é? — A raiva na voz da amante do meu ex-noivo era quase palpável.

— Não tenho culpa se você foi burra o suficiente para achar que eu estava apaixonado por você. Eu ia me casar, você conseguiu estragar tudo — Rodrigo berrava de volta para ela sem se importar se os vizinhos ouviriam.

— Estragar tudo? Eu estraguei tudo?

— Sim, você estragou tudo! — Ele cuspiu as palavras amargamente, a culpando pelo seu próprio erro. — Se você não tivesse vindo aqui na sexta

à noite, nada disso teria acontecido. Eu te avisei para nunca vir ao meu apartamento, mas você insistiu.

— Seu canalha, cafajeste — ela balbuciava com a voz nitidamente chorosa, e era possível ouvir o que pareciam tapas.

— Era para ter sido só uma vez! Nunca foi sério, eu sempre amei a Ana Luíza.

Um som estralado fez eco pelo corredor e todo o resto ficou em silêncio. Era a resposta de Vanessa, provavelmente dada de mão aberta, no meio da cara de Rodrigo. Eu não tinha mais estômago para continuar ali e sabia que, quanto mais permanecesse, mais me sentiria mal. Desci a escada o mais rápido possível, percorrendo três andares até o térreo em tempo recorde, sem me importar se alguém tinha me ouvido ou não. Cheguei a portaria em poucos segundos, jurei que jamais voltaria naquele apartamento novamente.

Entrei no carro de Henrique, batendo bruscamente a porta do passageiro.

— Vamos embora daqui! — Praticamente gritei, enquanto ouvia meu coração batendo em meus ouvidos. A última coisa que eu precisava era que Vanessa me visse ali. A adrenalina por ter descido as escadas tão depressa estava me deixando frenética.

Sem me perguntar nada, Henrique ligou o carro e saiu apressado. Antes de irmos, porém, consegui ver quando Vanessa saiu na calçada, aos prantos. Pela primeira vez em três dias, não senti raiva dela, mas pena.

HENRIQUE

Já estávamos relativamente longe do prédio quando resolvi quebrar o silêncio.

— Pelo visto não foi nada bem, né? — Tentei ser cauteloso, escolhendo bem minhas palavras.

Ela respirou fundo antes de falar.

— Foi horrível. Pensei que estivesse pronta para voltar lá e encarar isso de frente, mas não.

Mantive os olhos na estrada e coloquei uma das mãos sobre a sua.

— Como aquele canalha reagiu?

— Ele não reagiu — ela respondeu, engolindo seco. — Ele nem me viu.

Virei-me para minha esposa por alguns segundos, sem entender.

— Ele não estava em casa?

— Estava, mas não me viu — eu continuava sem entender e precisava de mais informações. Apertei sua mão com carinho, na esperança de que ela falasse alguma coisa. — Eu não entrei lá, a Vanessa estava junto com ele — explicou, visivelmente constrangida.

Assim que ela mencionou o nome de Vanessa, as peças pareciam começar a se encaixar.

— Eles estavam discutindo, gritando um com o outro no corredor — continuou.

— E eles não te viram? — Ela negou baixinho.

— Eu fiquei na escada, ouvindo tudo — Ana parecia tentar compreender as coisas ao seu próprio ritmo. Brincava com os dedos, o olhar perdido. — Ele… ele disse a ela que me amava.

Apertei o volante, não gostando nada do rumo que aquela história estava tomando. Ao notar o meu silêncio, Ana Luíza continuou.

— Vanessa se apaixonou por ele. Ele a xingou, a humilhou ali, sem se importar se alguém ouviria ou não. Não tive como não me colocar no lugar dela.

— Ele é mesmo um canalha — falei entre dentes.

— Se eu tinha alguma dúvida do caráter dele, agora não tenho mais — ela soltou em um suspiro enquanto passava as palmas das mãos pelo rosto, tentando se recompor. — Me sinto tão idiota. Me sinto suja, às vezes tenho nojo de mim mesma, só de pensar que já encostei naquele homem.

Suas palavras transbordavam sinceridade. Ela se encolheu no banco, levando os joelhos ao peito e voltando-se para a janela. Queria poder me esticar e passar a mão por seus cabelos, mas precisava manter o foco no trânsito. Só me restavam palavras para tentar confortá-la. Eu sabia quando ela não estava afim de conversa, mas me recusava a ficar calado ouvindo-a se auto desprezar daquela maneira.

— Você não é suja, muito menos idiota. Você é... — tentei buscar a palavra certa. — Você é maravilhosa, em todos os sentidos. Eu não casaria com uma mulher que fosse menos que incrível, Ana.

— E você é um puxa-saco!

Segurei uma risada debochada, porque aquele não era o momento. Mas o jeito que eu tinha certeza que ela falaria exatamente aquelas palavras, era quase engraçado.

— Por quê? Por dizer a verdade?

— Eu sei que não é verdade, sou fraca — ela falava baixo, parecendo ter vergonha até mesmo de se expressar.

Por pouco não enfiei o pé no freio ao ouvir tamanho absurdo. Respirei fundo, procurando novamente pela mão dela e entrelaçando seus dedos nos meus.

— Como você pode achar que uma mulher que encara uma festa de casamento de cabeça erguida, menos de vinte e quatro horas depois de ser pegar o noivo na cama com outra é fraca?

Ela se remexeu no banco, visivelmente desconfortável. Quando Ana Luíza tentou quebrar nosso contato mais uma vez, segurei-a com firmeza.

— Eu não fiz nada — ela resmungou chorosa. — Se não fosse por você, eu teria passado o sábado inteiro na cama, me debulhando em lágrimas.

— Eu só te dei um empurrãozinho — falei em tom divertido, tentando trazer minha esposa alegre e sorridente de volta.

— Você foi meu alicerce o tempo todo, Rick! Não teria conseguido sem você, eu já disse.

— Você é uma fortaleza, meu amor, e precisa acreditar nisso — o apelido escapou de meus lábios totalmente sem querer, mas ela pareceu não notar. Não me apeguei ao fato, porque tinha a missão de fazê-la acreditar em si mesma, e isso era o mais importante no momento.

Liguei o rádio tentando cessar a sensação incômoda de aparente derrota que ela estava sentindo. Troquei de estação até chegar a uma música que eu sabia que ela gostava. As primeiras batidas de Garotos II de Leoni estavam tocando e, coincidentemente, as palavras do cantor diziam muito a respeito de meus sentimentos por ela. Comecei a batucar no volante tentando acompanhar o ritmo e desafinei cantando parte da letra:

— *Seus olhos e seus olhares, milhares de tentações…*

Pelo canto do olho percebi uma leve alteração nas feições de minha esposa. De decepção e tristeza, aquele semblante tão lindo começou a ter um toque de leveza, e ela até arriscou um pequeno e tímido sorriso. Ana aumentou o volume e logo estávamos nós dois cantando o refrão.

— *Garotos não resistem aos seus mistérios, garotos nunca dizem não, garotos como eu, sempre tão espertos, perto de uma mulher, são só garotos…*

Com tudo de volta em seu devido lugar, nossa viagem prosseguiu sem sobressaltos e um clima bem melhor tinha se instalado no ambiente. As músicas continuavam, uma após a outra sem parar. Mas um outro pedaço da canção que compartilhamos minutos antes ainda ecoava em minha cabeça, como um sinal divino. O trecho sobre as armadilhas de se estar apaixonado por uma mulher a ponto de não se importar consigo mesmo e deixar que o sorriso dela mastigue meu corpo e juízo era tão real, que mais parecia que o acaso estava fazendo piada com a minha cara.



CAPÍTULO 8

ANA LUÍZA

Assim que saí do carro, uma brisa gostosa passou por mim, deixando bem claro que estávamos finalmente em Campos do Jordão. Dei um longo suspiro, já entendendo que aqueles dias ali me fariam muito bem.

Passava de uma da tarde quando chegamos ao hotel que Henrique escolheu. A arquitetura do lugar era moderna e atual, com enormes janelas de vidro, que certamente proporcionavam uma vista maravilhosa. A recepcionista que nos recebeu era muito simpática e, com um sorriso no rosto, entregou a chave do quarto a Henrique, explicou como chegávamos aos aposentos e nos desejou boas-vindas.

— Tomara que você goste do nosso quarto — meu amigo disse animado. Ele carregava sua mochila preta com tudo que trouxe em uma das mãos e brincava com a chave do dormitório na outra. Girou a maçaneta fazendo suspense e acabei rindo de sua animação.

O ambiente era bem aconchegante, com detalhes em madeira e duas camas de solteiro incrivelmente espaçosas. Esparramei-me em uma delas, esticando totalmente o corpo.

— Fiz questão de reservar um quarto com duas camas — ele ressaltou.

— Não me importo de dividir cama com você — comentei, sentindo meu rosto queimar.

— Nem eu, mas achei que você precisava de espaço.

O cansaço tomou conta do meu corpo e tive vontade de me enroscar nos lençóis confortáveis, virar para o lado e dormir, mas minha barriga começou a roncar. Me dei conta que não comia nada há algumas horas.

— Está com fome? — Henrique perguntou, parecendo ler meus pensamentos.

— Um pouco — menti, eu estava faminta.

— Vem, vamos comer — ele estendeu a mão e eu a peguei, saltando da cama.

Organizamos algumas coisas no quarto e descemos juntos para o restaurante do hotel.



— Vou ter que dar um jeito nisso — bufei apontando para a minha calça machada de molho de tomate, que eu tinha acabado de derramar. — Como se não bastasse eu estar usando as suas roupas, ainda sujo as minhas.

Para variar, eu estava usando uma das blusas de Henrique com as mangas dobradas, para disfarçar o quanto ficavam grandes em mim.

— Você fica ótima usando minhas roupas — ele deu de ombros, enquanto ria entre uma garfada e outra.

— Eu preciso fazer umas compras, pelo amor de Deus! — Exclamei. — Se a previsão do tempo estiver certa, os próximos dias serão frios e eu não tenho nem um casaco aqui.

— Eu te empresto minhas calças também, vão ficar enormes, mas dá para esquentar.

Ri de nervoso.

— É sério, vou dar uma volta por aí e ver se encontro alguma loja onde eu possa comprar pelo menos uma blusa de frio. Vou até Vila Capivari, é rápido — expliquei, ansiosa para conhecer aquele bairro de Campos de Jordão, que deveria ser lindo.

— Eu vou com você — Henrique deu um longo gole, finalizando seu suco.

— Não quero te arrastar até lá, pode ficar aqui no hotel se preferir.

— Não tem a menor graça ficar aqui sem você. Vamos, vai ser divertido! — Ele piscou maroto, enquanto limpava a boca no guardanapo de pano.

— Só se você me deixar dirigir — dei um sorriso quase infantil e ele retribuiu. Às vezes, parecia que vibrávamos na mesma sintonia.

Chegamos ao Centro Turístico de Capivari em menos de vinte minutos. O estilo europeu das casas, combinado ao clima fresco, era o convite que os turistas precisavam para lotar as ruas da cidade. E eles, ao que parecia, aceitaram de bom grado.

— Aqui é tudo tão bonito, parece até que estamos em outro país — Henrique espiava pela janela e não continha sua animação.

Observei-o no banco do passageiro, maravilhado com a cidade.

— E pensar que nem saímos do estado de São Paulo — olhei pela minha janela para admirar a arquitetura das casinhas, que era realmente de cair o queixo. Algumas até pareciam ser feitas de doces, como em João e Maria.

— Pois nós iremos sair, linda! Nós vamos conhecer esse Brasil inteiro, vamos viajar por todo o país e depois vamos para o exterior — Henrique dizia, empolgado. — Esse mundo é grande demais e temos muito lugar para visitar ainda.

— Eu sempre quis ir para Paris, Milão, Barcelona. Fazer um tour pela Europa!

Inevitavelmente, pensei em Rodrigo e em como ele sempre dizia que não gostava de viajar, que preferia mil vezes ficar em casa. Afastei os pensamentos daquele que havia me machucado tanto e voltei minha atenção para Henrique.

— Eu sempre quis conhecer a Ásia — ele confessou sonhador. — Mas preciso aprender a comer de hashi urgentemente para quando formos para lá — eu ri com ele. — Promete pra mim, Ana? Promete que nós ainda vamos viajar muito juntos?

Ele estendeu o dedo mindinho, selando a promessa silenciosa, tão conhecida por nós.

— Prometido! — Falei com firmeza, como se assinasse um contrato, enquanto enroscava meu dedo no dele.

Estacionei o carro próximo a um dos shoppings, torcendo para encontrar alguma roupa bonita e barata, e saí em busca de alguma loja de departamentos.

Acabei, por fim, entrando em uma malharia e comprei algumas poucas roupas que usaria nos próximos dias. Eu não podia renovar o meu guarda-roupas inteiro. Mesmo contra a minha vontade, eu precisaria voltar

ao meu apartamento, pegar minhas coisas e pôr um ponto final naquela história toda.

"Não posso fugir do Rodrigo para sempre. Não posso morar com Henrique para sempre."

Fiz uma nota mental para pesquisar aluguel de apartamento assim que pudesse. Saí da loja e vi Henrique sentado na mesinha de uma cafeteria. Ele acenou para que eu me aproximasse, sentei-me de frente para ele e coloquei as sacolas no chão. Meu amigo tinha uma xícara nas mãos e uma segunda xícara estava sobre a mesa.

— Você precisa experimentar esse chocolate quente, sério! — Henrique me ofereceu a xícara que estava sobre a mesa.

— Você pediu um chocolate quente para mim?

— É claro, esse é um dos melhores que eu já provei e nem me venha com o papo de que é tudo igual.

Segurei a xícara entre os dedos e assoprei, temendo queimar a língua. Dei um gole e saboreei o gosto do chocolate meio-amargo misturado ao chantilly.

— Meu! Deus! Do! Céu! — Soltei pausadamente, enquanto absorvia o sabor indescritível. — Isso é muito bom.

— Eu disse — ele deu de ombros, convencido.

— Nós precisamos da receita — suspirei, bebericando o chocolate.

— Nada que uma busca no Google não resolva, vamos fazer esse chocolate quente todos os dias.

Ri de sua animação.

— Vamos ficar enjoados de tanto chocolate — brinquei.

— Todos os sábados então. Vai ser o nosso dia oficial do chocolate quente, que tal?

— Gosto da ideia.

Brindamos com nossas xícaras e ficamos jogando conversa fora pelo resto da tarde. Passeamos pelo centro turístico e tiramos algumas fotos. Quando nos demos conta, o sol já estava se pondo, iluminando toda a cidade com um tom alaranjado, deixando-a ainda mais bonita. Assim que os últimos raios tocaram meu rosto, ouvi um clique vindo do celular de Henrique. Virei-me para ele no mesmo instante.

— Você tirou uma foto minha?

— Qual o problema? — Ele nem disfarçou.

— Você sabe que eu não gosto de tirar fotos.

— Por quê? Você é tão linda!

Senti minhas bochechas esquentarem com o comentário. Nunca gostei de tirar fotos, pois sempre achei que não saía bonita ou mesmo natural nelas.

— Não me acho muito fotogênica, só isso.

— Não sei de onde tirou isso, você é linda. É a mulher mais linda que já conheci.

A maneira como Henrique sempre me elogiava era tão singela, que genuinamente me trazia paz ao coração. Ele ajeitou uma mecha do meu cabelo que caía em meu rosto, colocando-a atrás da orelha. Seu toque era tão macio que parecia que ele tinha medo de encostar em mim. De repente, um clima estranho pesou sobre nós e eu me levantei para caminhar de volta ao carro. Sem dizer uma palavra, meu melhor amigo veio logo atrás de mim.

De volta ao hotel, a noite já havia caído e em meia hora o jantar seria servido para os hóspedes. Subimos para o quarto e Henrique decidiu tomar um banho antes de comermos. Apesar de ser errado, a curiosidade tomou conta de mim quando vi que seu telefone havia ficado jogado sobre a mesa de cabeceira. Eu queria muito ver como tinha ficado a foto que ele havia tirado, então desbloqueei o aparelho com sua data de nascimento e fui direto para a galeria. Lá estava eu, os olhos semicerrados, a luz dourada do sol em meu rosto e meus cabelos bagunçados pelo vento. Quem diria que, além de tudo, Henrique também era um bom fotógrafo?

HENRIQUE

Talvez tenha sido uma fraqueza minha, mas não resisti. Aquela foto sem dúvidas era uma das mais bonitas que eu já havia tirado. Ana estava totalmente à vontade, os raios de sol em seu rosto, a brisa em seu cabelo, tudo nela combinava perfeitamente e eu guardaria o registro daquele momento tão nosso para sempre.

Saí do banho só com a toalha enrolada na cintura e me deparei com ela sentada em sua cama, mexendo nas suas sacolas de compras.

— Nem acredito que finalmente vou usar outra calça — disse ela, estendendo uma calça preta que havia comprado e eu ri.

— Pelo visto, a senhora não vai mais precisar das minhas camisetas emprestadas ou meus chinelos enormes.

— Não mesmo, mas obrigada — ela se levantou e caminhou em minha direção, ficando a praticamente três passos de distância de mim. — Obrigada por ter me trazido até aqui e por ter me emprestado suas roupas. Você é mesmo um anjo, meu anjo da guarda! — Ela agradeceu meio sem jeito, comprimindo os lábios por alguns segundos, como se não soubesse o que dizer a seguir.

Hesitei em encará-la por um momento, temendo que meus olhos denunciassem tudo o que eu sentia.

— Não foi nada, de verdade! Eu teria feito muito mais se pudesse — dei um passo à frente, encurtando a já pequena distância entre nós e passei a mão na minha própria nuca, que já tinha gotículas de suor. Aquele quarto não estava quente, mas eu já estava em chamas há muito tempo.

Ela arrumou alguns fios de cabelo atrás da orelha e juntou as mãos em frente ao seu colo, me olhando com um sorriso leve no rosto e o silêncio se instalou. Não sei o que estava acontecendo, mas esses momentos entre nós estavam se tornando diferentes. Naquela mesma tarde, depois de tirar a foto, a mesma sensação havia surgido. Uma vontade incontrolável de tocá-la, de abraçá-la e por mais errado que fosse, não resisti e me aproximei ainda mais, tocando seu rosto. Nossos olhares presos um no outro.

"Pare com isso, seu idiota! Você precisa aprender a se controlar."

Às vezes, meu desejo parecia querer transgredir os limites do meu corpo e eu acabava perdendo o controle.

"Você sempre será o melhor amigo dela, Henrique. O melhor amigo e só!"

Pensamentos tóxicos, que machucavam meu coração, mas me traziam de volta a realidades não paravam de rondar minha cabeça.

— Bom, então eu acho que é melhor eu tomar um banho também — Ana finalmente cortou o silêncio constrangedor e deu um passo para trás. — Se importa de esperar um pouco?

— Claro que não, pode ir.

Ela pegou algumas roupas e entrou no banheiro. Deitei na cama e tentei controlar a respiração. Algum dia, eu acabaria enlouquecendo.

"Por que você não consegue perceber, Ana Luíza?"

ANA LUÍZA

Tinha algo no ar. Algo que me fazia ficar sem graça perante nossa falta de palavras. Desde o momento que ele me tocou naquela tarde, alguma coisa mudou em mim.

"O que está acontecendo comigo?"

Deixei a água morna do chuveiro cair sobre minhas costas, tentando relaxar. Optei por colocar algumas das roupas que havia comprado naquela tarde: uma blusa de manga longa vermelha, uma calça preta e uma sapatilha da mesma cor. Amarrei os cabelos em um rabo de cavalo e saí do banheiro. Henrique estava de costas, mexendo no celular.

— Estou pronta.

Ele virou-se em minha direção e esboçou um sorriso.

— Está linda, como sempre.

— Fiz o melhor que pude — disse tímida, dando de ombros.

Encarei meus sapatos, eu estava me sentindo renovada de fato. Nem usava maquiagem, mas naquele momento não me importava.

— Vamos? — Como um príncipe, ele estendeu o braço para mim.

— Vamos — respondi, me enroscando nele de bom grado. Para quem olhasse, era impossível não imaginar que não éramos um casal.

Descemos a escada, rumo ao restaurante. Por ser um hotel de apenas um andar, o elevador quase nem era usado. Tratava-se de um lugar belíssimo, em uma localização estratégica da cidade. As janelas enormes nos davam um panorama de tirar o fôlego. De dia era possível ver as árvores, algumas casinhas e claro, as colinas no horizonte, que pareciam infinitas e combinadas ao céu azul, lembravam uma pintura delicada.

— Por que você escolheu este hotel? — Perguntei curiosa, quando já ocupávamos uma mesa no centro do restaurante.

— Achei que a localização era muito boa — ele disse dando de ombros. — Podemos ir para qualquer lugar facilmente e, além disso, estamos bem perto do centro turístico da cidade.

— É realmente um belo lugar — falei, dando um gole no refrigerante que eu tinha acabado de pegar. — E a comida daqui? Maravilhosa! — Comíamos um risoto que eu podia jurar que fora feito por deuses.

Henrique sorriu em silêncio, dando uma garfada em sua comida.

— Mas não se preocupe, a sua omelete com queijo é a número um no meu coração, lado a lado com o strogonoff da minha mãe — brinquei e ele riu alto.

— Fico feliz em ouvir isso, eu não sou exatamente um mestre na cozinha.

— Seria demais também, né? Bonito, gentil, cavalheiro e ainda por cima, bom cozinheiro? Tinha que ter algum defeito — sorri pra ele. Não era só porque éramos amigos de longa data, mas Henrique era um baita partido. Uma injustiça que ele mesmo não soubesse disso.

Ele sorriu tímido e coçou a testa sem jeito, o que me arrancou um riso.

— Vou sentir sua falta quando eu me mudar — confessei.

— Se mudar? — Ele me perguntou, franzindo a testa, já sem o sorriso nos lábios.

— Claro, preciso refazer a minha vida.

Henrique ficou pensativo por um instante, levando uma porção de risoto à boca.

— Por favor, não pense que isso tem a ver com você. Só Deus sabe o quanto me ajudou, serei grata a minha vida inteira.

Ele se mexeu na cadeira, visivelmente desconfortável.

— E o que você pretende fazer?

— Bem, eu não sei direito. Vou dar uma pesquisada, uma volta pelo centro, quem sabe encontro alguma quitinete para alugar. Seria bom morar um pouco mais perto do meu trabalho, para variar.

— Tem certeza de que não quer ficar no meu apartamento um pouco mais? Afinal, aquele lugar é um pouco seu também, acho que no fim das contas, me acostumei em ter você andando para lá e para cá com as minhas roupas — riu, sem desviar o olhar de mim.

Senti-me lisonjeada ao ouvi-lo dizer aquilo.

— Tenho. A última coisa que eu quero é atrapalhar você de algum modo — ele abriu a boca para protestar mas o contive. — Eu sei que você diz que eu não atrapalho, mas esse é um passo que eu preciso dar. Fiquei presa a um homem por muito tempo, dividi um apartamento por quase um ano com outra pessoa, por três anos esqueci o que significava ser livre. Depois de tudo, preciso reaprender muita coisa. Preciso me redescobrir, sozinha — Henrique concordou com a cabeça, eu podia sentir que, em seu coração, ele não pensava igual a mim. — Por favor, não se sinta mal. Você é importante demais para mim!

— Não, você está certa. Tem toda razão, Ana, precisa fazer isso por você.

Dei um suspiro de alívio e apoiei os braços sobre a mesa o encarando. Ele pegou a minha mão e a segurou com força. Meu coração deu uma palpitada mais forte e eu não entendi nada, mas de uma coisa eu tinha certeza: sentiria muita saudade de dividir os dias com ele.

— Eu só… vou sentir sua falta. Só isso!

— Eu também vou sentir a sua, muita.

— Nem consigo imaginar o quanto aquele apartamento vai ficar vazio sem você — ele murmurou, soando um pouco triste. — Só sei que esses poucos dias que passamos juntos, apesar das circunstâncias, foram os melhores da minha vida.

— Para mim também! — Confessei sincera. — Eu nunca tinha dividido apartamento com nenhum amigo, nem nos tempos de faculdade. Você me ensinou demais!

— Só temos um problema — ele disse sério.

— Qual? —Perguntei preocupada.

— Se você se apaixonar de novo, terá que pedir nosso divórcio — explodimos juntos em uma gargalhada alta.

— Não acho que vou me apaixonar de novo tão cedo — constatei, depois que consegui parar de rir.

— Você merece, Ana. Merece ser feliz com alguém!

— Você também, Rick. Merece demais ser feliz com alguém especial — dei um longo suspiro. — Quanto a mim, acho que preciso reaprender a ser feliz comigo mesma primeiro.

— Não esqueça que nós vamos nos encontrar toda semana para tomar nosso chocolate quente com chantilly juntos.

— Todo sábado, sim senhor.

— Promessas de mindinho não podem ser quebradas, hein? — Ele piscou divertido.

Henrique sempre foi parte da minha rotina, mas nem quando dormíamos um na casa do outro na época da escola ou durante o período mais sombrio da vida dele, tínhamos estado tão próximos como naqueles últimos três dias. Uma coisa era ver meu amigo na sala de aula, conversar com ele e convidá-lo para as minhas festas do pijama. Outra, totalmente diferente, era conviver com ele durante quase vinte e quatro horas. E, mesmo depois disso, continuar o admirando, como eu admiraria facilmente um parceiro. Meu Deus, como eu era sortuda por tê-lo na minha vida, no

meu dia a dia. Seria difícil ir embora de seu apartamento, mas era necessário.

— Não se esqueça que a regra do divórcio também se aplica ao senhor — voltei a chamar sua atenção.

Henrique deu de ombros.

— Estou longe disso, eu acho — tossiu um pouco. — Vou demorar para me apaixonar.

Notei seu olhar levemente cabisbaixo.

— Pois eu acho que quando você se apaixonar será para sempre — alcancei sua mão e a segurei firme, do mesmo modo que ele sempre fazia comigo. — Seja lá quem for, será uma mulher de muita sorte!

A mão de Henrique era sempre quente, eu sentia uma eterna sensação de conforto ao entrelaçar nossos dedos. Nossas alianças estavam praticamente se encostando e por um momento, pensei que sentiria falta daquela sensação também.

Próximo às mesas, havia um piano belíssimo que chamava a atenção de todos os hóspedes. Algum tempo depois do jantar, as pessoas ainda estavam sentadas em suas mesas desfrutando de um café ou uma sobremesa e um dos funcionários do hotel, um senhor de cabelos grisalhos, *smoking* preto e sorriso acolhedor se aproximou e se sentou junto ao instrumento.

— Senhoras e senhores, essa canção é para todos os apaixonados.

Logo que começou a tocar, reconheci imediatamente a melodia de *Listen to Your Heart*, de Roxette. Olhei para Henrique de soslaio, enquanto o homem tocava as notas da canção. Percebi discretas lágrimas em seus olhos e senti um calafrio passar pelo meu corpo. O senhor tocou a música de maneira belíssima e foi aplaudido por todos no recinto.

— Minha mãe amava essa música, era uma de suas preferidas — Henrique murmurou e eu estendi minha mão para limpar suas lágrimas.

HENRIQUE

As lágrimas não eram só pela lembrança agridoce de minha mãe. Eram por mim. Quando aquela música começou a encher o ambiente, sentia como se tivesse levado um tapa na cara. A letra da canção que minha mãe cantava sempre, de repente ganhou um novo significado. Dizem que depois que você cresce, começa a entender as letras das músicas românticas e aquela dizia para ouvir o chamado do seu próprio coração. Ficou tudo muito claro

para mim, o amor da minha vida estava querendo ir embora e eu estava deixando-a ir, sem nem dar a ela a opção de ficar.

— Minha mãe amava essa música, era uma de suas preferidas.

Limpei as lágrimas que teimavam em surgir. Analu percebeu e estendeu gentilmente a mão em minha direção em amparo, me ajudando a enxugar minhas bochechas.

— Eu sei! É uma linda canção.

Coloquei as mãos no rosto, me afastando do toque dela. Isso ainda ia acabar comigo.

— É melhor a gente ir para o quarto — ela disse, levantando-se.

— Desculpa por isso — sequei meus olhos na manga do casaco. — É que ainda dói demais!

— Não tem nada que se envergonhar — minha esposa me abraçou pela cintura e eu dei um beijo no topo de sua cabeça. Mal sabia ela o quanto aqueles pequenos toques eram o que me faziam seguir com meus dias.

Fomos os últimos a deixar o restaurante. Subimos pela pequena escada que levava ao primeiro andar e, assim que entramos no dormitório, fui direto para o pequeno banheiro integrado com a desculpa que precisava lavar o rosto.

Fechei a porta e encarei meu reflexo no espelho.

— Você é um covarde — sussurrei para mim mesmo.

Desde o casamento, ficar perto de Ana Luíza havia se tornado muito mais difícil. Por um tempo, achei que tivesse seguido em frente, mas não. Não superei, e talvez levasse anos até conseguir, ou talvez nunca fosse capaz. Mas eu precisava! Se não fizesse isso, jamais poderia ser feliz com outra mulher. Não conseguiria seguir com a minha vida e acabaria louco e sozinho. Não podia tê-la, mas também não queria perdê-la.

"Quando você se apaixonar, será para sempre."

Mal conseguia encarar a realidade tão irônica e dolorosa por trás daquela simples frase. Não queria ficar preso a um amor impossível, ao mesmo tempo que tinha certeza que aquela chama nunca se apagaria em meu coração.

— Supera isso, cara. Agora ela vai retomar a vida dela e você a sua — mais uma vez sussurrei, para que ela não me ouvisse.

Lavei o rosto com a água gelada que saía da torneira. Onde quer que meus pais estivessem, eles com certeza, não tinham orgulho nenhum de mim.

Os dias que passamos juntos, o casamento, tudo parecia parte de um sonho e eu não queria acordar. Tudo foi bom demais, mas estava prestes a acabar, e eu não podia fazer nada para impedi-la de partir.

Assim que saí do banheiro, Ana estava usando a camisola preta que comprara mais cedo.

— Você está bem? — Ela me perguntou, genuinamente preocupada.

— Sim. Estou bem melhor, obrigado.

— Nunca se esqueça do que eu te disse. Seus pais com certeza têm muito orgulho de você, onde quer que estejam. Tenho certeza que eles guardam você o tempo todo.

— Não tenho tanta certeza assim — falei, engolindo seco.

Sentei na cama e tirei os sapatos.

— Todos nós temos anjos da guarda, Rick. Você tem seus pais, eu tenho você.

Dei um longo suspiro. Agarrei o lençol, tentando dissipar a vontade de gritar.

— Amanhã vamos sair para algum lugar? Não quero passar o dia no quarto — falei, tentando abafar os pensamentos insistentes.

— Que lugar?

— Não sei, tem tantos lugares para irmos, prometo que vou escolher um bem especial.

— Tenho certeza que sim.

Temendo que aquele silêncio constrangedor tomasse conta de nós novamente, encerrei a conversa:

— Boa noite, Ana.

— Boa noite, Henrique.

Com as luzes já apagadas, troquei de roupa e me enrolei no lençol até adormecer.



A porta do quarto se abriu lentamente e um vento frio me atingiu quase de imediato. Meus ossos pareciam congelar. Vi duas silhuetas se aproximando de mim, mas por algum motivo não senti medo, de repente vislumbrei seus rostos e toda minha sanidade pareceu se esvair.

— Mãe? Pai?

Meus pais se materializaram nas silhuetas e sorriram para mim.

— Henrique — meu pai parecia ter dificuldade para falar meu nome. — Henrique, estamos preocupados com você, meu filho.

Eu estava em choque, não conseguia dizer nada. Por tanto tempo pedi aos céus uma oportunidade de ver meus pais novamente, de falar com eles, mesmo sendo impossível. Mas agora, era incapaz de emitir um único som.

— Você sabe o quanto amamos você, filho. Mas estamos muito preocupados.

Me belisquei mas não senti dor alguma, eles estavam no meu sonho.

— Você se esqueceu de ouvir seu coração, filho — minha mãe dizia com a voz carregada de ternura. — Você a ama, meu filho. Você a ama tanto.

Olhei para Ana Luíza que continuava a dormir suavemente na cama ao lado, tão distante de mim.

— O que eu posso fazer, mãe? — Finalmente algumas palavras saíram.

— Não tenha medo, filho. Ouça seu coração!

Acordei em completo estado de torpor, com as palavras de minha mãe em eco na minha cabeça.

Ouça seu coração. Ouça seu coração. Ouça seu coração.

Senti minha camiseta molhada de suor. Em meu peito, meu coração batia rapidamente. Peguei o celular na mesa de cabeceira ao lado da cama e chequei o horário: 03:23.

Senti como se eu tivesse acabado de passar por uma espécie de transe. Estava tremendo. Tentei dormir novamente, mas era inútil.

Você a ama, você a ama tanto.

Não poderia haver sinal mais claro. Ana deveria saber, ela precisava saber. Agora, mais do que nunca, eu sabia o que precisava fazer e independente das consequências, eu o faria.

Sonhar com meus pais foi como tomar um balde de água fria na cara e ser posto ao relento em seguida. Sempre gostaram tanto dela, que a consideravam como uma filha, e ela também tinha um carinho imenso por eles. Nunca contei a nenhuma alma sobre meus sentimentos por Ana Luíza, mas agora com aquele sonho, de algum modo, era óbvio que meus pais sempre souberam o quanto a amava, desde criança.

Dizem que, quando se ama alguém, os olhos não deixam mentir. Se isso era verdade, então meus olhos sempre foram como duas janelas para o que eu sentia no peito. Mesmo assim, aprendi a engolir o sentimento e guardar a sete chaves qualquer sonho de tê-la na minha vida, em uma gaveta no fundo do coração. Era melhor assim, preferia tê-la ao meu lado como uma amiga do que perdê-la por conta de um sentimento imprudente.

Levantei-me da cama e caminhei até a varanda do quarto. Puxei a porta de correr e sentei-me no chão gelado. Encarei o céu da madrugada e notei algumas estrelas brilhando. Sorri, fazia tanto tempo que não via estrelas. Novamente, a imagem de meus pais ocupou minha mente e pensei que ambos estavam me observando lá do alto, em algum lugar.

Repassei toda a minha vida como um filme em minha cabeça. A sensação que eu tinha era que amar Ana Luíza sempre fora tão normal para mim quanto respirar. Éramos crianças quando nos conhecemos, mas quando pensava em nós, ainda crianças, correndo e brincando juntos, segurando a mão um do outro, não me lembrava de como eu era antes de amá-la. Se fosse possível, juro que abriria meu peito com minhas próprias mãos e arrancaria aquele sentimento fora.

Apoiei minhas costas na porta de vidro atrás de mim e respirei fundo, sem jamais tirar os olhos do céu. Senti um movimento e a porta se abriu. Ainda de pé, Ana se inclinou para também poder admirar a imensidão azul à nossa frente.

— Olhando assim para o céu, parece até que está pensando em alguém — ela disse e eu sorri.

— Eu não tô pensando em ninguém, só estou apreciando a vista — respondi sério. Ela se sentou no chão ao meu lado. — Posso saber o que a senhora está fazendo acordada?

— Despertei e vi que você estava sentado aqui, vim fazer a mesma pergunta.

— Não consigo pegar no sono.

— Está tudo bem com você? — Ana perguntou, encostando a cabeça em meu ombro.

— Claro. Tive um sonho estranho, só isso — ela me encarou com seus enormes olhos curiosos e eu sorri, entendendo que ela queria muito saber sobre o sonho — Eu… sonhei com meus pais.

Ela soltou a respiração que estava segurando.

— Quer conversar sobre isso?

Falar sobre o sonho que eu tinha acabado de ter seria minha ruína completa. Era me declarar para ela de peito aberto. Apesar do pedido de minha mãe, o medo ocupava minha mente de novo. Respirei fundo e neguei com a cabeça.

— Se quiser conversar, só lembra que eu estou aqui, tá? — Ela cutucou me costela com o cotovelo.

— Como se eu pudesse esquecer — murmurei.

Encaramos novamente os pontos brilhantes no céu e observamos o amanhecer chegar pouco a pouco, fazendo com o azul escuro desse espaço para novas nuances. Ao mesmo tempo que eu pensava que era incrível como o sol chegava minuto a minuto, parecia que ao lado dela, a noite nunca tinha fim.

— No que você está pensando? — Perguntei, na tentativa de quebrar o silêncio.

— Tantas coisas — ela disse, ajeitando o corpo ao sentar de pernas esticadas e encostando a cabeça contra a porta também. — Lembrando de como a minha vida era diferente, como tudo mudou tão rápido. Lembrando de quando te conheci na infância, de como a gente sempre foi tão unido na adolescência, estou pensando em tudo. Até os professores diziam que a gente vivia grudado, alguns até diziam que a gente mais parecia um casal — ela recordou, rindo nostálgica. — Lembra disso?

— Claro, seu primeiro namorado até me odiava, nem olhava na minha cara.

— O Theo não era ciumento só com você, ele era assim com todo mundo. Por isso mesmo que terminei com ele. Foi meu primeiro beijo e nada mais — explicou, dando de ombros. — A Manuela, sua primeira namorada, também não ia muito com a minha cara.

Lembrava-me perfeitamente do motivo que fez com que Manuela e eu terminássemos definitivamente. Não foi só uma vez que ela gritou que não era com ela que eu deveria estar. No fundo, ela sempre soube que era Ana Luíza quem ocupava meus pensamentos e meu coração.

— Eu também não gostava muito dela, se você quer saber — Ana soltou uma risadinha tímida.

— Jura? Por quê? — Perguntei, chocado com a revelação.

— Sei lá, nunca achei que ela combinava muito com você. Fora que ela era super arrogante! — Dei uma risada alta.

— E na minha opinião o Theo sempre foi um babaca. Comemorei por dentro quando vocês terminaram.

Ela deu um tapinha em meu braço rindo. Eu realmente comemorei quando ela terminou com ele, não só por ele não merecê-la, mas também porque no fundo, uma chama minúscula de esperança se acendeu, a esperança que um dia ela me notasse.

— Acho que fiquei com o Theo mais por medo da solidão do que por outra coisa. Coisa de adolescente, sabe como é, né?

Acenei positivamente com a cabeça.

— E com o Felipe? — Perguntei, esforçando-me para lembrar do nome de seu segundo namorado.

— Com o Felipe tudo foi diferente, ele era gentil, nunca teve ciúmes de mim. Foi a primeira pessoa que amei de verdade. É engraçado que, com o Théo, eu nunca tinha imaginado uma vida de casada nem nada do tipo, era só aquilo mesmo. Mas com o Felipe, cheguei a pensar em casar, formar família, até mesmo quando ele se mudou para o litoral, a gente continuou juntos. As coisas só mudaram quando ele foi para o Rio fazer faculdade e o namoro esfriou. Eu tinha acabado de começar a faculdade também e nós achamos melhor terminar.

— Esse aí era gente boa. Lembro que ele sempre te tratou bem!

— Sim, terminamos numa boa também. Depois dele, passei um bom tempo solteira até que conheci o Rodrigo e tive certeza que ele era o cara certo — ela falou, e notei o ressentimento ainda latente em sua voz. — Eu lembro que na época que eu estava com o Felipe, você namorava com a Taís, que era nossa colega de classe desde a quinta série — Ana mudou de assunto rapidamente.

— Sim, ficamos juntos por uns dois anos, eu acho.

— Ela sempre te mandava cartas no dia dos namorados quando tinha correio elegante na escola, mas nunca assinava.

— Era minha admiradora secreta — brinquei rindo. — Descobri que ela era quem me mandava as cartas por acidente, quando peguei o caderno dela emprestado e acabei reconhecendo a letra.

— E por que vocês terminaram?

— Ela arranjou um emprego e me disse que estava gostando de outro cara, que trabalhava com ela — dei de ombros.

— Foi seu primeiro coração partido?

— Acho que sim — menti.

Meu primeiro coração partido tinha sido a própria Ana Luíza, mas como eu revelaria isso? Antes mesmo que eu pudesse saber o que significava ter um coração partido, eu já tinha o meu despedaçado por ela. E nenhum término jamais me atingiu da mesma forma do que tê-la tão perto e tão longe de mim ao mesmo tempo.

— Mas no fim, acho que as coisas saíram bem para ela. Soube que ela e o tal cara se casaram algum tempo depois.

— Sabe do que eu lembrei agora? Das vezes que a gente ia em grupo para a praia e acampava na areia. Nossos finais de semana sempre eram inesquecíveis naquela época.

— Eram mesmo.

— A gente era feliz, né? — Sua voz nostálgica e um pouco melancólica me levou de volta para aquela época já tão distante. — Primeiras vezes, sem contas a pagar, sem preocupações.

Era impossível pensar em minha adolescência e não lembrar da tragédia. Engoli em seco, para evitar que as lágrimas viessem.

— Foi logo depois de terminar com a Taís que o acidente aconteceu. Você era a única pessoa lá comigo, a única que juntou os meus cacos, quando eu estava sem chão. Acho que nunca te agradeci direito por isso — segurei sua mão e beijei. — Obrigado por não ter me deixado desistir.

— Você também nunca me deixou desistir. Nem quando eu quis jogar tudo para o alto e gritar até enlouquecer. Você ficou do meu lado nos piores e melhores momentos da minha vida. Jamais desistiria de você.

— Eu também nunca desistiria de você!

Ela encostou novamente a cabeça em meu ombro e senti o cheiro doce de seu cabelo. Era uma sensação indescritível que fazia meu coração bater forte no meu peito, poderia dormir sentindo aquele aroma de flor todos os dias.

— Sabe o que eu acho? — Minha esposa perguntou, voltando-se para o céu novamente. — Acho que a Dona Lorena e o Seu Eduardo estão olhando pra você neste momento, lá do alto.

— Eu penso nisso. Só não sei dizer se eles sentem orgulho do que assistem.

Senti um arrepio ao dizer isso.

— E por que não sentiriam? Eles criaram uma pessoa incrível.

— Sei lá. Às vezes me acho fraco, medroso.

— Pois saiba que, se algum dia eu tiver filhos, eu vou querer que eles sejam exatamente como você.

— Chorões? — Perguntei, secando mais uma lágrima quente na minha bochecha gelada.

— Não, bobo — minha amiga passou sua mão suavemente por meu rosto. — Bons, puros e lindos por dentro e por fora.

Em questão de um segundo, voltei para o instante na igreja em que o padre nos declarou oficialmente casados e me lembrei do exato desejo que tive vendo-a diante de mim. Eu quis beijá-la mais que tudo. E numa espécie de déjà-vu, eu estava ali diante dela de novo, com meus olhos cravados em seu rosto de anjo, com a mesma vontade latente. Queria puxá-la em minha direção e encostar seus lábios nos meus, apenas pra ter certeza que eram tão doces como eu imaginei uma vida inteira. Invés disso, me concentrei em responder:

— E se algum dia eu tiver filhos, eu vou querer que eles sejam como uma mulher maravilhosa que eu conheço — declarei, desviando de seu olhar. — Fortes, resilientes e capazes de serem gentis, mesmo após sofrerem tanto.

— Posso saber que mulher é essa? — Perguntou, tão próxima de mim que seria fácil encostar em seus lábios com um mínimo movimento. Sua respiração quente batia em meu rosto e pela primeira vez desde o turbilhão que se instaurou em sua vida, ela parecia verdadeiramente calma e relaxada. Seu tom de voz estava tranquilo, ao contrário de todas as minhas sensações. Meu coração batia tão forte que eu podia sentir um zumbido em meus ouvidos, engoli à seco. Deus, que vontade de beijá-la!

— Estou olhando para ela — falei, encostando meu nariz no seu e esfregando a pontinha. Ela sorriu novamente e, por um mísero segundo, perdi meu fôlego ao ver seu sorriso tão perto. — Acho melhor tentarmos dormir um pouco, né? A gente tem um lugar para ir logo mais — sussurrei com o olhar fixo na mulher que eu amava.

Ela assentiu com a cabeça.

— Está se sentindo melhor? — Ana cochichou de volta.

— Sempre me sinto melhor quando você está assim, pertinho de mim — disse com sinceridade.

Se eu pudesse escolher, ela ficaria ao meu lado para a eternidade.

— Eu também, você me faz sorrir!

Lutando contra cada célula do meu corpo que clamava por agarrar Ana Luiza, me levantei e puxei-a pelas mãos para que também ficasse de pé. Permanecemos nos encarando sob o céu suavemente alaranjado.

Puxei a porta, deixei-a passar e entramos. Nos deitamos praticamente um de frente para o outro, nossas camas separadas somente pela mesa de cabeceira.

— Promete para mim que vai tentar descansar um pouco? — Ela perguntou, o tom preocupado escancarado em sua voz.

— Eu prometo. Boa noite, Ana! — Ela sorriu, convencida de que estava cuidando de mim.

— Bom dia, Henrique!

Ana Luíza fechou os olhos e, em poucos minutos, sua respiração ficou mais pesada, deixando claro que ela havia caído em um sono tranquilo e profundo. Não dormi, fiquei observando-a enquanto o dia nascia aos poucos e iluminava o quarto, e as palavras de meus pais faziam eco em minha cabeça como um lembrete permanente do que eu precisava fazer.



CAPÍTULO 9

ANA LUÍZA

Despertei com o cheiro de café fresquinho invadindo o quarto.

— Bom dia, senhora — falou Henrique, abrindo as cortinas.

A luz do sol invadiu completamente o ambiente e, depois de acostumar meus olhos com a claridade, percebi que tínhamos recebido o café da manhã no quarto e que ele estava, cuidadosamente, colocado sobre uma bandeja.

— Serviço de quarto, que coisa mais chique.

— Vamos comer logo, porque temos muita coisa para fazer — ele me apressou, colocando a bandeja na minha frente. Havia pães, torradas, manteiga e uma xícara com café quentinho e muito cheiroso.

Olhei para Henrique e percebi que ele já estava banhado e vestido.

— Aposto que você já comeu, está até pronto para sair — ele vestia uma jaqueta de couro, calças jeans justas e tênis esportivo na cor marrom, parecia saído de algum desfile chique. — Decidiu para onde vamos hoje? – — Perguntei, passando manteiga em um pedaço de pão e dando uma mordida.

— Isso mesmo, comi uma maçã enquanto a Bela Adormecida descansava. Não estava com tanta fome — fez graça e continuou sem perder a linha de raciocínio. — Como eu disse, tem muita coisa para ver nessa cidade, tanta que acho que só três dias talvez não sejam suficientes.

— Podemos voltar para Campos do Jordão quantas vezes quisermos.

— Eu sei, mas por ora quero realmente aproveitar o dia. Achei um lugar bem pertinho do hotel que eu tenho certeza que você vai amar.

Ele se aproximou da minha cama com cara de suspense.

— Onde? — Questionei cheia de curiosidade antes de dar um gole no café.

— Surpresa! — Henrique tocou meu nariz com a ponta do dedo indicador, como se eu fosse uma criança prestes a ser levada para o parque de diversões pela primeira vez.

— Ah não, nada disso. Me fala, por favor! — Pousei a xícara no pires sobre a bandeja.

— Não vou dizer uma palavra.

— Você realmente vai fazer esse joguinho comigo de novo?

Ele assentiu com um sorriso travesso brincando nos lábios.

— Agora anda, come e coloca uma roupa que daqui a pouco estamos saindo.

— Falando assim você parece minha mãe — reclamei e voltei a tomar meu café.

— Anda logo — ele bateu palmas para me apressar e eu dei risada.

— Mas acabamos de nos casar e você já está me apressando desse jeito? — Brinquei.

— É só porque eu sei que você vai adorar. Quero que aproveitemos cada segundo do dia lindo que está lá fora.

— Tudo bem — dei uma última mordida no pão e um gole no café. — Vou me vestir, tá?

Saltei da cama, deixei a bandeja de lado, mexi nas sacolas e observando a janela para ter uma ideia do clima lá fora, peguei a calça preta que tinha usado no dia anterior, uma blusa de manga comprida e um casaco de tom vinho.

Me troquei rapidamente no banheiro, escovei os dentes, passei o único batom que havia trazido, e dessa vez, optei por deixar os cabelos soltos.

— Acho que nunca me arrumei tão rápido — comentei assim que saí do banheiro.

Peguei as sapatilhas pretas ao lado da mesa de cabeceira e coloquei-as nos pés.

— Você consegue ficar linda de qualquer jeito.

Dei uma voltinha exibindo meu look e ele aplaudiu.

— Você não vai me dar nem uma dica? — Fiz um beicinho infantil enquanto falava, na tentativa de convencê-lo a matar minha curiosidade.

— Claro que não, estragaria totalmente a surpresa.

— Não é justo — cruzei os braços, emburrada.

Ele abriu a porta do quarto, fazendo um gesto para que eu saísse primeiro.

— Leve seu celular, pois provavelmente vai querer tirar muitas fotos — Henrique disse e pegou meu telefone, que estava na mesinha de cabeceira, e entregou na minha mão.



Tentei a todo custo adivinhar para onde estávamos indo, chutando todos os nomes de pontos turísticos que eu conseguia listar. Sem sucesso, é claro. Dirigimos por cerca de vinte minutos até que Henrique parou o carro em um estacionamento.

— Chegamos.

Olhei ao redor, tentando entender onde estávamos.

— Onde estamos?

— Bem-vinda ao parque Amantikir! É um lugar que tem jardins inspirados em vários países do mundo.

Caminhamos um pouco até a bilheteria e próximo dali havia uma placa com o nome do parque apontando para a entrada.

— Vocês deram sorte! Por conta do horário e do dia, o parque não está lotado — a mulher da bilheteria nos informou gentilmente. Nos entreolhamos e sorrimos. — Sejam bem-vindos e tenham um ótimo passeio!

Subimos uma escada de pedra e logo estávamos rodeados das mais belas flores e árvores.

— Meu Deus — balbuciei, sem fôlego.

— Eu tinha certeza que você ia gostar — ele sorriu, satisfeito.

Me faltavam palavras para descrever a beleza daquele lugar. Seguimos alguns turistas até o Mirante Belvedere, onde a imensidão da serra parecia não ter fim. A brisa fria da manhã fez meu corpo tremer, mas diante de tanta beleza nem me importei com o frio.

Henrique pegou o celular e começou a tirar fotos da paisagem e, imediatamente, fiz o mesmo. Toda a paz presente ali me trazia uma

sensação deliciosa e reconfortante. Era bom demais conhecer aquele pedacinho do paraíso com ele. Me sentia tão leve, tão bem.

— Vamos, pesquisei na internet e vi que aqui tem um labirinto muito legal.

O segui pela trilha que se iniciava a partir do momento que descíamos a escadaria da entrada e levava até as atrações principais do parque, que eram os jardins, com direito a um pequeno lago redondo e paisagens repletas de verde a perder de vista. Andamos pelos jardins lado a lado, desfrutando ao máximo tudo ali. Em pouco tempo, paramos em frente a um labirinto de arbustos, não havia mais ninguém por perto.

— Vem — disse ele, já quase entrando no labirinto.

— Acho que não quero ir.

Um medo bobo e irracional tomou conta de mim de repente, Henrique parou e virou-se em minha direção novamente.

— O que foi?

— Não sei, tenho a impressão que vou ficar perdida aí dentro.

— Não precisa ficar com medo, nós vamos juntos.

Ele tomou minha mão e a segurou com força, como sempre fazia quando queria me encorajar a algo.

— É que... dá uma sensação tão ruim de olhar para todos esses caminhos e ter que encontrar a saída. Dá uma certa angústia — falei com sinceridade, apesar de estar me sentindo totalmente infantil.

— Eu vou estar aqui bem perto de você, não precisa se preocupar. Confia em mim? — Seu olhar transbordava ternura, me transmitindo que sim, ia tudo ia ficar bem.

— Com todo o coração.

Senti nossas palmas quentes, totalmente unidas.

— Então vem.

Henrique me puxou com delicadeza até que adentramos o labirinto, que era enorme e parecia infinito. Talvez pelo clima mais úmido daquele dia, ao respirar fundo, era possível sentir o cheiro de terra molhada. Henrique foi na frente, me guiando como se soubesse o caminho. Estávamos sozinhos ao longo da caminhada, o que apenas aumentava a ansiedade e o medo de não encontrar a saída. Senti-me uma completa idiota por ter medo de algo tão simples, mas quando estava próxima dele, parecia que todos os meus temores simplesmente desapareciam. Seguíamos as

falsas trilhas tentando sair, nos enrolando cada vez mais dentro daquele labirinto.

— Está com medo? — Perguntou, quebrando a tensão provocada pelo som dos nossos passos sobre a terra.

— Um pouco ainda — confessei, rindo de mim mesma por aquele sentimento bobo.

— Feche os olhos e não abra até eu mandar — seu tom era de ordem, mas continuava doce e gentil.

Respirei fundo e fiz o que ele pediu, todos os medos pareciam pequenos quando Henrique me segurava firme em suas mãos, não fiquei apreensiva nem de tropeçar em alguma pedra. A caminhada continuou.

— E agora, ainda com medo? — Perguntou em um sussurro no meu ouvido.

— Não — respondi baixinho, mas senti um arrepio estranho no pescoço.

— Qual a sensação de estar com os olhos fechados andando no meio de um labirinto?

— Estranha, mas boa — admiti, erguendo minha mão livre para proteger o rosto de possíveis arbustos no caminho.

— Acho que encontrei a saída — Henrique falou com animação.

Abri um sorriso mais aliviado.

— Já posso abrir os olhos?

— Ainda não.

Senti quando a luz do sol iluminou meu rosto e tive vontade de dar uma espiadinha para checar se já tínhamos mesmo encontrado a saída.

— E agora, já posso?

Nossas palmas unidas estavam úmidas de suor.

— Pode.

Abri os olhos lentamente, não havia mais nenhum arbusto, só a belíssima visão das flores e do sol radiante.

— Você conseguiu! — Exclamei animada. — Nos tirou de lá em segurança.

— Nós conseguimos!

Naquele exato momento comparei minha vida à nossa jornada no labirinto. No momento da traição de Rodrigo fiquei me sentindo totalmente perdida, como se todo e qualquer caminho tivesse se fechado para mim,

mas então Henrique apareceu. Ele foi a mão que me guiou para fora da escuridão, que me levou de volta à luz.

Aproximei-me e o abracei forte.

— Sempre soube que poderia confiar em você de olhos fechados.

— Você também me ajudou muito.

— Que nada, eu sou uma medrosa, só te atrapalhei.

— Se você não estivesse lá comigo, eu teria demorado mais para sair, sabe por quê?

Neguei com a cabeça.

— Porque você era o principal motivo para eu sair de lá rápido. Eu queria te levar até a saída.

Uma lágrima tímida surgiu no canto do meu olho.

— Você não existe!

Encarei seus olhos castanhos. A luz do sol nos iluminava, parados na saída do labirinto. Nunca o tinha visto tão bonito como naquele momento. Seu cabelo curto ganhava uma tonalidade diferente quando o sol batia, com nuances cor de chocolate. Por um momento, senti uma enorme vontade de beijá-lo e sentir seu gosto, de abraçá-lo ainda mais forte, de trazê-lo para mais perto e sentir seu cheiro. Passei minha mão por seu rosto e a asperidade da barba que estava nascendo correu por minha mão. Meu coração acelerou, senti minha respiração aumentar o ritmo e eu não sabia se me entregava ao momento ou tentava manter a sanidade. Minha mão, que até então estava colada à sua, agora subia até seu ombro. As borboletas que pensei que estivessem mortas, ressurgiram em meu estômago todas de uma vez. Olhei direto para sua boca, e passei minha língua nos lábios, sem conseguir me controlar. Henrique passava a mão por meus cabelos, tirando os fios que o vento insistia em jogar no meu rosto. Um barulho surgiu de dentro do labirinto e duas garotas saíram de lá rindo, por finalmente terem encontrado a saída. Uma delas esbarrou em mim e pediu desculpas e toda a tensão do momento se dissipou.

— Acho melhor a gente continuar andando, né? Ainda tem muita coisa pra ver — eu disse um pouco decepcionada, sem nem entender o porquê.

Henrique concordou com um sorriso discreto e um aceno de cabeça. Passamos pelo Labirinto de Grama, que terminava em um círculo no centro de tudo. Fizemos o trajeto juntos novamente, mas dessa vez eu era a guia. Demoramos um pouco mais, mas chegamos ao nosso destino.

A imensidão de tudo aquilo me fazia sentir tão bem e tão pequena perante a natureza. O lugar parecia um jardim saído diretamente dos contos de fadas. Mais a frente, uma pontezinha atraía a atenção de todos que por ali passavam, as pessoas ficavam hipnotizadas pela beleza do lago, nitidamente inspirado nas obras de Monet, cheio de flores de lótus. A paisagem parecia mesmo uma pintura tão bonita. Durante o resto do passeio, Henrique se manteve estranhamente calado, pensei em perguntar se eu havia feito algo que pudesse tê-lo chateado, mas desisti.

Quando finalmente saímos do parque, não fazia a menor ideia de quanto tempo tínhamos passado ali.

— Já é quase meio-dia! — Exclamei quando vi que ficamos quase quatro horas lá dentro.

— Juro que nem vi o tempo passar — ele respondeu sem emoção.

— Nem eu. Foi muito maravilhoso!

— Foi sim.

— Eu não acredito que não sabia da existência desse parque.

— É um dos lugares mais bonitos que já vi — Henrique comentou, olhando ao redor.

— Que alegria deve ser criar um lugar como este! — suspirei sonhadora. — Se eu pudesse, moraria aqui.

— Fico feliz que você tenha gostado da surpresa, Ana.

— Eu amei. Obrigada! — Me aproximei dele e o abracei em gratidão. Ele retribuiu segurando em minha cintura.

— Você está com fome? Podemos aproveitar que estamos aqui e almoçar no centro comercial, ainda tem muita coisa para ver por lá.

— Pode ser, eu topo! — Bati palmas animadas e Henrique abriu um sorriso que iluminou tudo.

No caminho até o estacionamento, uma das funcionárias do parque nos entregou um folheto informativo sobre a lenda de Amantikir. Dobrei o papel e o guardei no bolso, prometendo para mim mesma que o leria depois.

HENRIQUE

Passamos o dia no centro de Campos do Jordão. Almoçamos, demos uma volta pelos pontos turísticos históricos, vimos quase tudo, mas meus pensamentos permaneciam na saída do labirinto, no momento que eu gostaria de ter congelado para sempre. Ana e eu nunca estivemos tão

próximos como naqueles dias. No parque, ela estava tão colada em mim, que eu podia sentir o ritmo acelerado de sua respiração. Se eu tivesse me aproximado, talvez ela tivesse me permitido beijá-la. Mas o que aconteceria depois do beijo? Simplesmente seguiríamos a vida como se nada tivesse acontecido? Será que ela ficaria tão surpresa que me daria um tapa na cara? Não tinha como saber.

Na volta para o hotel, o sonho da noite anterior ainda martelava em minha cabeça. Eu precisava ouvir meu coração, precisava deixá-la saber tudo o que passava dentro de mim. Mas para onde ia a minha coragem nestes momentos? Comecei a suar frio só de imaginar. Lá estava eu, sendo o grande covarde novamente. Como contar? Como ela iria reagir? E se eu a perdesse para sempre? Pior, e se ela pensasse que tudo que fiz, tinha sido só para me aproveitar dela?

Me recusava a acreditar naquela hipótese, nunca me aproveitaria de Ana Luíza. Fiz tudo que estava ao meu alcance para fazê-la feliz. E agora? Agora, provavelmente ela iria refazer sua vida, longe do canalha do Rodrigo, mas encontraria outra pessoa, que não eu, que a merecesse. Outra pessoa que ela não veria apenas como amigo. Apesar da possibilidade ser mais dolorosa que a própria morte, eu sabia que era a mais possível.

Assim que puxei o freio de mão, já no estacionamento do hotel, vi que Ana estava adormecida no banco do carona. Já era noite e ela estava exausta. Fiquei com pena de acordá-la, então decidi levá-la no colo até o quarto e colocá-la na cama. Subi as escadas como se estivesse levando uma pedra preciosa nas mãos. Destranquei a porta e a empurrei devagar, tentando não fazer barulho enquanto adentrava o quarto, deitei-a gentilmente sobre sua cama e tirei seus sapatos.

Eu não estava com fome, também não estava com sono. Dei uma olhada no relógio e surpreendentemente já eram quase dez da noite, tínhamos perdido a noção do tempo em nosso passeio. O jantar do hotel, com certeza, já havia terminado. Pensei em pedir serviço de quarto e acordá-la para que pudesse comer alguma coisa, mas ao observá-la em seu sono tão suave e profundo, desisti da ideia.

Resolvi, por fim, subir até o segundo andar do hotel e nadar um pouco na piscina coberta antes de dormir. Eu precisava ficar a sós com meus pensamentos e relaxar.

Tirei minhas roupas, coloquei uma bermuda e peguei um dos roupões deixados no banheiro pelos funcionários do hotel. Coloquei meu celular em

modo avião para evitar que qualquer barulho vindo dele pudesse acordar Analu e deixei-o sobre a mesa de cabeceira. Peguei um folheto que tinha ganhado de uma funcionária no parque mais cedo e anotei um recado para Analu nele, caso ela despertasse:

"Fui nadar um pouco, volto logo! Henrique "

Eu sei que escrever bilhetes também não era meu ponto forte, mas o que eu podia fazer? Agachei-me diante da sua cama e a observei dormir. Como ela conseguia ser tão linda?

As palavras de minha mãe retornaram com tudo naquele instante: "*Ouça seu coração. Você a ama, você a ama tanto."* Respirei fundo, não podia acreditar no que estava prestes a fazer.

— Ah Ana… se você soubesse o quanto eu te amo — minhas palavras saíram em um cochicho, como se eu precisasse guardar aquele segredo até das paredes do quarto. — Quer dizer, eu... eu sempre te amei. Desde que a gente era criança, eu acho. Eu nem sabia o que era amor direito, só sabia que eu gostava de você, gostava demais, a ponto de nunca te confessar isso só por medo de te perder. Daí a gente cresceu e um turbilhão de coisas aconteceram na minha vida. Eu cheguei a namorar algumas vezes, mas nunca deu certo. De um jeito ou de outro, minhas relações sempre chegavam ao fim e no fundo eu sabia o porquê — passei a mão suavemente em seus cabelos. — Porque era para ser com você! Eu juro por tudo que é mais sagrado, eu tentei superar esse sentimento, sou sincero quanto a isto, eu tentei, mas não consegui. Mesmo quando você me contou que estava noiva, eu fiquei genuinamente feliz. Senti muita inveja do Rodrigo, é verdade, mas fiquei feliz, porque você estava feliz. É por isso que eu aceitei me casar com você, é por isso que eu te trouxe para Campos do Jordão, é por isso que eu fiz e faço tudo por você. Porque eu... porque eu te amo, Ana Luíza! E eu sempre vou te amar, mesmo que você nunca saiba. Eu te amo!

Enfim, era isso. Estava feito. Tudo estava dito. Todas as palavras que me sufocaram durante todo aquele tempo foram jogadas ao vento, tinham sido postas para fora e eu sentia como se um peso sobre-humano tivesse sido retirado das minhas costas. Era como se eu respirasse ar puro pela primeira vez, depois de passar muito tempo debaixo d'água.

Depositei o bilhete improvisado sobre a mesa de cabeceira de Ana Luíza, vesti o roupão e deixei o quarto. Dessa vez, eu havia escutado meu

coração e o sentimento de paz que me invadia era bom demais para ser ignorado.

ANA LUÍZA

Abri os olhos assustada, assim que a porta do quarto se fechou. Apesar de estar sonolenta, ouvi cada palavra que Henrique havia dito. Será que estava acordada realmente ou tudo fazia parte de um sonho? Sentei-me na cama e senti tontura ao tentar encontrar um significado para o que ele acabara de confessar.

"Eu te amo".

Essas palavras tinham o poder da cura, mas também podiam ser uma verdadeira bomba-nuclear. Meu melhor amigo me amava. Fiquei paralisada, encarando a cama de solteiro vazia ao lado da minha. Meu fiel escudeiro sempre me amou. Tive vontade de fugir, de sair correndo daquele hotel, de desaparecer. Como ele pôde esconder aquele sentimento de mim, durante todos esses anos? Por que ele nunca me disse nada?

Levantei, prendi meus cabelos em um rabo de cavalo alto e passei a andar de um lado para o outro, tentando juntar as peças de um quebra-cabeças que eu não tinha ideia de como montar. As coisas começaram a ganhar um novo sentido: o casamento, a ida até o Ibirapuera, a viagem a Campos do Jordão, tudo era parte de um grande enigma, desses que você só conseguia entender quando resolvido por completo. Eu nunca tive paciência para brincadeiras de adivinhação, mas esse era um jogo que eu estava disposta a decifrar.

Se Henrique realmente tinha escondido aquele segredo de mim durante tanto tempo, era um peso grande demais para suportar. Olhei para todos os momentos que tínhamos vivido juntos até então. Cada movimento, cada abraço, coisas que ele havia feito por mim a vida inteira. Tudo foi por amor, não era só por amizade, não era só por carinho ou respeito. Era algo muito maior, que fugia à nossa compreensão, afinal, qual era o tamanho daquele amor? Será que havia medida? Só sei que era muito maior do que qualquer coisa que eu tinha vivido até então. Era entrega, era doação. Era simplesmente o fato de aceitar ser meu padrinho de casamento, apesar de toda a dor. Meu Deus, eu jamais conseguiria mensurar o tamanho do sofrimento em assistir a pessoa que você ama casar com outro homem.

Mas... e eu? Eu o amava? Aquela declaração mudou totalmente as coisas, de um jeito que não poderíamos voltar atrás. Nunca tinha pensado em Henrique para além de um amigo especial, por quem nutria uma admiração profunda e um amor fraterno enorme. Também não conseguia negar que nos últimos dias tinha sentido coisas estranhas. Mas eu o amava daquela forma, a mesma com que amei Rodrigo? Eu o desejava como homem? Ou será que estava confundindo tudo e transferindo meus sentimentos de um para o outro, por estar fragilizada emocionalmente?

Minha cabeça doeu. Pensar em todo seu sofrimento silencioso fazia meu coração ficar em pedaços. Como eu iria encará-lo a partir daquele momento? Como?

Vislumbrei a mesa de cabeceira ao meu lado e no folheto sobre a lenda de Amantikir, havia um bilhete escrito nas letras bem desenhadas de Henrique.

— Preciso falar com ele — falei para o quarto vazio.

Sem pensar direito no que faria, vesti um maiô, o roupão do hotel e destranquei a porta do quarto. Saí no corredor sentido as escadas que davam para o segundo andar, onde ficavam as piscinas cobertas. O lugar estava vazio por conta do horário, então não foi difícil avistá-lo sozinho, encostado na borda interna da piscina. Ele parecia tão distante em seus próprios pensamentos enquanto encarava o teto, sem perceber que estava sendo observado.

Deixei o roupão no chão e entrei na piscina em silêncio. Henrique me viu e exibiu um sorriso discreto e sem muita animação, como se quisesse disfarçar alguma sensação incômoda. Aproximei-me com cautela, não sabia o que fazer ou dizer a ele. Ele me encarou, mas também não disse nada. Poderia ser um momento constrangedor de quietude, mas pela primeira vez desde o casamento, o silêncio não era um intruso entre nós.

À medida que a distância diminuía, observei seus detalhes. Reparei nas curvas de seus braços e peito definidos. Seus dentes perfeitos que tornavam seu sorriso tão atraente, seus olhos castanhos combinavam com o tom do cabelo curto. Sempre soube o quanto Henrique era um homem bonito, mas olhando agora, com outra perspectiva, ele tornava-se quase irresistível. Jamais o enxerguei além da sua bondade e da sua inegável beleza exterior, mas dessa vez, o que eu sentia era algo que ia além de admiração e que certamente ia além de atração, algo nítido e certeiro, que eu não conseguia sequer dar um nome ou explicar.

Fiquei tão próxima dele que podia sentir sua respiração rápida e desconfortável batendo em meu rosto. Henrique tentou dar um passo para o lado, mas eu segurei sua mão.

— Desculpa, você acabou dormindo no caminho de volta e eu não quis te acordar. Te deixei no quarto e vim nadar um pouco... — balbuciou cabisbaixo, muito incomodado com a falta de espaço entre nós.

— Você me ama? — Perguntei em um sussurro, procurando seu olhar.

— O quê? — Ele me encarou surpreso.

— Eu ouvi o que você disse no quarto! Cada palavra.

O olhar dele era de pânico, sua respiração ficou mais rápida.

— Eu... — Ele gaguejou, desviando o olhar e mais uma vez tentou se afastar.

Segurei seu rosto quente com minhas mãos, obrigando-o a olhar diretamente para mim. Meu coração tocava uma bateria de escola de samba no meu peito.

— Você me ama, Henrique? Tudo que você disse no quarto é verdade?

Ele deu um suspiro pesaroso.

— Você me ama, sim ou não? — pressionei.

Eu precisava ter certeza que não era brincadeira, que ele estava sendo o mais sincero possível.

— Sim, eu amo! Eu amo muito! Sempre amei! — Ele explodiu, como um vulcão em erupção.

— E por que você nunca me contou? — Dei dois passos para trás, instintivamente para me manter distante. — Por que você esperou esse tempo todo para confessar isso? — Eu estava nervosa, sentia uma ponta de raiva por ele ter guardado esse segredo por uma vida.

— O que você queria que eu fizesse? — Perguntou abismado e com um olhar de derrota, como se tivesse ouvido o maior absurdo de sua vida. — Você nunca olhou para mim como nada além de um irmão. Não sou cego, Ana Luíza — eu não consegui responder. — Mas eu te amei e te amo mesmo sabendo que você não me ama. Tudo que eu queria na minha vida era casar, ter filhos, formar uma família com você. Não sei se algum dia serei capaz de superar isso, porque sinceramente ninguém pode tomar o seu lugar no meu coração.

Um impulso repentino tomou conta de mim, coloquei as duas mãos em seu peito e o beijei, interrompendo suas explicações. O beijo era urgente

e necessário, Henrique entregava tudo de si e me surpreendi por amar a sensação que nossos lábios e línguas se acariciando traziam para o meu corpo. No instante seguinte, me dei conta do que estava fazendo e me separei dele repentinamente, envergonhada.

Henrique estava totalmente em choque, a tensão entre nós era palpável e, antes mesmo que algum de nós pudesse dizer algo, ele passou o braço pela minha cintura e me puxou novamente. Nossas bocas se encaixaram perfeitamente, como se tivéssemos nos beijado diversas vezes na vida. Eu sentia que aquilo era errado, mas não tinha mais controle sobre minhas próprias ações, eu queria aquele homem, queria imediatamente.

Suas mãos passeavam livremente pelo meu corpo e nossa química fazia parecer que haviam labaredas me encostando. Uma eletricidade provocante percorria por minhas veias e nossos beijos e carícias se tornavam cada vez mais necessários. Nossos corpos se encostaram debaixo d'água, e por um momento, perdi meu fôlego, era perceptível que ele sentia o mesmo desejo que eu. Eu ofegava e tinha dificuldade de pensar direito, então simplesmente me entreguei ao momento.

Não sei como chegamos até o corredor do quarto, mas seguimos nos beijando, esbarrando pelas paredes, sem nos importar se alguém estava nos vendo. Henrique abriu a porta com uma mão, enquanto mantinha a outra em volta da minha cintura. Entramos e ele me pegou no colo, colocando minhas pernas ao seu redor, caminhou até a cama e me deitou gentilmente sobre ela. Estávamos encharcados, eu tirei meu maiô delicadamente e o joguei no chão. Ele analisou meu corpo com cuidado e deitou-se sobre mim, mantendo o peso sobre os braços.

— Você está tremendo… — sussurrei, olhando em seus olhos brilhantes.

— Meu coração está batendo rápido demais — ele confessou tentando manter o ritmo de sua respiração.

Passei minha mão por seu peito ainda úmido, sentindo a pulsação totalmente descompassada. Puxei-o para mim, encostando seu corpo no meu.

— Eu não quero te forçar a nada — ele sussurrou no meu ouvido e me deu um beijo carinhoso no pescoço.

— Eu sei — respondi de olhos fechados, aproveitando o momento.

Segurei seus cabelos entre meus dedos e o fiz encontrar meus olhos. Henrique estava ofegante e suas bochechas e lábios tinham um leve tom

avermelhado. Sorri com a visão e ele tentou sorrir de volta, mas eu o beijei com paixão.

Cada toque, cada sussurro no ouvido, cada declaração pareciam estar guardados há muito tempo, era tudo cheio de excitação, de desejo e paixão. O sexo com ele era diferente de tudo que eu já havia experimentado. Paciente, carinhoso, mas ao mesmo tempo, uma completa combustão.

HENRIQUE

A noite toda parecia como um sonho bom demais para ser verdade. Quando Ana Luiza me beijou, senti todos os pêlos do meu corpo se arrepiarem. Como eu a queria, Deus, como eu a desejava. Seu toque era o que eu sempre quis, e era muito mais perfeito do que jamais poderia imaginar. Todo o calor que emanava de nossos corpos seria capaz de incendiar aquele quarto. Meu anseio era que nós nunca mais nos separássemos. Eu tinha certeza que, a partir daquele momento, haveria um futuro para nós.Tudo estava nítido em minha mente, aquele tinha sido nosso primeiro passo, e como eu esperei por ele.

Dormi com ela em meus braços, sentindo o cheiro doce de seus cabelos. Um momento que poderia perpetuar-se, congelado no tempo. Quando a primeira luz da manhã iluminou o quarto, a primeira coisa que fiz ao abrir os olhos foi procurar por ela. Não estava ao meu lado, e sua cama encontrava-se arrumada.

— Ana? — Chamei, sentando-me sobre a cama rápido e percorrendo o cômodo com os olhos frenéticos à procura dela.

Ela saiu do banheiro com uma postura enrijecida, com os braços cruzados.

— Oi.

Sorri feito bobo ao vê-la e ter consciência de que aconteceu mesmo, tudo fora real. Ela se aproximou e se sentou na beirada da cama, de costas para mim.

Me aproximei, afastei seus cabelos e comecei a distribuir beijos em seu pescoço, ela se esquivou de repente, me deixando sem entender o que estava acontecendo.

— O que foi, está tudo bem? — Meu tom passou de eufórico para normal em um segundo. Será que tinha acontecido algo?

— Não, tudo bem é que... — ela passou a mão nos cabelos, sem jeito. — Eu tô confusa, só isso.

— Confusa? — perguntei preocupado.

— É, mas isso não tem importância. Esquece!

Levantei-me da cama e me ajoelhei na sua frente, sem entender o que ela estava querendo dizer.

— Você está confusa sobre ontem à noite? — Minhas palavras saíram rápido, sem qualquer controle, ela evitava olhar-me nos olhos. — Você está arrependida do que aconteceu? — Minha voz falhou, mesmo eu tentando miseravelmente manter a calma.

— Eu não disse isso — ela murmurou, ainda sem me encarar.

— Mas é o que você quer dizer, não é? Por isso não me deixa chegar perto de você.

— Bem, eu tenho esse direito.

Parecia que o chão sob meus pés havia desaparecido. De tudo o que ela poderia me dizer naquele instante, confessar que estava confusa me deixava sem forças.

— Eu não posso acreditar nisso, Ana Luíza — bufei contrariado.

Ao ouvir seu nome, ela finalmente encontrou meus olhos.

— Henrique, até ontem nós éramos amigos, éramos praticamente irmãos. E hoje, eu acordo nua ao seu lado. Consegue entender isso?

— É você quem não consegue entender — explodi e me levantei de supetão. — Eu fui apaixonado por você toda a minha vida, você não sabe o quanto eu sofri com isso. Te ver nos braços de homens que não te mereciam, te ouvir me chamando de amigo, de irmão, quando tudo que eu queria era ser muito mais que isso — senti lágrimas quentes rolarem pelo meu rosto, mas não me importei em limpá-las. Que ela visse, que ela entendesse o que era capaz de fazer comigo. — E quando eu finalmente consigo te dizer tudo que sinto, quando eu consigo finalmente te ter, você diz que está confusa? Você quer me ferir? Quer me matar?

Vi seus olhos ficarem marejados e ela respirou fundo.

— Então por que você não me contou antes, hein? — Ela gritou, mas não me surpreendeu. — Por que esperou tanto tempo? Por quê? Você acha que é fácil para mim também? Saber que você sofreu por mais de vinte anos por minha causa?

— Eu fui um covarde — dei de ombros, afinal, o que eu poderia dizer? — A minha vida inteira fugi disso porque não passo de um covarde.

Sempre soube que você estava fora do meu alcance.

— Eu sou tão inalcançável assim? — Ela perguntou com a voz falha.

— Para um cara que você sempre chamou de amigo, sim. Confessa que você nunca olhou para mim da mesma maneira que eu olhei para você, Ana Luíza. E você nunca vai olhar.

— Se você tivesse me deixado saber de tudo antes, talvez as coisas tivessem sido bem diferentes. Eu poderia amar você!

— Mas não me ama — eu disse por ela.

"Ela não me ama". A constatação me trouxe uma sensação de afogamento e eu precisei respirar fundo para entender que havia oxigênio entrando em meus pulmões.

Ela não respondeu, o que tornou tudo ainda mais real. Ao invés disso, começou a chorar compulsivamente e eu lutei contra meus instintos para não tentar acolhê-la.

— Não importa o que eu faça, quanto eu corra, sempre vou chegar atrasado. Não adianta lutar por algo que nunca tive, nem nunca terei.

— Não fala assim, Henrique! Por favor — ela soluçava as palavras e destruía meu coração mais ainda.

— É a verdade, Ana Luíza! Se você me amasse, não haveria qualquer dúvida, não haveria confusão. Mas não, você tem dúvidas, muitas.

— Você é importante demais pra mim! — A voz dela saiu alta e estridente.

— Pena que não o suficiente — constatei em um sussurro alto o suficiente para que ela ouvisse.

Peguei minha mochila ao lado da minha cama e tirei de lá algumas roupas.

— O que você está fazendo? — Ela continuava sentada na cama que havíamos dormido juntos.

—Vou embora daqui.

— Não, não vá por favor — choramingou.

— Não vou mais atrapalhar sua vida.

— Não seja bobo, você nunca atrapalhou minha vida, você é parte da minha vida!

— Eu sou um erro na sua vida, só atrapalho tudo. E quer saber mais? Eu não mereço você.

Vesti a primeira roupa que peguei da mochila, recolhi tudo que poderia ter deixado no quarto. Ana Luiza permanecia imóvel, sentada,

observando tudo.

— Você merece ser feliz com um cara bem melhor que eu. Um cara que não seja um completo covarde.

— Você não tem o direito de fazer isso comigo — ela gritou.

— Não, Ana Luíza! Você fez isso comigo. Eu sempre vou amar você, sempre. E a noite passada foi a melhor da minha vida, mas não posso mais fazer isso comigo. Agora que sei qual a sensação, não aguento ficar perto de você sem poder te tocar. Eu não aguento mais, não é justo. Não é justo fazer isso com nós dois.

— E quanto a nossa amizade? E esses anos todos, não significam mais nada?

— A nossa amizade foi o maior presente que eu ganhei, mas também foi o meu maior castigo. Se eu pudesse escolher, eu juro que nunca teria me apaixonado por você. Mas eu não escolhi isso, Ana Luíza. Eu não escolhi!

Saí do quarto decidido, despedaçado, mas não olhei para trás. Fechei a porta e desmoronei no chão. Sozinho no corredor do hotel, chorei feito uma criança pela primeira vez em muito tempo.



CAPÍTULO 10

ANA LUÍZA

EU. TINHA. ESTRAGADO. TUDO!

Já tinha lido em algum lugar que, quando as palavras não são postas para fora, elas são capazes de nos sufocar, e eu tinha certeza que com os sentimentos era a mesma coisa. Até aquele momento, eu sentia que não havia nada pior do que ser traída na véspera do meu casamento. Mas, não. Perder um amigo, meu melhor amigo de anos, era mil vezes pior. Ainda mais quando a culpa era minha.

Ver Henrique saindo do quarto sem nem ao menos pensar duas vezes foi doloroso demais. Assim que ele saiu, desabei no chão, sem forças para respirar. Eu havia partido o coração da minha pessoa preferida do mundo e tinha arrancado ele a força da minha vida. Minha vontade era gritar até minhas cordas vocais se romperem.

Eu o tinha perdido. E pelo modo como se foi daquele quarto, temia que fosse para sempre. Peguei o celular e digitei o número de Amanda, agradeci mentalmente quando ela atendeu no segundo toque.

— Alô?

— Amanda, eu estraguei tudo — gritei com a voz completamente embargada.

— Analu? — Minha amiga ficou claramente preocupada. — O que aconteceu? Onde você está?

— Você pode vir me buscar, por favor? Eu não estou bem, preciso de alguém.

Falei o nome do hotel e Amanda disse que tentaria chegar lá o mais rápido possível. Na tela de início do celular, a data indicava que era uma quarta-feira. Culpei-me por ligar para minha melhor amiga e pedir para que

ela dirigisse por quase três horas só para me buscar em outro município, bem no meio da semana. Quão egoísta eu era? Mas na verdade, não importava, eu precisava abraçar alguém, precisava de alguém ao meu lado, ou enlouqueceria.

HENRIQUE

Fiquei no estacionamento do hotel por um bom tempo, tentando de alguma forma parar de chorar ou pelo menos respirar melhor antes de dirigir. Deixei a mochila no banco do passageiro e liguei o carro. Qualquer pessoa em sã consciência não sairia dirigindo no estado em que eu estava, mas eu precisava sumir dali e, convenhamos, eu não estava em sã consciência. Desbloqueei a tela do celular e fui direto na galeria de fotos, em busca da última que tinha tirado dela. Encarei a tela que logo ficou molhada com as lágrimas que caíam. A foto de Ana Luíza com os cabelos esvoaçantes e os olhos entreabertos por conta da luz do sol que batia em seu rosto. A foto que antes me trazia tanta paz, agora era capaz de me estilhaçar por completo. Tentei deletá-la mas logo desisti, pois eu a amava apesar de toda a dor. Eu sempre iria amá-la, mas precisava partir, não aguentava permanecer ali nem mais um segundo.

Dei uma última olhada para o hotel e percebi algumas pessoas me observando chorar. Fechei a janela do carro, dei a partida e acelerei, fazendo o retorno para uma vida pacata e sem cor.

ANA LUÍZA

Ouvi batidas desesperadas na porta do quarto e Amanda chamou meu nome. Destranquei a porta e a primeira coisa que ela fez foi me abraçar.

— Analu, pelo amor de Deus, o que aconteceu? — Minha amiga passava a mão por minha cabeça, me acariciando de maneira que indicasse que tudo ficaria bem. — Eu estava me arrumando para ir trabalhar quando atendi sua ligação. Fiquei desesperada quando ouvi sua voz — seu rosto realmente transparecia o desespero. — Achei que você tivesse se machucado ou que tivesse acontecido alguma tragédia.

— Obrigada por você ter vindo — falei entre suspiros. — Eu juro que não queria ter te atrapalhado, mas precisava ligar para alguém. Me perdoa, por favor.

— Isso não importa. Mesmo que você me ligasse do outro lado do mundo, eu seria capaz de pegar um avião só pra ir te buscar. Não podia simplesmente desligar o telefone e ir pro trabalho depois de ouvir seu desespero.

Voltei a chorar quando ela me abraçou, eram tantas lágrimas que ensopei sua camiseta na altura do ombro.

— Por favor, amiga, me explica o que aconteceu. O que você está fazendo neste hotel?

— Eu fiz tudo errado, eu só faço tudo errado — meu choro era cheio de soluços e eu não conseguia nem formular uma frase inteira.

— O que você fez de tão grave?

Respirei fundo algumas vezes e tentei explicar tudo para Amanda. Contei sobre a traição de Rodrigo, o acordo do casamento de mentira, a vinda para Campos do Jordão, a ida até o Amantikir, a declaração, a noite que passamos juntos e a briga. Ela ouvia tudo atentamente, sem me interromper uma única vez.

— Parece que tudo que eu toco apodrece — falei, por fim. — Por que eu nunca consigo fazer nada certo? Que poder é esse que eu tenho de conseguir ferir todos que se aproximam de mim?

— Não fala isso, Analu. Você não feriu ninguém.

— Como não? Eu consegui destruir uma das pessoas mais importantes da minha vida — encarei o teto e me perguntei se tudo aquilo não era parte de uma grande brincadeira de mau gosto. — Não sei o que fazer, Amanda. Isso está doendo muito, perder o Henrique dói muito.

— Talvez você ainda não tenha perdido, amiga.

Olhei pra ela sem entender.

— Comos assim?

— Não sei, Analu. Sabe, eu nunca vi algo parecido antes. O amor que o Henrique sente por você é muito grande para se imaginar. Quer dizer, o cara aceitou se casar com você só pra te ver feliz, acho que só alguém muito apaixonado é capaz de um gesto desses.

— O que você quer dizer com isso?

— Que um amor tão grande não acaba assim, não tem como. A gente não deixa de amar de um dia para o outro. Acho que você ainda pode consertar as coisas.

— Não sei se tem jeito — fui sincera. — Eu o machuquei demais. Machuquei mais do que um ser humano consegue aguentar.

Eu não havia ferido Henrique fisicamente, com um tapa, por exemplo, ou o cortado com um caco de vidro, ou mesmo lhe dado um soco no estômago. Eu o havia machucado na alma.

— Vou fazer o que é melhor para nós dois. Vou deixá-lo ir — passei minhas mãos pelos braços, sentindo-me desprotegida de repente. Deixá-lo ir embora da minha vida seria a coisa mais dolorosa que eu teria que enfrentar. Muito pior do que qualquer traição. As lágrimas desciam implacáveis.

— Você não pode fazer isso — minha amiga protestou, com um olhar incrédulo.

— É a coisa mais sensata que eu posso fazer. Chega, chega de sofrimento. Não quero feri-lo mais! Não posso — levantei-me e caminhei até a janela do quarto. O dia estava nublado e frio. — Não tenho mais forças para lutar. Ele estará bem melhor longe de mim — encarei meu reflexo no vidro da janela e limpei as lágrimas. — Mesmo que isso me mate por dentro.

— Então você vai simplesmente desistir?

— É o único jeito.

— Vai desistir da pessoa que mais te ama?

— Eu não aguento mais. Ele merece alguém que não o faça chorar — murmurei com dificuldade, voltando a soluçar. Não sabia como minha vida seria dali para frente, uma vida vazia, sem Henrique.

HENRIQUE

Todas as músicas no rádio pareciam representar meu estado de espírito naquele momento. O clima frio, que me acompanhou até São Paulo, embaçava o vidro do carro. O mundo parecia estar mandando uma mensagem do quanto eu era idiota. Desliguei o rádio com raiva. Ouvir música naquele momento era uma péssima ideia. Segui a viagem sem qualquer som exceto o da estrada. Cheguei em casa acompanhado de uma chuva torrencial e fria, anormal para a época do ano. Sentia uma exaustão sem fim, todo meu corpo doía e parecia que eu ia ruir em mil pedaços. Entrei de cabeça no chuveiro, tentando fazer a dor parar, mas era inútil.

Passei o dia deitado na cama, rezando para que o sentimento de vazio fosse embora. Tentei assistir televisão, mas todos meus pensamentos ainda estavam nela.

"Tira ela da cabeça, só tira ela da cabeça."

Desliguei a televisão e me virei na cama. Pensei nas palavras de meus pais e chorei até pegar no sono.

ANA LUÍZA

Amanda me ajudou a recolher as poucas coisas que eu havia levado e comprado na viagem. Dobrou todas as minhas roupas com cuidado e guardou-as nas sacolas.

— Acho que isso é tudo. Eu vou deixar essas sacolas no porta-malas e te espero no carro, tá?

Assenti com a cabeça e lhe dei um meio sorriso fraco em agradecimento por tudo que minha amiga estava fazendo. O cheiro e a presença de Henrique ainda estavam em cada centímetro daquele quarto e estavam impregnados em mim também.

Olhei o ambiente e ele parecia grande demais para uma pessoa só. Sentei-me na cama onde meu amigo dormiu e passei a mão pelo lençol, as lembranças da noite anterior persistiam e eu sabia que elas jamais iriam embora. Por mais que eu tentasse, por mais dolorido que fosse, elas insistiam em passar como um filme em minha mente.

Nossa última noite juntos.

Ao mesmo tempo que eu rezava para que todos os nossos momentos fossem apagados de algum jeito, para que assim tudo se tornasse mais suportável, uma parte minha lutava para se agarrar a cada cena, cada cheiro, cada palavra, pois só assim poderia lembrar-me dele para sempre. Na mesa de cabeceira o bilhete que ele me escreveu no folheto do nosso último passeio. Dei um beijo no papel e o guardei dobrado no fundo do bolso do casaco.

Fiz o check-out, me despedi da recepcionista forçando um sorriso, apesar dos olhos inchados. Antes de entrar no carro de Amanda, dei uma última olhada para a fachada do hotel. Um casal passou abraçado por mim e entrou. Amanda colocou a mão em meu ombro e disse que precisávamos ir. Entrei pela porta do passageiro e coloquei o cinto de segurança, uma chuva tímida começou, até tornar-se uma tempestade fria e triste. Coloquei a mão no bolso e senti a textura do papel entre os dedos.

Sai da minha cabeça, Henrique.



Quem tem amigos, realmente tem tudo. Amanda cuidou de mim como se eu fosse a irmã mais nova que ela nunca teve. Mesmo morando em uma quitinete, ela fez o possível para que eu me sentisse confortável no sofá da sala.

— Desculpa ter que te acomodar assim, amiga. Mas eu juro que da próxima vez eu arrumo um colchão pra você. Tive que dar uma improvisada.

— Imagina, desculpa eu. Dou mais trabalho que criança. Você não tinha obrigação nenhuma de me ajudar.

— Para com isso, Analu! É isso que os amigos fazem, ajudam uns aos outros. Você pode ficar aqui quanto tempo precisar.

Um flashback passou pela minha cabeça. Menos de uma semana atrás, era Henrique quem estava me acolhendo em sua casa, arrumando o sofá, tentando me fazer sentir em casa. Sua lembrança doía inevitavelmente.

— Amanda, eu sei que eu sou uma amiga horrível.

— Analu, por favor não comece...

— Não, eu sei que eu sou — a interrompi. — Eu só penso em mim. Agora eu tenho noção do quanto sou egoísta, já perdi uma pessoa muito importante para mim, por egoísmo. Uma pessoa insubstituível. Não sei se vou ter outra amizade como a dele.

— Você sabe que não é nada disso.

— De qualquer forma, eu o perdi, já aceitei isso. Mas não posso perder outro amigo. Por favor, não desista de mim.

Ela me abraçou.

— Ana Luíza, olha para mim — ela pediu gentilmente. — Você é uma das pessoas mais amáveis que eu conheço. O seu problema é se cobrar demais e querer carregar o peso do mundo nas costas. Você precisa parar de se culpar e entender que algumas coisas acontecem sem o nosso controle mesmo e está tudo bem.

Ela limpava minhas lágrimas como se eu fosse uma menina assustada com pesadelos durante a noite.

— Você não pode controlar o passado, muito menos o futuro. Mas pode controlar seu presente, precisa focar nisso.

— Por que você está dizendo isso?

— Porque eu tenho certeza que você ama aquele homem.

O modo natural como Amanda dizia aquelas palavras me assustava.

— O quê?

— É exatamente isso que você ouviu! Você ama o Henrique, só não percebeu ainda.

Já havia me questionado sobre o sentimento diversas vezes, mas nunca havia conseguido chegar a uma conclusão. Tudo foi rápido demais, intenso demais. O sentido de amizade e amor misturavam-se, confundiam-se.

— Eu não sei — falei com sinceridade.

— Analu, alguém já te disse que você é o ser mais indeciso da Terra?

— Não sou indecisa, estou falando a verdade.

— Se não é indecisa, então está sendo covarde.

Covarde. Será que essa era a palavra, afinal de contas?

— Pode tentar mentir pra quem você quiser, mas para a sua madrinha de casamento não.

Ela colocou a mão sobre meus ombros como se estivesse prestes a me chacoalhar.

— Você o ama. Não pode negar, você o ama tanto quanto ele ama você. Se não o amasse, não teria se entregado a ele da maneira como se entregou, se não o amasse, não estaria sofrendo tanto.

— Ele era meu melhor amigo.

— Ele é o homem da sua vida, amiga! Pode ter sido seu melhor amigo, mas agora o que existe entre vocês é amor.

— É tão difícil para mim… — confessei derrotada.

— Só assume que você o ama, que está apaixonada por ele. Assume!

Um novo filme recomeçou em minha cabeça. Dessa vez éramos Henrique e eu, parados à saída do labirinto de Amantikir, eu passava a mão pelo rosto dele, ele acariciava o meu. Revivendo esse momento de nossa viagem, detalhe a detalhe, tudo parecia claro agora. Os olhos dele tinham um brilho que eu jamais havia visto antes, as janelas da alma. Nova cena, dessa vez estávamos na piscina, ele me segurava com seus braços fortes e tudo o que queria era beijá-lo, senti-lo, até que nossos corpos se tornassem um só. Não era só o seu físico que me atraía, era tudo. Toda a bondade, todo

o carinho, todo o respeito. Não podia ser só atração. E agora, mais do que nunca, não era mais só atração.

— Eu amo — sussurrei. Mais do que jamais poderia supor, mais do que jamais achei que seria capaz de amar alguém, mais do que já amei qualquer outro homem. Eu amava Henrique. — Mas não posso mais tê-lo.

— É claro que pode! — Amanda disse, abismada. — Você precisa lutar por esse homem!

— Já tive a minha chance e eu a desperdicei. Fui burra, idiota, cega.

Pela segunda vez em menos de uma semana, senti o peso da raiva sobre mim. Cinco dias antes, eu estava totalmente sem chão após descobrir que o homem que até então era o certo para mim me traíra com a cerimonialista do meu casamento. Raiva, ódio, desgosto, estava tudo lá, à flor da pele. Agora, tudo retornava, mas eu não era mais a vítima. Eu era a pessoa responsável pelo sofrimento da outra. Senti nojo de mim mesma por fazê-lo sofrer tanto, por tanto tempo, depois de tudo que ele fez por mim. A vida era uma eterna ironia.

— Eu não mereço ele, Amanda! Ele é bom demais pra mim.

— Ana Luíza, você sabe que eu estava no altar o tempo todo enquanto você se casava, não sabe? — A olhei confusa, aquela pergunta não fazia o menor sentido. — Eu, como sua melhor amiga e madrinha do seu casamento, volto a lembrar, estive lá o tempo todo. Vi quando Henrique chegou, parou quase ao meu lado no altar e me confessou em voz baixa que vocês estavam prestes a se casar. Eu não entendi nada até aquele momento. Mas aí a marcha nupcial tocou e você entrou na igreja. Eu olhei para ele e então... então eu entendi. O jeito como ele olhava para você, amiga, não deixava nenhuma dúvida. Qualquer pessoa naquela igreja que olhasse, seria capaz de perceber que Henrique era um homem apaixonado. E eu olhei pra ele e só consegui pensar em como você tinha sorte. Como eu queria que alguém olhasse pra mim daquele jeito, como Henrique olhava para você — finalizou com a voz carregada de emoção.

— Você quer que eu me sinta ainda mais culpada? — Minha pergunta saiu em um tom irritado, mesmo eu não querendo discutir com ela também.

— Não, muito pelo contrário — por sorte, Amanda ignorou minha voz ríspida. — Quero que você lute, que você não deixe esse homem escapar da sua vida. Porque o amor de vocês dois é uma coisa tão bonita e tão verdadeira, que eu não suporto a ideia de vocês não ficarem juntos. Promete pra mim que você vai dar um jeito de trazer esse homem de volta?

Eu não podia fazer aquela promessa. Apesar de ser tudo o que eu mais queria, sentia que não havia mais meios. Não tinha como lutar mais.

— Eu prometo — menti.



Acabamos jantando macarrão instantâneo. Apesar de ter que voltar para a normalidade da minha rotina no dia seguinte, eu não tinha a menor vontade de dormir. Passei alguns canais na televisão mas não havia nada interessante. Desliguei-a por fim. O silêncio tomava conta do pequeno apartamento de Amanda. Levantei-me do sofá e dei menos de cinco passos na ponta dos pés até a poltrona onde havia deixado minhas coisas assim que cheguei. Com a lanterna do celular acesa, remexi no bolso do casaco até encontrar o folheto de Amantikir e aproveitei para lê-lo, já que não conseguia pegar no sono. Enquanto lia a história do parque no pequeno anúncio, passei meus dedos pelo contorno das letras de Henrique e suas palavras gravadas naquele papel teimavam em ficar na minha cabeça. Adormeci por fim, com lágrimas nos olhos e a sua imagem partindo e me deixando sozinha.



Amanda e eu fomos juntas para o trabalho. Pela primeira vez naquela semana, senti um sopro de normalidade. Na empresa, nada fora do habitual. Algumas pessoas ainda me parabenizavam pelo casamento, outras comentavam algo sobre a cerimônia, sem nunca citar a troca de noivos, pelo menos não na minha frente.

Eu desconversava ou dava uma risada falsa, estava ficando boa em fingir que estava feliz. O restante do dia resumiu-se a mais do mesmo: Telefonemas, papelada, almoço apressado e uma leve dor de cabeça ao final do dia. Durante a maior parte do tempo, percebi olhares preocupados de Amanda em minha direção, quase os mesmos de quando me via

enlouquecida com os preparativos do casamento. Almoçamos juntas, mas não havia muito a dizer. Ao fim do expediente, pedi que ela me levasse até meu antigo prédio.

— Quer que eu suba com você? — Ela me perguntou, assim que estacionou do outro lado da rua.

— Não, tudo bem. Eu preciso fazer isso sozinha.

A verdade era que eu não podia mais prolongar aquilo. A hora havia chegado. Depois de tantas lágrimas, decepções e surpresas, já não conseguia sentir mais nada por Rodrigo. Não sentia pena, nojo e nem sequer raiva.

Estacionado a poucos metros da entrada do prédio, estava o carro que eu e Rodrigo tínhamos comprado há alguns meses, exatamente onde o deixei. Recordei-me de quando conseguimos finalizar a compra e o quanto comemoramos. Apesar de não ser um modelo tão recente, eu amava aquele carro, pois era uma de nossas primeiras conquistas como casal. Lembrei-me do quanto eu estava feliz quando o dirigi pela primeira vez e o quanto tinha certeza de que passaria o resto da vida ao lado de Rodrigo. Lembrei-me da última vez que estive naquele carro, na sexta-feira antes do casamento e pensei no quanto minha vida tinha mudado em tão pouco tempo. Acariciei o capô e voltei a encarar a fachada do meu antigo prédio, a ideia de encontrar Rodrigo no apartamento àquela hora, já não me causava nenhum temor.

Passei pela porta de entrada decidida e pela última vez. A portaria, antes sempre vazia, agora estava surpreendentemente ocupada por um porteiro. Sorri amigavelmente para o rapaz.

— Pois não? A senhora quer ir no apartamento de quem?

— Rodrigo, apartamento 36 por favor.

— A senhora é o que dele?

— Uma amiga.

Ele interfonou para o apartamento de Rodrigo na minha frente.

— Qual o seu nome, por favor?

— Ana Luíza.

Um segundo depois que meu nome foi dito pelo interfone, o porteiro me liberou para que eu subisse. Peguei o elevador e saí assim que cheguei ao terceiro andar. Caminhei até a porta com firmeza e toquei a campainha.

A porta foi aberta em menos de cinco segundos. Frente a frente com Rodrigo pela primeira vez, desde a discussão que tivemos no corredor do

prédio de Henrique. Permaneci onde estava e percebi quando seu rosto se iluminou ao me ver.

— Analu, que bom que você veio. Eu não esperava... — Ele deu um sorriso.

— Eu vim pegar as minhas coisas — estava exausta daquela situação toda e isso transparecia no desânimo que minha voz carregava. Quanto mais rápido fosse aquele martírio de ir ao apartamento de Rodrigo, mais cedo eu iria embora.

— Eu sabia que você viria algum dia, por favor, entra.

Rodrigo empurrou a porta sem jeito e abriu espaço para que eu pudesse passar.

— Obrigada.

O apartamento não havia mudado nada desde a última vez. Tudo estava no mesmo lugar.

— Posso te oferecer alguma coisa? Um chá ou um café? — Ele estava sem jeito com minha presença ali, era nítido. Com as mãos nos bolsos estreitos das calças jeans, ele me encarava desconfortável. Naquele momento me dei conta que Rodrigo nunca foi bom em fazer sala para as visitas.

— Não, não precisa. É bem rápido mesmo — fiquei de frente para ele e o encarei. — Eu vim aqui porque acho que já passou da hora de nós nos acertarmos.

— Eu sabia que não tinha acabado, sempre soube! — Rodrigo se inclinou em minha direção na tentativa de me abraçar, mas me afastei.

— Rodrigo, não — segurei suas mãos. — Não vim aqui para isso. Vim aqui para colocar um ponto final nessa situação, de uma vez por todas.

Ele me olhou parecendo não entender.

— Não pense que nós vamos reatar, porque não tem como.

— Analu, por favor, me dê outra chance!

— Não dá — soltei, secamente.

— Eu te amo, Ana Luíza! Você precisa acreditar em mim, eu te amo!

Mesmo que Rodrigo repetisse um milhão de vezes que me amava, ainda assim, eu não mudaria de ideia. Depois de tudo o que passei com Henrique, sabia que o amor não estava em palavras, mas atitudes. Henrique passou a vida inteira sem dizer que me amava, mas todas as suas ações demonstravam o tamanho de seus sentimentos por mim. Culpava-me por

nunca ter conseguido interpretar seus sinais, mas eu sabia que tudo que ele sentiu e fez, foi verdadeiro. E isso bastava.

— Você pode ter me amado muito sim, como eu te amei um dia. Mas acabou.

— Não diga isso — Rodrigo choramingou.

— Nós fomos muito felizes durante o tempo que estivemos juntos. Você me fez uma mulher muito realizada e eu sei que te fiz bem também. Eu realmente achei que poderíamos passar o resto da vida juntos, mas não dá.

— Eu peço perdão, peço de joelhos se quiser — ele agachou-se na minha frente. — Me dá outra chance, Analu. Pelo amor de Deus!

— Rodrigo, por favor — pedi. — Nossa relação já tinha acabado antes de você pular na cama com a Vanessa. Se não tivesse, você não teria me traído.

— Eu já te disse que isso não teve importância, não teve a menor importância para mim, eu te amo!

— Isso não vai levar a lugar algum — me abaixei, aproximando meu rosto do dele. — Eu já tomei minha decisão. Vim aqui apenas para termos uma conversa adulta, afinal.

Ele se levantou e a sala mergulhou em um silêncio difícil de digerir.

— Sinceramente, eu não ligo mais se teve ou não importância. Não sou mais a Ana Luíza daquela véspera de casamento. Vim aqui, porque apesar de toda a dor, aprendi muita coisa nesses últimos dias e queria deixar tudo claro entre nós. Colocar um ponto final.

— O que aconteceu com você? — Perguntou, parecendo chocado com a minha atitude.

— Também me faço essa pergunta. O que aconteceu com nós dois?

Rodrigo sentou-se no sofá, grande demais para uma pessoa só.

— Eu não sei, Analu. Gostaria de te dizer, mas infelizmente eu não tenho uma resposta.

— É, nem eu — sentei-me ao seu lado e suspirei.

— Acho que me deixei levar pela emoção — disse baixo, parecendo envergonhado.

— E eu gostaria de ter ouvido mais o meu lado emocional esses últimos dias.

Se eu tivesse ouvido meus instintos, que praticamente gritavam para que eu agarrasse, beijasse, puxasse Henrique para perto em tantos

momentos, talvez ele estivesse ao meu lado e eu poderia dizer-lhe o quanto eu o amava. Se tivesse ouvido meus instintos, talvez ele nunca teria partido.

— Acho que empatamos, então — Rodrigo riu.

— Talvez.

— Onde você esteve nos últimos dias?

— Por aí. Acho que me encontrei. Cometi muitos erros também, mas vou ficar bem — verbalizar isso me trazia alívio.

— Me desculpe, Analu. De verdade, fui muito idiota. Me desculpe! — Pela primeira vez, senti uma sinceridade genuína vinda de Rodrigo.

— Me desculpe também. Pelo o que eu disse e tudo mais!

— Que nada. Eu mereci.

Ficamos quietos, perdidos em nossos próprios mundos por algum tempo, mas não era um silêncio incômodo. Foi um momento reconfortante.

Passei pela porta do meu antigo quarto e estava de volta ao local onde tudo havia começado. De frente para nossa velha cama desarrumada, lampejos de memória da noite fatídica retornaram, mas simplesmente os ignorei, pois já não fazia a mínima diferença. Olhei para baixo e sob meus pés, notei vestígios de manchas avermelhadas, da garrafa de vinho que derrubei. Pensei em Vanessa e torci de coração para que ela pudesse encontrar alguém. Alguém que, diferente de Rodrigo, a respeitasse e a tratasse bem.

Peguei algumas coisas mais fáceis de carregar e coloquei tudo em uma caixa de papelão. Rodrigo me ajudou a dobrar algumas roupas e arrumar em uma sacola.

— Eu volto depois pra buscar o resto, se você não se importar.

— Imagina, esse apartamento aqui também era seu.

Era, num passado que agora parecia mais um filme distante da realidade. Quando pensava que tínhamos financiado aquele apartamento juntos, não sentia mais raiva, ódio e nem arrependimento de não ter lutado para ficar com ele. Aquela não era mais a minha vida, e se eu tivesse que voltar a viver de aluguel a partir dali, não ligava. Teria que me reconstruir, sem um lar definitivo para chamar de meu e sem o sonho do casamento, que um dia desejei tanto.

— E o que você vai fazer agora? — estava realmente intrigada para saber quais eram os planos dele.

— Viver — ele deu de ombros.

— Te desejo toda a sorte do mundo — sem qualquer estranhamento, nos abraçamos.

Pendurei a sacola com roupas no braço esquerdo e peguei a caixa de papelão. Rodrigo abriu a porta do elevador para mim.

— Analu? — Ele me chamou e eu virei para olhá-lo. — Eu desejo, de verdade, que você seja feliz.

Sorri e assenti com a cabeça. Rodrigo acenou, a porta se fechou e o elevador desceu. Agradeci o porteiro e saí do prédio, sentindo-me completamente leve.



CAPÍTULO 11

ANA LUÍZA

Terminar um relacionamento não era fácil, ainda mais quando era você quem tinha que tomar o primeiro passo e dizer adeus. Não menti quando disse que Rodrigo realmente me fez feliz e realizada. Ele me amou e eu o amei por três anos, e agora tudo o que eu queria guardar eram os bons momentos e os aprendizados que tirei de nossa relação.

Eu não seria verdadeira se dissesse que saí inteira. Não, não saí inteira. Saí machucada, perdida e confusa. Achando que jamais conseguiria ser feliz novamente, e que não seria capaz de amar e ser amada. Mas fui amada afinal e amei. E continuava amando.

Não estava completa naquele instante, afinal, Henrique não estava ali. Um pedaço meu parecia faltar. E mesmo que Amanda dissesse que sim, não havia nada que eu pudesse fazer. Peguei o celular e comecei a olhar as redes sociais. Um anúncio sobre adoção de mascotes surgiu na tela e lembrei-me imediatamente sobre a feirinha e do olhar doce do cãozinho que tinha visto no Ibirapuera. Digitei o nome da ONG e acabei encontrando a página deles no *Facebook*. Pelas atualizações, a feira de adoção estava sendo um sucesso. Torci para que todos os animais encontrassem um lar feliz, curti e compartilhei as postagens. Talvez eu adotasse um cachorro assim que arrumasse um novo apartamento para morar.

Continuei olhando e curtindo aleatoriedades na internet até que Amanda estacionou o carro novamente. Assim que levantei o rosto, percebi que não estávamos em frente ao seu prédio. Reconheci perfeitamente o lugar, o prédio residencial de apenas três andares onde minha mãe morava.

— O que estamos fazendo aqui? Esse é o prédio da minha mãe.

— Eu sei, ela me pediu para te trazer.

— Como é? — As palavras saíram atropeladas. — Por que cargas d'água minha mãe te pediria para me trazer aqui?

— Digamos que ontem, antes de dormir, eu meio que liguei pra ela e expliquei tudo que está acontecendo com você.

— VOCÊ LIGOU PARA A MINHA MÃE? — Berrei.

— Liguei sim e não adianta a senhorita dar chilique agora, pois não me arrependo nem um pouco.

Tive vontade de esganar Amanda.

— Por que você fez isso? — Choraminguei birrenta. — Eu não sou mais criança, posso muito bem ligar pra ela e explicar tudo! — Disse, contrariando minha atitude.

— Como se você fosse fazer isso! Quem não te conhece que te compre, Ana Luíza! Você não ligaria para sua mãe, porque não quer preocupá-la com os seus problemas, mas se esquece que ela é a sua mãe e tem o direito de saber.

Amanda não estava errada. Eu realmente não teria ligado para a minha mãe para contar o que aconteceu, nem em mil anos. Eu sabia o quanto ela se importava comigo e esteve ao meu lado quando soube sobre a traição, mas eu não queria deixá-la preocupada a toa.

— Falei novamente com ela enquanto você estava pegando suas coisas e sua mãe disse para te trazer direto para cá.

— Posso saber desde quando você tem o telefone da minha mãe?

— Desde quando dei carona para ela no dia do seu casamento. Ela pediu que eu ligasse se acontecesse qualquer coisa com você. Só estou cumprindo o combinado — fiquei de queixo caído ouvindo aquilo. — Não adianta fazer essa cara. Sua mãe e eu te conhecemos muito bem. Agora anda, vamos subir.



— Você e essa sua mania de achar que pode resolver tudo sozinha, Analu — foi a primeira coisa que ouvi, assim que passei pela porta do apartamento. — Eu devo ser a pior mãe do mundo mesmo, minha própria

filha não confia em mim. Tive que receber um telefonema da sua amiga pra saber o que estava acontecendo, porque você não foi capaz de me ligar.

Amanda manteve-se bem atrás de mim, sem se envolver em nossa discussão e, apesar de querer dar um sermão em mim, o tom de minha mãe não era explosivo, mas preocupado.

— Você não é a pior mãe do mundo. Nunca foi, sabe bem disso.

— Então me explica o porquê de você nunca me contar as coisas? Por que eu sempre tenho que saber por outras pessoas?

— Eu não queria te envolver nisso, mãe. Minha vida está enrolada demais e a senhora iria ficar preocupada sem razão.

Minha mãe perdeu meu pai quando ainda era muito jovem, me criou praticamente sozinha e jamais fraquejou. Mas quem a conhecia bem, sabia o quanto ela nunca havia superado a partida do amor de sua vida. Eu não o conheci, mas suas coisas, as fotos, e até mesmo o cheiro dele ainda estavam em todo o lugar. Minha mãe recusava-se a deixá-lo partir.

— Você é minha filha. Minha única filha. É tudo que me restou do seu pai, é um pedaço dele que ficou. Eu te amo e se tem alguma coisa que eu posso fazer por você, eu faço — disse, começando a chorar. — Mas quando você insiste em não me contar as coisas, eu fico me sentindo um lixo como mãe, porque sinto que você não confia em mim.

— Não é nada disso, mãe — segurei sua mão e a beijei. — Por favor, não ouse dizer isso nunca mais. Você é e sempre foi uma mãe incrível, eu amo muito você.

Envolvi aquela mulher tão fantástica e, naquele momento, tão frágil em um abraço. Ficamos ali, paradas no meio da sala por um tempo. Pelo canto dos olhos percebi que Amanda observava tudo, emocionada.

— Me perdoa se não te contei sobre tudo. Eu nunca quis te magoar, mas é que as coisas andam bem difíceis.

— As coisas também já foram difíceis para mim, filha, muito difíceis. Nunca superei a morte do seu pai. Talvez, nunca supere. Seu pai foi, sem dúvidas, o grande amor da minha vida e eu sempre tive certeza disso.

Ela caminhou pelo assoalho velho e pegou uma foto dele em sua estante de madeira.

— Quando ele se foi, eu sofri muito. Mas pouco tempo depois, você chegou e eu ganhei um novo sentido para viver. Não viverei um amor como aquele novamente, mas você pode viver — meu corpo inteiro gelou e eu me arrepiei. — O maior desejo da minha vida era que você vivesse um amor

como o que seu pai e eu tivemos. E quando você conheceu o Rodrigo eu realmente pensei que você tivesse encontrado o cara certo. Mas eu me enganei, filha — apesar de já saber o que ela ia dizer, eu não estava pronta para ouvir. — Justamente o homem da sua vida sempre esteve ao seu lado. Tão próximo, mas nem eu e nem você conseguimos enxergar. O homem que sempre te amou, desde criança. O homem que é capaz de tudo por você, ainda que isso o faça sofrer. O homem que te ama e que jamais seria capaz de te trair. O homem que quis o destino, foi justamente aquele com quem você se casou.

Que coisa mais traiçoeira é o destino.

— Eu o fiz sofrer, mãe — e lá estava eu, chorando novamente. Nunca seria capaz de me perdoar por deixá-lo partir daquela forma.

— Você ainda pode fazer a coisa certa, Analu. Precisa fazer a coisa certa!

— Eu não...

— Ana Luíza, você ama o Henrique, não ama? — Ela me interrompeu brava.

— Amo, é claro que eu amo, mãe! Mais do que tudo.

— Então lute, filha! Eu te proíbo de ficar aí parada se culpando por tê-lo ferido. Porque se você não correr atrás dele, vai se arrepender para o resto de sua vida. Você vai perdê-lo de vez e nunca mais será capaz de amar outra pessoa assim. E se você não for atrás dele agora mesmo, não vai estar só me magoando e magoando a Amanda, que torce tanto para que a relação de vocês dê certo, mas vai estar cometendo o maior erro da sua vida. Eu não quero isso para você e tenho certeza que seu pai também não iria querer.

— E o que eu faço agora, mãe? — Chorei.

— Vá atrás dele, Analu. Vá atrás dele! — Ela ordenou.

— Você pode usar o meu carro, amiga! — Amanda gritou da porta, enquanto balançava as chaves nos dedos.

Minha mãe deu um beijo em minha testa e apontou as chaves na mão de minha amiga.

— Vá com Deus, filha. E faça o que tem que fazer.

— Eu farei!

Amanda me deu a chave de seu carro assim que passei por ela, em direção a porta.

— Vai com tudo amiga, segura aquele homão!

Gargalhei e dei um abraço bem apertado nela.

— Rezem por mim!

Disparei pelo corredor, descendo rapidamente as escadas. Logo que pisei na calçada, esbarrei em uma mulher, derrubando-lhe a bolsa.

— Perdão — falei, pegando a bolsa do chão e entregando a ela.

Encarei-a pela primeira vez.

— Dona Amélia?

— Analu, querida, como você está? Pelo visto, com pressa.

— Eu nem tinha reparado que era a senhora, o que está fazendo aqui?

— A sua mãe me ligou pedindo que eu viesse até aqui porque você estava precisando de ajuda, aqui estou eu.

Minha mãe realmente era de outro planeta.

— É uma longa história, dona Amélia.

— Eu sei, querida. Acho que sempre soube que este era o seu destino.

— Minha mãe te contou sobre Henrique e eu?

— Ela nem precisou, meu amor. Estava escrito nas estrelas, Ana Luíza! Eu sempre soube — abri a boca em choque.

— Sempre soube?

— Quando sua mãe me ligou, eu senti que era com você. Você e aquele rapaz com quem você se casou.

— Eu não estou entendendo nada, a senhora disse que estava escrito nas estrelas? O quê? O que estava escrito e como a senhora sabia?

— Você pode não acreditar no destino, Analu. Mas ele tem planos pra você. Tem planos para cada um de nós. Quando você foi ao meu ateliê buscar seu vestido de noiva, eu já sabia que de uma maneira ou de outra você teria uma surpresa. Eu sentia isso no meu coração. Você se casaria com o homem da sua vida, mas não de uma maneira convencional.

Naquele instante, lembrei-me exatamente do arrepio que senti quando Dona Amélia me desejou felicidades no ateliê. O mesmo arrepio voltou a percorrer minha espinha.

— O mar realmente nos leva a muitos lugares, meu bem.

— Estou com medo, dona Amélia. Medo de ser tarde demais.

— Amantikir, Analu!

— O quê?

— A lenda de Amantikir — cambaleei e precisei me apoiar no muro ao nosso lado.

— A senhora conhece essa lenda?

— A lenda de Amantikir é muito antiga. Diz que uma princesa de um povo Tupi se apaixonou perdidamente pelo Sol e este mesmo Sol se apaixonou pela princesa. Ele manteve sua luz sobre a beleza dela, provocando um ciclo interminável. A Lua jamais aparecia, o dia nunca terminava. Enciumada, a Lua contou tudo a Tupã, que aprisionou a princesa na mais alta montanha, onde o Sol não a alcançaria jamais. O Sol entrou em desespero e tentou afogar-se no mar, enquanto a princesa chorava rios de lágrimas por ter perdido seu grande amor. Seu povo a chamou de Amantikir.

— A “serra que chora” — falei com a voz falha. — Amantikir significa “serra que chora”.

— Isso mesmo — toda a sanidade havia evaporado do meu corpo.

— Co-como a senhora conhece… — Gaguejei.

— Ana Luíza, sabe por que a princesa chorou tanto? — Ela me interrompeu. — Porque ela perdeu seu grande amor. É isso o que acontece quando perdemos um grande amor, nós choramos rios e mares — minha boca estava seca, eu não tinha palavras. — Não permita que isso aconteça jamais!

Eu tinha vontade de gritar mas não encontrava palavras, sequer conseguia emitir algum som. Estava paralisada de choque pelas palavras daquela senhora, que parecia ler a minha vida como se olhasse pelas linhas na palma da mão, como as videntes fazem.

— O que eu faço, dona Amélia?

— Lembre-se que tudo acontece por uma razão, menina. Peça a direção e Deus há de te guiar. Seu caminho já está traçado — aquela senhora tão bondosa e sábia fez o sinal da cruz em minha testa, como se me benzesse e se afastou, entrando no prédio de minha mãe.

Caminhei com as pernas trêmulas até o carro de Amanda, tentando processar o que tinha acabado de ouvir. Com as mãos no volante, notei o brilho da aliança que ainda reluzia em meu dedo anelar esquerdo. Dei a partida, mas não conseguia pensar no endereço dele. Precisava de luz, precisava de algum sinal de que eu não estava completamente louca, apesar de duvidar da minha própria lucidez. Saí do estado de torpor e comecei a dirigir até o lugar onde talvez encontrasse alguma explicação, o lugar onde tudo teve início: o lugar onde eu havia me casado com o homem da minha vida.

HENRIQUE

Parecia que, quanto mais péssimo eu me sentia, mais arrastado o dia passava. Não fazia a mínima questão de esconder minhas olheiras, resultado de uma noite mal dormida, ou minha cara de poucos amigos. Cada um carregava sua dor particular, mas se todos também tinham seu dia ensolarado, aquele sem dúvidas era um dos mais cinzas da minha vida, e não era por conta do clima.

Eu queria ir embora, mas não tinha para onde ir. Poderia dirigir para casa e ficar deitado até anoitecer novamente, mas o problema iria me acompanhar, não importava para onde eu tentasse correr. Alguns colegas passavam por minha mesa e perguntavam se estava tudo bem. Eu acenava com a cabeça e dizia um automático "sim, tudo bem" ou "só estou cansado". Acho que ninguém ali estava realmente interessado.

O horário de expediente finalmente terminou e eu sentia como se tivessem se passado anos e não horas. Desliguei meu computador e peguei meu casaco. Pela enorme janela do escritório, de onde era possível ver boa parte do Viaduto do Chá e da Praça da Bandeira, o céu anunciava que mais uma tempestade estava para começar.

Eu não queria ir para casa, precisava ir para outro lugar, qualquer lugar. Não sabia como espantar a dor em meu coração, que era dilacerante. Enquanto descia pelo elevador da empresa, pensava para onde correr. Os dias anteriores passavam na minha cabeça novamente, como um filme. Cada vez que lembrava dela, do casamento e de tudo que aconteceu depois, sentia uma mistura de sentimentos, queimando-me o peito. Na noite anterior, até havia sonhado com o rosto dela. No sonho, nós dois corríamos sem rumo em meio a um jardim, a luz do sol nos acompanhando. Até o momento em que Ana Luíza se afastou de mim, gradativamente. Tentei gritar, mas não saía nenhum som. Ela sumia do meu ponto de vista e eu tinha certeza que nunca mais a veria.

Encarei a aliança em minha mão esquerda e estremeci ao lembrar de nossos votos na igreja, do momento que fantasiei que poderia ser real e para sempre. Não entendia porque ainda não a tinha arrancado do dedo, já que estava mais do que nítido que tudo tinha acabado, que não havia passado de uma bolha de ilusão. Ainda assim, alguma coisa me impedia de tirar o anel. Engoli seco. Estava cansado de chorar.

Decidi ir a pé até o local em que nos casamos, que ficava a menos de quinze minutos do escritório. Não sei o que me levou até lá, mas eu precisava caminhar para me distrair.

O céu estava cada vez mais fechado, não deixando dúvidas de que a chuva que se aproximava de São Paulo, seria torrencial. É claro que, como boa pessoa que não sabe planejar muito, eu não tinha trazido nenhum guarda-chuva, apesar dos avisos da meteorologia. Antes de me casar, a última vez que havia entrado em um lugar como aquele, fora para as últimas homenagens de despedida de meus pais. Nunca fui de conversar com criaturas divinas, mas precisava de respostas e não tinha mais ninguém a quem recorrer.

Já passava das seis da tarde quando cheguei e reconheci o celebrante de longe. Sentei-me em um dos últimos bancos, coloquei o rosto entre as mãos, sentindo que estava prestes a desabar de novo.

Por favor me ajude.

Eu clamava por respostas, um sinal divino, qualquer coisa.

Por quê? Por que tudo isso? Por que primeiro eu perdi meus pais, e por que agora a Ana Luíza foi embora?

Permaneci imóvei no banco por mais tempo do que imaginei, até que uma mão tocou meu ombro.

— Nós já vamos fechar, filho.

Não sabia se ele se lembrava de mim.

— Preciso de respostas.

— É para isso que estamos aqui. Para que suas dúvidas e aflições sejam acalmadas, junto com o seu coração – respondeu, com a voz serena.

— Não, o senhor não entendeu. Eu realmente preciso de respostas, e talvez tenha que buscá-las pessoalmente.

Ele tinha um olhar confuso.

— Se quiser conversar de verdade, fale dentro do seu coração, meu filho. As respostas estão ali!

— Eu não sei mais o que fazer. Não sei se tem jeito.

— Para tudo na vida existe um jeito. Você está com algum problema? Pode confidenciar a mim.

As rugas em seu rosto denunciavam que já devia ter ouvido muitas confissões. Devia estar acostumado com pessoas desesperadas vindo buscar algum refúgio. Ele se sentou ao meu lado e fez um sinal com a cabeça, que me fez entender que eu podia abrir meu coração.

— Devo ter cometido algum erro terrível, tenho certeza disso.

— Todos nós erramos, meu filho, mas se nos arrependemos de verdade, o perdão é uma enorme conquista.

— Acho que fiz algo muito grave. É a única explicação.

— O que te aflige tanto?

Soltei um longo suspiro.

— Eu perdi tudo. Perdi meus pais, perdi a mulher que eu amo. Não tenho mais salvação.

Ele franziu a testa, um olhar cheio de compaixão.

— Meu filho, às vezes os obstáculos aparecem em nosso caminho e nós não conseguimos entender o porquê. Nós o questionamos, brigamos e maldizemos. Mas eu estou nessa profissão há muitos anos e posso lhe dizer que todos nós passamos por provações. Todos vamos passar por dificuldades, vez ou outra. Mas isso faz parte da caminhada. Não imagino o quanto você está sofrendo, mas mesmo que você não compreenda agora, tudo vai fazer sentido um dia.

— O que eu devo fazer? — As lágrimas surgiam gradualmente. — Eu não sei mais como suportar.

— Novamente, busque dentro do seu coração. E nunca se esqueça que tudo, absolutamente tudo ocorre por uma razão. Um dia, você vai entender, meu filho.

Um trovão alto fez com que um arrepio percorresse minha espinha. Senti uma leveza no corpo pela primeira vez.

— Obrigado — falei honesto. — Obrigado pelas palavras.

— Fique bem, meu filho! E confie em você!

Olhei para o final do corredor, lembrando-me de quando passei por ali. Sentia uma paz no coração, porque sabia que estava fazendo algo certo. Queria ir atrás de Ana Luíza, queria encontrá-la, queria falar com ela. Precisava falar com ela. Parei no alto da escadaria na entrada e observei as únicas fontes de luz, que vinham dos postes na rua. Uma silhueta aproximava-se da porta, e eu estreitei os olhos para enxergar melhor. Quando consegui ver o rosto com mais nitidez sob o temporal que desabou em nossas cabeças, o milagre estava a minha frente.

ANA LUÍZA

Parei o carro bem próximo ao local onde havíamos nos casado. A chuva caía impiedosamente, tornando o lugar estranhamente deserto. As luzes da cidade e a claridade que vinha de dentro do prédio antigo, porém, afastaram de mim qualquer medo do escuro. Eram quase sete da noite e mesmo que já fosse relativamente tarde, eu precisava ir até lá.

Peça a direção e Deus há de te guiar. Seu caminho já está traçado.

Saí do carro, esperançosa de conseguir entrar, apesar do horário. Era estranho estar ali depois de tudo. Se alguém tivesse me dito o quanto minha vida iria virar de cabeça para baixo em tão pouco tempo, eu custaria acreditar. Subi as escadas com cuidado para não escorregar. Vi quando alguém saiu pela porta e no minuto seguinte, ela se fechou.

Não acreditei. Não consegui chegar a tempo.

Preciso de respostas. Preciso de respostas. Preciso de respostas.

Pensei em bater na porta até abrirem, mas sabia que era inútil. Encarei o céu enquanto os pingos de chuva embaçavam minha visão.

Por favor, me dê um sinal.

O que eu estava fazendo ali? Por que fui parar ali? Por que não fui direto para o apartamento de Henrique? O que me fez dirigir até o centro da cidade, em uma quinta-feira à noite, e descer do carro em meio a uma chuva torrencial?

Pensei em dar meia volta e ir embora, mas algo me deteve. A única pessoa que havia saído de lá de dentro começou a se aproximar de mim. Eu não sabia quem era, mas também não sentia medo. Assim que a luz da rua iluminou seu rosto, entendi o porquê não estava com medo. Tudo fez sentido.

— Ana Luíza — a voz conhecida, calorosa e reconfortante daquele que tinha meu coração nas mãos me chamou.

— Henrique!

Estávamos frente a frente pela primeira vez depois do que aconteceu. Os sons ao redor tornaram-se baixos demais, os carros passando pareciam ter diminuído seu ritmo, até as gotas de chuva estavam caindo mais lentamente em cima de nós.

— O que está fazendo aqui? — Perguntamos ao mesmo tempo e caímos na risada.

— Eu não sei — falei com sinceridade. — Acho que vim atrás de um milagre.

— Eu também — ele deu um passo à frente, encurtando a distância entre nós.

— Eu senti sua falta — confessei, sem qualquer receio desta vez. — Senti muito a sua falta!

Ele tocou meu rosto com a mesma delicadeza de antes, mas agora não o sentia mais tremer.

— Eu também. Senti sua falta por tempo demais.

— Eu te amo, Henrique! Não posso viver sem você.

— Eu te amo, Ana Luíza. Sempre te amei, sempre vou te amar.

No instante seguinte, estávamos agarrados, envoltos em um beijo cheio de paixão e desejo. Tudo que eu sempre precisei, tudo que eu mais queria. Nem a chuva, nem qualquer outra coisa seria capaz de apagar nossa chama.

Nunca!



EPÍLOGO

ANA LUÍZA

Cinco anos depois

Deitar sob a sombra da nossa árvore era reconfortante demais. Digo "nossa" porque desde que estávamos juntos, Henrique e eu decidimos fazer dela o nosso refúgio secreto.

Por ser sábado, o Ibirapuera estava um pouco mais lotado, mas ainda assim, era um lugar tranquilo. Observei o horizonte e a tarde caindo, provocando um sentimento de paz. Se eu fechasse meus olhos, conseguiria repassar mentalmente esses últimos cinco anos em um segundo.

Tanta coisa havia acontecido, tanta coisa havia mudado. A Ana Luíza de vinte e oito anos, vestida de noiva, nervosa por estar casando-se com seu melhor amigo, não poderia imaginar que aquele seria o maior acerto de sua vida. Quem me dera se eu pudesse voltar no tempo e contar tudo para ela. Será que ela acreditaria?

Quando eu pensava em Henrique, sentia que o que tínhamos era muito mais do que apenas companheirismo, cumplicidade, admiração e conexão. Era algo além do nosso entendimento. Não conseguiria explicar, mesmo que tentasse. Eu só conseguia sentir.

Lembrei de todas as vezes que ele ficou acordado, estudando para passar em uma das melhores universidades de São Paulo, lembrei de toda a sua garra e luta, do seu medo de não conseguir terminar o curso de Direito. E agora, faltava menos de um semestre para sua graduação. Depois disso, viria a o exame da ordem dos advogados e muitos mais desafios, com certeza. Não importava, eu estaria sempre ao seu lado.

Repassei nossas viagens juntos. Todas boas demais para serem verdade: nosso mochilão pela América do Sul, os cinco dias mágicos que

passamos no Japão (finalmente ele havia aprendido a comer de hashi) e todas as outras que faríamos ainda, incluindo um tour pela Europa.

Pensei em Johnny, o vira-lata que decidimos adotar. A feira de adoção no Ibirapuera deu tão certo, que havia se tornado praticamente semestral. Depois da semana mais turbulenta da minha vida, voltamos ao parque no sábado seguinte, torcendo para que o cãozinho preto de olhos autênticos estivesse lá. Felizmente, Sabrina, a moça que nos atendeu da primeira vez e que viria se tornar uma grande amiga, nos disse que ele ainda não havia sido adotado e que de alguma forma, sabia que voltaríamos para buscá-lo, porque aquele olhar de amor ele deu somente para nós. Gosto de dizer que nós não o escolhemos, e sim que ele nos escolheu para sermos seus tutores.

Perdida em meus pensamentos, fui surpreendida com um beijo carinhoso de Henrique nos lábios, o que me fez abrir os olhos sorrindo.

— Você está tão linda hoje, até parece uma pintura, sabia?

Ele se sentou à minha frente, seguido por um Johnny alegre, após passarem um bom tempo brincando e correndo juntos pelo gramado.

— Você estava tão quieta e sozinha aqui, que eu e esse garotão resolvemos dar uma pausa — ele faz um afago na cabeça de Johnny.

— Eu nunca estou sozinha quando estou com vocês dois.

Henrique mexeu em sua inseparável mochila, que estava encostada na árvore e pegou uma garrafa de água.

— No que você está pensando? — Sondou, curioso.

— Em tudo! Em como eu era antes de você preencher minha vida por completo, em como eu achava que era feliz e, então, você conseguiu me fazer muito mais realizada do que eu jamais imaginei que seria e em como eu me sinto completa quando estou com você. Em todos os sentidos.

Ele se aproximou de mim e me deu outro beijo.

— Eu também, meu amor — meu marido disse e mexeu em meu cabelo, daquele jeito que só ele sabia fazer. — Nunca imaginei que seria tão feliz! Tenho medo de não merecer isso, tenho medo de um dia acordar e descobrir que tudo não passou de ilusão. Ter você comigo é maravilhoso demais para ser real.

Respirei fundo, enchi o peito de coragem para fazer o que eu achava que havia chegado o momento certo.

— Quero te mostrar uma coisa — peguei a cesta de piquenique que eu havia preparado mais cedo com todo o cuidado do mundo. — Uma coisa muito importante!

Empurrei a cesta em sua direção, fazendo um suspense proposital.

— O que é? — Ele me olhou desconfiado, com um sorriso travesso no rosto.

— Você lembra quando a gente começou a planejar a viagem para a Europa e eu tinha dito que era melhor adiar um pouco, porque eu tinha acabado de ser promovida no trabalho?

— Sim, claro que lembro. O que tem?

Henrique parecia totalmente focado em mim. De fato, eu havia conseguido uma excelente promoção na empresa, mas essa não era a única boa razão para adiarmos a viagem.

— É que além da promoção, tem mais um motivo para esperarmos um pouco mais — tentei controlar minha ansiedade, mas era quase impossível. — Abre! — Falei, apontando para a cesta.

— O que a senhora está aprontando agora? — Ele perguntou, com os olhos semicerrados.

— Você vai entender.

Henrique colocou a mão na cesta, enquanto me encarava e tentava decifrar o porquê de tanto mistério. Quando retirou sua mão da cesta, ele estava segurando exatamente o que eu queria: um sapatinho de bebê, feito em crochê branco.

Meu marido encarava o sapatinho em suas mãos, sem dizer nada.

— Ana, você... — Murmurou, mas sem conseguir completar a frase.

— A nossa família vai crescer, meu amor! — Tirei o par do sapatinho do bolso, com um sorriso enorme no rosto e uma animação quase infantil. — Estou grávida!

Henrique me beijou emocionado e eu pude sentir suas lágrimas molharem meu rosto.

— Quando você estiver se formando no semestre que vem, eu não vou estar sozinha para te aplaudir.

— Eu vou ser pai! — Ele gritou e eu gargalhei. Meu marido se levantou, estendeu a mão para que eu me levantasse também e me tirou do chão em um abraço apertado. — Eu vou ser pai!

Sem nem perceber, eu também já estava chorando.

— Eu prometo meu amor, eu prometo que eu vou ser um bom pai — ele acariciou minha barriga com cuidado e a beijou. — Eu prometo!

— Eu sei. Tenho certeza que essa criança já ama você, porque eu te amo tanto que ela sente isso por mim.

Parecendo entender o que estava acontecendo, Johnny ficou sobre as duas patinhas traseiras e se apoiou em minhas pernas, como se quisesse participar da nossa comemoração.

— E o Johnny vai ganhar uma irmãzinha ou um irmãozinho? — Henrique perguntou em tom de brincadeira, pegando o cãozinho no colo.

— Se for menino, eu quero que ele se chame Carlos Eduardo em homenagem aos avós — encarei Henrique que sorriu ao ouvir a junção do nome dos nossos pais. — Se for menina, eu quero que seja Lorena, em homenagem a sua mãe. — Meu marido me olhou com lágrimas nos olhos e assentiu, sem dizer nada. — Porque eu sei que onde quer que estejam, eles vão zelar pelo neto ou neta deles. Serão os três anjos da guarda do nosso bebê!

Pensei em como minha mãe, dona Amélia e Amanda iriam reagir quando soubessem da notícia. Mesmo tão pequenininho, nosso bebê já seria tão amado.

— Eu te amo, Ana Luíza!

— Eu também te amo, meu amor!

Antes, eu não costumava acreditar no destino. Mas quando olhava para meu alicerce, pensava que a melhor definição que poderia existir para nos descrever era "encontro de almas". O paraíso existia sim, e quando eu via Henrique, tinha certeza que o meu era na Terra, ao seu lado. E que, se cada um de nós possuía sua alma gêmea, eu sabia que ele havia encontrado a dele, e eu a minha.

AGRADECIMENTOS

Jamais achei que escreveria e muito menos que publicaria um livro fisicamente algum dia, mas quando pensava nessa hipótese, sempre me vinha à cabeça como seria possível escrever os agradecimentos sem deixar ninguém de fora. Juro que fiz o melhor que pude.

Quando *Alicerce* chegou na minha vida quase sem fazer barulho e tudo ainda era um mero rascunho no meu Google Drive, sem qualquer pretensão de chegar ao Wattpad ou à Tulipa Editora, eu era uma menina prestes a fazer 18 anos, recém saída do ensino médio e caloura na faculdade de Comunicação Social, cursando Publicidade e Propaganda e tentando encontrar algum rumo na vida, tanto profissional quanto pessoal.

Não sabia o que queria e muito menos o que iria encontrar ali, apenas que queria trabalhar com criatividade de algum modo. E foi ainda na faculdade que meu caminho se cruzou com o da escrita pela primeira vez, mais precisamente, com a redação publicitária e desde então não fui mais a mesma.

Porém, foi só após uma conversa com uma amiga enquanto a gente voltava para casa de metrô, que a ideia inicial de uma mulher que fingia se casar com o melhor amigo apenas para curtir a festa de casamento surgiu, feito uma inspiração vinda do nada.

Essa inspiração cresceu, ganhou forma desde a primeira letra em um documento em branco, até se transformar no livro que você, leitor, está segurando agora. E tenho tanto orgulho dele, que não cabe em mim. <3

Mas a minha parte de sentar e escrever incansavelmente essa história por nove meses a fio (seria *Alicerce* o meu filho?) foi minúscula, comparada a todo o processo para chegar aqui, e sei do fundo do meu coração, que a realização deste sonho não seria possível sem cada pessoa que me

acompanhou nestes cinco anos, entre concepção, produção e publicação. Cada uma delas merece toda a admiração possível.

A começar pelos meus pais, Silvia Fekete Oshima e Mário Massao Oshima, que me apoiaram desde o começo, nessa empreitada maluca chamada escrita e nunca deixaram de demonstrar seu amor incondicional. Mãe, você é a mulher da minha vida e eu te amo com todas as minhas forças, obrigada por tudo. Pai, obrigada por apoiar esse sonho quando ele ainda nem ao menos tinha cara de sonho, queria que o senhor estivesse aqui para pegar este livro na mão e me dizer que consegui. Sinto saudades, te amo para sempre.

Aos meus avós, Francisco Fekete, Rosa Facchini Fekete, Satoshi Oshima e Midori Oshima. Obrigada por cuidarem de mim desde o início, sei que se estivessem aqui, vocês ficariam felizes.

À toda a família Moura, principalmente minha tia Regina, meu tio Cláudio, minhas primas Cláudia, Cíntia e Arlete, por me darem todo o amor do mundo desde que nasci. Aos meus primos, Eduardo e Gustavo, por encherem meus dias de alegria, mesmo à distância.

À Flávia, Maria e Lara, por transbordarem amor e apoio desde que me conheço por gente.

À Marcelo, Milena, Anthony e Fabrício, principalmente por tornarem os últimos 4 anos um pouco mais fáceis para nós, obrigada por tudo.

À Marcos, Leonardo, Marisa e Carlos, por sempre me apoiarem de todas as formas que podem, inclusive lendo este livro.

Às minhas tias, Elza e Maria Oshima, por estarem sempre ao meu lado, incentivando meu gosto pela leitura, mesmo antes de eu saber o que era isso.

Aos meus irmãos, Elaine, Viviane e Michel, e à Lúcia, por apoiarem meu trabalho e me darem o apoio que eu tanto precisei, cada um ao seu modo, principalmente nesses últimos dois anos tão difíceis.

Aos meus sobrinhos, Júlia, Fernando e André. Que vocês possam sempre seguir e conquistar todos os sonhos que moram em seus corações.

Às minhas amigas desde o início da vida, passando pela escola e para sempre, Renata Souza Baia, Sarah dos Anjos de Moraes, Gabriela Andrade, Andressa Moreira e Gabriela Raluy. Obrigada por vocês serem praticamente as primeiras leitoras deste livro, quando ele ainda era um rascunho, e também por serem luz na minha vida.

Às minhas amigas e amigos de faculdade que acabaram se tornando para a vida toda, Helen Souza, Juliana Cardoso, Camila Lima, Amanda Drexler, Brenda Britto, Luana Carolina, Mariana Ortiz, Mariana Ruiz, Débora Andrade, Mayra Batista, Natalia da Silva**,** Beatriz Amorim, Rafael Oliveira Sá, Thais Souza, Gabriela Veiga, Deyvson Gabriel, Cleyton Oliveira, Daniella Almeida, Victor Martins, Queila dos Santos e Thayna Stacy. Desde que esse livro era apenas uma ideia, cada um de vocês me acompanhou em momentos diferentes, do início até o fim do curso de Publicidade e Propaganda, e de alguma forma, me apoiou, me deu carinho, me disse palavras de incentivo, quando eu mais precisava. Sou grata à Uninove por ter conhecido vocês.

Aos meus amigos desde a época da escola, Lucas Rodrigues, João Pedro Salles Guimarães, Nayra Costa, Amanda Teixeira, Gaby Borini, Melissa Gomes, Gabriella Santana, Maíra Melo, Natalie Melo e Damares Melo. Sei que a vida, após o fim do ensino médio, nos afastou, mas ainda assim, cada um de vocês está no meu coração. Obrigada por todo o carinho demonstrado com meus projetos desde o início, vocês merecem todo o sucesso e o amor do mundo.

À minha prima, amiga e aluna maravilhosa, Stefani Oshima Mendes. Amiga, a sua história de amor com o Samuel é digna de estar em um livro também. Vocês serão (já são) tão felizes quanto a Ana e o Henrique. Obrigada por tudo.

À Luciane Nascimento, Fernanda Nascimento, Rafaella da Silva, Giana Viscardi, Denisia Beukers, Adriana Barcellos, Gabrielle Pittol, Maristela Szarnobay e Sheila Santana, por demonstrarem todo o seu amor, gentileza e apoio mesmo à distância e nos momentos mais difíceis. Sou eternamente grata por isso e pela força que emana de vocês, meninas.

À Jeferson, pelas nossas conversas e por sempre acreditar em mim e nos meus livros. Você é incrível, menino!

À Elaine Therezinha Souza Baia, Rose Andrade e Andrea Moreira. Vocês me acolheram em suas famílias e me tornaram parte delas, obrigada por isso e por sempre apoiarem meus projetos.

À minha psicóloga Amanda Abade, obrigada por me ouvir, apoiar e compreender por tanto tempo. Muitos dos meus medos e desejos envolvendo escrita e criação de histórias compartilhei apenas com você.

A todos os meus professores e professoras, desde o início da alfabetização até a faculdade. Sem o ensinamento de cada um de vocês na

minha vida, eu certamente jamais teria me apaixonado pela leitura e muito menos pela escrita, e todo o poder que ambas carregam. Vocês merecem todo o amor, apoio e valorização que tentam passar para os seus alunos. Obrigada pela bagagem.

À toda equipe da E-Vitrine Marketing. Vocês me acolheram e me ofereceram uma oportunidade de trabalhar escrevendo, quando eu estava completamente perdida e cheia de medo de tentar. Obrigada por acreditarem em mim.

À Carine Leal, minha fada-madrinha da redação que leu meu conto e elogiou minha escrita na confraternização da firma e Adriana Barcellos, minha fada-madrinha do SEO, que enxergou potencial em mim e ensinou tudo que eu sei sobre redação para web. Vocês são inspiração.

Aos meus alunos e amigos do CNA Santa Cecília. Vocês me inspiram e alegram todos os dias. É gratificante aprender tanto com vocês. Obrigada por acreditarem que eu seria capaz de ser *teacher*.

À Karla Teixeira e Thaís Silveira, amigas maravilindas que o Wattpad me deu, e a todos os incríveis leitores da plataforma, que enchem meus dias de alegria e motivação desde que publiquei o prólogo da história lá, em 2019. Vocês acompanharam Analu e Henrique do início ao fim, e se Alicerce ultrapassou 11 mil leituras, foi graças ao engajamento de cada um de vocês. Jamais esquecerei o que vocês significam para mim e para o sucesso deste livro. Mil vezes obrigada.

Gratidão eterna às tulipas mais lindas do meu jardim e autoras maravilhosas, Fernanda Segantini e Mariana Pereira, por acreditarem que a história de Ana e Henrique daria um bom livro físico e merecia carregar o selo da editora. O trabalho de vocês duas é inspirador e muda o mundo. Obrigada por todo esforço para tornar este livro possível e principalmente por me apoiarem e cuidarem de mim desde que nos conhecemos. Vocês mudaram minha vida para melhor e devem saber disso!

Por fim, minha gratidão a você, leitor. Se chegou até aqui, só tenho a agradecer. Obrigada por ter dado uma chance ao meu livro, saiba que carrego você no meu coração. Espero que tenha gostado da saga de Ana Luíza e Henrique, e que possamos compartilhar muitas boas histórias uns com os outros, pois é isso que torna a vida mais bonita.

Até a próxima!

Com amor,

Mariana